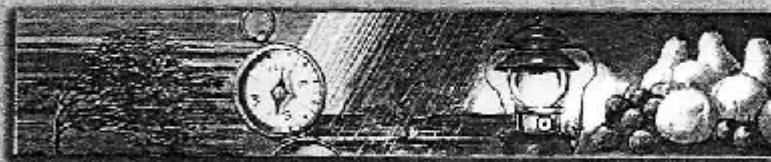


O
MISTÉRIO
DO
ESPÍRITO
SANTO



*Conheça a Pessoa e a Obra do Espírito
Vivo do Deus Vivo*

RC SPROUL

CONTEÚDO

Prefácio	7
1 Quem E o Espírito Santo?.....	9
2 O Espírito Santo É Deus.....	21
3 Mistério da Trindade	33
4 Essência e Pessoa:	
Sondando o Mistério da Trindade.....	53
5 O Espírito Santo na Criação	75
6 O Novo Gênesis:	
O Espírito Santo e a Regeneração	91
7 Sãos e Salvos pelo Espírito Santo	113
8 O Batismo do Espírito Santo.....	133
9 O Fruto do Espírito	161
10 O Outro Consolador.....	179

PREFÁCIO

"O Espírito Santo não deixa pegadas na areia." Essas palavras são de Abraham Kuyper, em sua obra clássica sobre o Espírito Santo. Jesus deixou pegadas na areia. Ele era o Deus em carne, Deus dotado de natureza humana. Quando os discípulos de Jesus andavam com ele, podiam ouvir a sua voz, tocar em suas mãos e observar a areia respingando sobre os seus pés, enquanto ele percorria as praias do mar da Galiléia.

Mas o Espírito Santo é como o vento. Disse Jesus: "*O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai*" (João 3.8). Não se pode capturar o vento em uma garrafa. O vento é esquivo e misterioso, mas não obstante, é real. Vemos os efeitos do vento — árvores balançando e vergando ao vento, bandeiras drapejando. Vemos também a devastação causada pelos terríveis tufões. Vemos o oceano tornar-se violento sob o vendaval. Somos refrescados pela brisa gentil em um dia de verão. Sabemos que o vento está presente.

Outro tanto sucede no caso do Espírito Santo. Ele é intangível e invisível. Mas as suas operações são mais poderosas do que o vento mais violento. O Espírito Santo põe ordem no caos, e beleza na feiúra. Ele pode transformar um homem maculado pelo pecado em um modelo de virtudes. O Espírito Santo modifica as pessoas. O Autor da vida é, igualmente, o Transformador da vida.

Visto que o Espírito Santo é misterioso, somos vulneráveis diante das superstições e distorções sobre a sua pessoa e as suas operações. Neste ponto devemos escutar com cuidado as Escrituras, enquanto elas nos reve-

lam o caráter de Deus Espírito Santo.

Este livro diz respeito a ele, a Terceira Pessoa da Santa Trindade. Este livro foi escrito para o crente leigo sério, e procura evitar questões técnicas teológicas indevidas. Algumas seções vão requerer uma meditação profunda. Outras perscrutam o abstrato, pois isso é inevitável, se desejamos crescer em nosso entendimento sobre o Espírito.

Este livro foi escrito para aqueles que desejam possuir uma vida espiritual mais profunda, um resultado que não pode ter lugar à parte do Espírito, aquele que santifica.

Orlando, páscoa de 1989

CAPÍTULO UM
QUEM
É
O
ESPÍRITO
SANTO?

*Aquele que não conhece
Deus o Espírito,
não pode conhecer Deus de modo
algum.*

THOMAS ARNOLD

OS POETAS nos dizem que, na primavera, as fantasias de um jovem voltam-se para o amor. Na primavera de 1958, minha fantasia estava trancada em um conflito mortal. Foi um conflito entre a minha humanidade mortal e a lei imortal de Deus, uma batalha que não pode ser vencida, plena ou finalmente, por nenhum ser humano. Eu estava experimentando meu próprio "Meio- Dia" particular. Se posso lembrar as palavras do tema da canção do clássico do cinema que tinha Gary Cooper como astro, elas iam mais ou menos assim:

*Oh, estar dividido entre o amor e o dever:
supondo que eu perca minha amada de lindos cabelos.
Olhe para aquela grande mão movendo-se...
aproximando-se do meio-dia...*

Minha amada não possuía tão belos cabelos, mas todo o resto cabia dentro de minhas circunstâncias. Eu estava dividido entre o amor e o dever, e o relógio já estava quase marcando o meio-dia.

Em 1952 me apaixonei. Na primavera de 1957 dei à minha namorada um anel de diamante. Ficamos noivos e marcamos a data do casamento. A cerimônia foi marcada para junho de 1960.

Mas todos os nossos sonhos e planos de casamento foram abalados por uma inesperada onda de choque que nos atingiu no outono de 1957. Fui subitamente, violentamente (em um sentido espiritual) convertido a Cristo. Corri para dar à minha noiva a alegre notícia. Eu quase nem

podia esperar para falar a ela da minha nova fé, na plena expectativa de que ela abraçaria o Senhor imediatamente, comigo.

Derramei diante dela a história de minha conversão. Eu estava fervendo de entusiasmo espiritual. Eu tinha encontrado a pérola de grande preço e estava exaltando as maravilhas da opulência dessa pérola para ela.

Minha noiva não se mostrou nada impressionada. Era como tentar descrever um caleidoscópio para um homem cego. Ela me ouviu polidamente, mas manteve uma remota indiferença sobre o assunto. Ela se refugiou na esperança de que eu estivesse experimentando uma "fase", estivesse flertando com alguma espécie de loucura religiosa temporária.

"O que você quer dizer com isso de ter-se tornado um cristão?" ela perguntou. "Você sempre foi um cristão. Você foi batizado, confirmado e tudo o mais."

Ela tinha sido confirmada na mesma igreja em que eu fora confirmado. Cantávamos juntos no coro da igreja. Íamos juntos à reunião dos jovens. Aprendemos a dançar juntos nos bailes sociais da igreja. E agora eu estava falando em ter "nascido de novo". Essa era uma expressão que ela nunca antes tinha ouvido. Isso aconteceu antes de Jimmy Carter, antes de Chuck Colson, antes que a frase *nascido de novo* tivesse invadido o dicionário da cultura popular americana. Em 1958, a frase transmitia à minha noiva um sinal de fanatismo que representava uma clara e perigosa ameaça ao nosso relacionamento.

Conforme os meses foram passando, o que eu esperava que fomentasse o meu relacionamento com minha noiva, em lugar disso causou uma severa tensão. Logo descobri que não eram muitas as pessoas que comparti-

lhavam de meu entusiasmo de ter nascido de novo. Minha mãe sentiu que eu estava rejeitando a ela e aos seus valores. Minha irmã ficou hostil comigo. Meus amigos estavam incrédulos. Meu pastor, dentre todas as pessoas, chamou-me de "maldito imbecil".

Eu estava começando a aprender as tensões criadas pelas diferenças de crença e de entendimento do cristianismo. Eu também estava começando a aprender não somente os mandamentos de Moisés, mas também de Cristo. Mas a pior regra de todas, a regra que me rasgava a alma, era aquela de estar *preso por jugo desigual*. Fui instruído que um crente não tem permissão de casar-se com um incrédulo.

No entanto, eu estava apaixonado por uma moça incrédula. Eu era noivo de uma jovem incrédula. Eu estava dividido entre o amor e o dever.

Tentei barganhar com Deus. Fiz um voto diante dele. Votei que se minha namorada não se tornasse crente até o final de uma visita que ela faria ao meu colégio, eu terminaria o noivado.

Nada disse a ela sobre o meu voto. Também não falei com ninguém a esse respeito. Era um pacto particular entre eu e o Todo-poderoso.

Na manhã do dia em que ela tinha marcado que chegaria, tranquei-me no meu quarto e iniciei uma vigília de oração intercessória. Fiz os apelos da viúva importuna da parábola de Jesus, parecerem suaves. Se houvesse um anjo presente para me enfrentar eu teria deixado no colchão um paraplégico. Eu desconhecia inteiramente a questão da eleição e dos decretos eternos. Se Deus não tinha o nome de minha noiva no Livro da Vida, eu queria inscrevê-lo ali naquele mesmo dia. O violento estava conquistando

à força o reino de Deus. Ou, pelo menos, era o que eu estava tentando fazer.

Naquela noite ela foi comigo a uma reunião de oração. Ela estava relutante. Estava desconfiada. Ela estava frustrada com a minha insistência para que ela fosse comigo àquela "reunião religiosa".

No meio da reunião de oração, ela, tal como João Wesley, em Aldersgate, sentiu o coração "estranhamente aquecido". E tal como Agostinho no jardim e Martinho Lutero na torre, ela viu as portas do paraíso se escancararem, e entrou por elas.

Terminada a reunião, com uma agitação que ultrapassava à minha, ela proferiu estas palavras exatas: "Agora eu sei quem é o Espírito Santo".

Esse comentário não reflete a análise de um teólogo treinado. Foi a observação de uma nova convertida à fé cristã. Penso, entretanto, que essas palavras merecem alguma exposição. Foi a reação espontânea a uma experiência de transformação de vida, e encerra o discernimento de uma reação virgem, de primeira olhadela, diante da fé.

Por mais simples que soe, essa declaração contém vários profundos discernimentos. Portanto, vamos examiná-la de perto.

A palavra *Agora* é muito significativa. *Agora* refere-se ao tempo presente. As implicações claras são que o *agora* faz um violento contraste com o que acontecia antes. O *agora* chama a atenção para algo novo que não estava presente até ali.

Quando minha noiva fez essa afirmativa, ela explicou que no passado ela já tinha ouvido falar no Espírito Santo. O Espírito Santo era mencionado na igreja. A fór-

mula trinitariana: "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" era ouvida com frequência nas cerimônias de casamento, nas palavras dos sacramentos do batismo e da ceia do Senhor, nas bênçãos e nas palavras de encerramento da oração pastoral.

Não obstante, em sua experiência na igreja, as palavras *Espírito Santo*, referiam-se simplesmente a uma porção vaga e abstrata da liturgia. O nome ou título da Terceira Pessoa da Trindade não tinha qualquer significação concreta para ela.

A palavra *sei* assinala o despertar de um reconhecimento. De súbito, um reconhecimento abriu caminho, que estivera fechado pela abstração: "Agora eu sei".

Quando Vesta (minha noiva) adicionou as palavras *eu sei*, ela estava confessando um novo tipo de conhecimento. Não tinha sido a primeira vez em que ela ouvira falar sobre o Espírito Santo. Ela estava familiarizada com essa linguagem. Ela já havia estudado o catecismo. Ela possuía alguma consciência cognitiva do Espírito Santo.

Agora eu sei indica um novo tipo de conhecimento, um conhecimento que passa do meramente cognitivo para o tipo pessoal e experimental.

Essa declaração de Vesta faz-me lembrar do ensino apostólico acerca da consciência espiritual. Declarou Paulo aos crentes de Corinto:

Mas, como está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam. Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus. Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, se-

não o seu próprio espírito que nele está? Assim também as coisas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus. Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e, sim, o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente. Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais. Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente (1 Co 2.9-14).

Essa passagem é tão importante para o nosso entendimento sobre o Espírito Santo que retornaremos a ela mais adiante, para uma exposição mais completa. Entretanto, notamos que Paulo falava aqui de uma espécie de discernimento espiritual que não é "natural" para nós. Em outras palavras, em nosso estado humano decaído nos falta a habilidade de acolher as realidades de Deus. De fato, Paulo declarou enfaticamente: *"não pode entendê-las"*.

É impossível que uma pessoa não-espiritual tenha o discernimento das realidades espirituais. Não somos, por natureza, pessoas espirituais. Uma pessoa não pode discernir coisas espirituais enquanto não for primeiramente vivificada, pelo Espírito de Deus, para as realidades espirituais. É a obra de regeneração do Espírito, ou renascimento espiritual, que nos capacita a ter discernimento espiritual.

Quando Vesta disse: *Agora eu sei*, ela estava consciente — ou mesmo inconscientemente — dando testemunho de seu novo estado espiritual, de sua conversão.

"Agora eu sei quem é o Espírito Santo."

É significativo que Vesta não tenha dito: "Agora eu sei *o que é* o Espírito Santo ". Ela sabia *quem* ele era. Sua consciência inicial do Deus Espírito Santo foi a consciência de uma presença pessoal.

A Bíblia revela o Espírito Santo não como uma força abstrata, um poder ou uma coisa, mas como "ele". O Espírito Santo é uma pessoa. Uma personalidade inclui inteligência, vontade e individualidade. Uma pessoa age por intenção. Nenhuma força abstrata pode *tencionar* fazer qualquer coisa. Boas ou más intenções são limitadas aos poderes dos seres pessoais.

A BÍBLIA USA PRONOMES PESSOAIS PARA INDICAR O ESPÍRITO SANTO

Quando falamos sobre pessoas usamos pronomes pessoais como eu, tu, ele e ela. Naturalmente, há ocasiões quando tais palavras são usadas para indicar objetos impessoais ou coisas. Usamos termos no masculino ou feminino para nos referir a coisas como embarcações, carros ou igrejas. Normalmente isso é feito de maneiras claramente reconhecíveis. A personificação também é um instrumento útil nas expressões poéticas.

Entretanto, quando as Escrituras usam pronomes pessoais para indicar o Espírito Santo, elas o fazem em passagens que não são poéticas, mas narrativas e didáticas. Lemos em Atos 13.2:

E, servindo eles ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado.

Observamos aqui o uso das palavras me e eu (oculto, dentro da frase "a *que* (eu) *os tenho chamado*", atribuídas ao Espírito Santo. Também notamos de passagem

que, nesse texto, o Espírito Santo fala e dá instruções inteligíveis e intencionais. Observamos uma ocorrência similar em João 15.26:

Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim.

Aqui Jesus, se refere ao Espírito Santo usando as palavras *que* e *esse*. Alguns estudiosos poderão replicar que, neste texto, a palavra grega para *Consolador* não está no gênero masculino e que, de acordo com as regras da gramática, o pronome deve concordar com o substantivo quanto ao gênero. Entretanto, há uma cláusula intercalada, ("*o Espírito da verdade, que*") que usa o gênero neutro para indicar o Espírito. Se o escritor sagrado quisesse dar a entender que o Espírito deveria ser pensado como uma força impessoal e neutra, não havia razão alguma para usar o pronome masculino *esse* em conjunção tão próxima com um substantivo neutro.

Se essa questão não é muito clara no capítulo quinze do evangelho de João, ela fica clara como cristal, em João 16.13:

Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas que hão de vir.

Não há neste texto bíblico qualquer razão gramatical para se usar o pronome masculino, *ele*, a menos que Jesus tencionasse declarar, nesta passagem didática, que o Espírito Santo é uma pessoa.

SOMOS CHAMADOS A UM RELACIONAMENTO PESSOAL COM O ESPÍRITO SANTO

A Bíblia nos convida a *crer* no Espírito Santo. Somos batizados em seu nome, bem como no do Pai e do Filho. O Espírito Santo é um objeto de oração. Os crentes não devem dirigir-se a "coisas" em suas orações. Fazer isso seria idolatria. Devemos nos dirigir exclusivamente a Deus, que é um ser pessoal.

A bênção apostólica, nas páginas do Novo Testamento, inclui referência à comunhão e ao companheirismo com o Espírito Santo:

A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós (2 Co 13.14).

O Novo Testamento exorta-nos a não pecarmos contra o Espírito Santo, a não resistirmos ao Espírito Santo e a não entristecermos o Espírito Santo. Ele nos é apresentado como uma pessoa a quem podemos agradar ou ofender, que pode amar e ser amado e com quem podemos ter comunhão pessoal.

O ESPÍRITO SANTO REALIZA TAREFAS PESSOAIS

O Espírito Santo se relaciona conosco como uma pessoa. Ele faz coisas por nós e em nosso favor, coisas essas que, normalmente, associamos a atividades pessoais. Ele nos ensina. Ele nos consola. Ele nos guia. Ele nos encoraja.

Essas atividades podem ser realizadas, ocasionalmente, por objetos impessoais. Os marinheiros podem ser "guiados" pelas estrelas. Podemos ser consolados ao contemplar um belo pôr-do-sol. Mas o consolo derivado de

tal contemplação baseia-se na suposição, consciente ou inconsciente, de que, por detrás do pôr-do-sol existe a pessoa do artista que o criou. Também podemos ser "ensinados" quando observamos objetos naturais, mas tão somente por meio de analogias.

A maneira como o Espírito Santo consola, guia, ensina, etc, é uma maneira pessoal. Quando ele realiza essas tarefas, a Bíblia as descreve como atividades do Espírito, que envolvem inteligência, vontade, sentimentos e poder. O Espírito também perscruta, seleciona, revela e admoesta. As estrelas e o pôr-do-sol não agem dessa maneira.

Em suma, concluímos que se o Espírito Santo pode ser amado, adorado, obedecido, ofendido, entristecido, ou se podemos pecar contra ele, é porque ele deve ser uma pessoa.

Mas permanece de pé a pergunta: O Espírito Santo é uma pessoa distinta? Ele possui uma personalidade que pode ser distinguida da personalidade de Deus Pai ou da personalidade de Deus Filho? Todas as qualidades pessoais que a Bíblia atribui ao Espírito Santo realmente se referem à personalidade do Pai, sendo o Espírito apenas um aspecto dele?

Essas perguntas de imediato levantam o problema de como devemos pensar acerca de Deus. Nós cremos em um Deus ou em três Deuses? A difícil e misteriosa idéia da Trindade intromete-se em nossa maneira de pensar desde o instante em que começamos a pensar no Espírito Santo como uma pessoa distinta. Faz parte da fé clássica da Igreja que o Espírito Santo não somente é uma pessoa; ele é, igualmente, uma pessoa divina; ele é Deus.

CAPÍTULO DOIS

O
ESPÍRITO
SANTO
É
DEUS

Cada vez que dizemos "Creio no Espírito Santo ", queremos dizer com isso que acreditamos na existência de um Deus vivo capaz e disposto a entrar na personalidade humana e modificá-la.

J. B. PHILLIPS

JÁ vimos que a Bíblia revela ser o Espírito Santo uma pessoa e não alguma coisa. Chamamos ao Espírito de *ele*, e não de *isso*. Ao mesmo tempo, a Bíblia também revela que o Espírito Santo é uma pessoa *divina*, ele é Deus. Este capítulo — assim como o resto deste livro — afirmará isso fartamente. Mas, antes de podermos olhar para o Espírito Santo como Deus, devemos primeiramente olhar para Jesus Cristo como Deus.

Durante séculos tem havido debates amargos acerca da deidade de Jesus Cristo. Em cada geração de crentes tem havido esforços para reduzir Jesus a um nível meramente humano. A confissão da Igreja cristã tem sido que Cristo é o Deus-homem, uma pessoa com duas naturezas, a divina e a humana. Por ocasião do concílio de Calcedônia, em 451 d.C, a Igreja declarou que Jesus é verdadeiro homem (*vere homo*) e verdadeiro Deus (*vere deus*).

Nada menos que quatro séculos da história da Igreja foram assinalados por severos debates acerca da deidade de Cristo. Foram os séculos IV, V, XIX e XX. Menciono isso porque estamos vivendo o final de um dos séculos em que a deidade de Cristo tem sido mais tremendamente disputada (De fato, o livro *The Myth of God Incarnate* — O Mito do Deus encarnado, que lançava em sérias dúvidas a deidade de Jesus, foi popular há poucos anos atrás. Infelizmente, não foi escrito por pessoas que não pertenciam à igreja, mas antes, por respeitados mestres de teologia). Cristo ó visto como o maior dos homens, um pro-

feta sem par, um exemplo supremo de ética, um modelo de "autenticidade" existencial, um símbolo do espírito humano revolucionário, um poder angelical ou mesmo um filho de Deus "adotado". Todas essas designações, entretanto, usualmente incluem a idéia de que Jesus é uma criatura, um homem ou um anjo, criado por Deus. E todos esses pontos de vista também incluem a idéia de que Cristo teve começo no tempo e no espaço. Eles negam a eternidade e a co-essencialidade de Cristo com Deus.

Algumas religiões modernas exaltam a pessoa de Jesus de modo que ele funciona como foco da devoção religiosa, a despeito dele ser visto como mera criatura. Tanto os Mórmons como as Testemunhas de Jeová consideram Jesus como um ser criado e, no entanto, devotam-lhe considerável devoção. Se tal devoção inclui a adoração real, então concluímos com tristeza, que essas religiões são, em seu âmago, idolatras. A idolatria significa adorar alguém ou alguma coisa que não seja o Deus eterno. A idolatria envolve a adoração de meras criaturas. O mormonismo pode insistir que Jesus é o criador do mundo mas ensinam que o seu ato criador seguiu-se à sua própria criação por parte de Deus. A idéia pode ser simplificada desse modo: Deus criou a Jesus; e então Jesus criou o mundo. Nesse caso, Jesus é tanto o criador como é uma criatura.

Se Jesus não é Deus, então entende-se que o cristianismo ortodoxo tem uma raiz herética. Violenta a unidade de Deus e atribui adoração ao Filho e ao Espírito Santo, nenhum dos quais é deidade. Se, por outro lado, o Filho e o Espírito Santo são, de fato, divinos, então devemos concluir que as Testemunhas de Jeová são falsas *testemunhas de Jeová*, e que o mormonismo é uma seita

não cristã e herética.

Embora existam muitas denominações cristãs, a maioria delas reconhece que as outras são verdadeiras expressões do cristianismo bíblico, posto que imperfeitas. Os batistas geralmente consideram os presbiterianos como expressões válidas da Igreja cristã universal. Os presbiterianos reconhecem que os luteranos são crentes autênticos.

A suposição que percorre os vários corpos cristãos é que, embora haja divergência entre outros corpos cristãos sobre alguns pontos doutrinários, esses pontos particulares não são absolutamente essenciais para que haja neles um cristianismo legítimo. Mas é por causa da deidade de Cristo e do Espírito Santo, considerados como afirmações essenciais do cristianismo bíblico, que a maioria dos cristãos ortodoxos não reconhece nem o mormonismo e nem o movimento das Testemunhas de Jeová como igrejas cristãs. Outro tanto pode ser dito quanto ao unitarianismo, que também nega a deidade tanto do Filho quanto do Espírito Santo.

Por mais ferozes que tenham sido os debates sobre a deidade de Cristo, tem havido comparativamente pouca controvérsia no tocante à deidade do Espírito Santo. A Bíblia apresenta o Espírito Santo como possuidor dos atributos divinos e exercendo a autoridade divina. Desde o século IV d.C. a sua deidade tem sido raramente negada por aqueles que concordam em que ele é uma pessoa. Isto é, embora tenha havido muitas disputas concernentes à questão se o Espírito Santo é uma pessoa ou é apenas uma "força" impessoal, uma vez que se admita que, verdadeiramente, ele é uma pessoa, o fato que ele é uma pessoa divina ajusta-se facilmente em seu lugar

(E isso não nos surpreende, pois, afinal de contas, o Espírito Santo, visto que nunca assumiu a forma humana, conforme sucedeu ao Filho, não pode ser "apenas um ser humano", como muitas heresias dizem acerca de Jesus Cristo. Um Espírito, como é óbvio, deve ser um ser espiritual).

Nas Escrituras encontramos alusões freqüentes à deidade do Espírito Santo. No Antigo Testamento, por exemplo, aquilo que é dito sobre Deus Pai é dito também a respeito do Espírito de Deus. As expressões "Deus disse" e "o Espírito disse" são repetidamente intercaladas. E as obras do Espírito Santo aparecem como obras de Deus.

O mesmo fenômeno ocorre nas páginas do Novo Testamento. Em Isaías 6.9, Deus diz: *"Vai, e dize a este povo"*. E o apóstolo citou esse mesmo texto em Atos 28.25, começando com estas palavras: *"Bem falou o Espírito Santo a vossos pais, por intermédio do profeta Isaías..."* Nesse caso, o apóstolo atribuiu o falar de Deus ao Espírito Santo.

O apóstolo também declarou que os crentes são templos de Deus, porque o Espírito Santo veio residir em nós (Ver Efésios 2.22; 1 Coríntios 6.19; Romanos 8.9,10). Se o Espírito Santo não é Deus, como poderíamos ser chamados apropriadamente de templos de Deus, simplesmente porque o Espírito Santo veio residir em nós? Alguém poderia responder a essa pergunta argumentando que o Espírito Santo foi enviado por Deus e, assim sendo, é um representante de Deus. Isso significaria apenas que onde Deus é representado por um de seus agentes ativos, pode ser dito que Deus "está ali". Mas chegar a essa conclusão é tratar com displicência o sentido claro do texto. Através das Escrituras, o Espírito Santo é identificado

com o próprio Deus, e não meramente retratado como alguém que representa Deus. Lemos em Atos 5.3,4:

Então disse Pedro: Ananias, por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo?... Não mentiste aos homens, mas a Deus.

Encontramos aqui a seguinte equação: Mentir ao Espírito Santo é mentir ao próprio Deus.

Cristo e os apóstolos descrevem repetidamente o Espírito Santo como aquele que possui os atributos e as perfeições divinas. A blasfêmia contra o Espírito Santo é considerada pecado imperdoável. Se o Espírito Santo não fosse Deus, seria extremamente improvável que a blasfêmia contra ele fosse considerada imperdoável.

O Espírito Santo é onisciente. Ele sabe todas as coisas. Vemos aqui o Espírito possuindo um atributo de Deus. A onisciência é um sinal da deidade, e não das criaturas humanas. As criaturas estão limitadas por questões de tempo e espaço. Esses limites impõem uma limitação à extensão do conhecimento delas. Paulo declarou:

O Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus. Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito que nele está? Assim também as coisas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus (1 Coríntios 2.10,11).

O Espírito Santo é onipresente. O salmista perguntou retoricamente:

Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também

(Salmo 139.7,8).

Podemos perceber, nessa passagem, que a presença do Espírito Santo é a mesma coisa que a presença de Deus. Onde estiver o Espírito de Deus, ali estará Deus. A pergunta retórica do salmista subentende que não há lugar onde um fugitivo possa se abrigar que esteja fora da presença do Espírito Santo. O Espírito Santo acha-se em todos os lugares; ele é onipresente. Tais atributos são qualidades que pertencem ao ser de Deus, e que não são compartilhadas por nenhuma de suas criaturas. Nem mesmo os anjos, seres espirituais como são, têm a habilidade de se fazer presentes em mais de um lugar ao mesmo tempo. Embora os anjos, incluindo o anjo caído, Satanás, sejam espíritos, são espíritos finitos. Permanecem limitados pelo espaço e pelo tempo. Pertencem à ordem das criaturas. Nenhum ser criado é onipresente.

O Espírito Santo é onisciente, onipresente e eterno. Nunca houve tempo em que o Espírito de Deus não existisse. O Espírito Santo também é *onipotente*, todopoderoso. Notamos nas Escrituras que o Espírito de Deus opera obras especiais que somente Deus pode realizar. Vemos isso tanto na obra da criação quanto na obra da redenção.

Quando pensamos na obra da criação, normalmente pensamos na atividade de Deus Pai. Não obstante, um exame mais aproximado das Escrituras revelará que a obra da criação é atribuída a todas as três pessoas da Deidade. Ao descrever o Cristo preencarnado, o Logos, a Palavra, declarou João:

Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez (João 1.3).

Paulo reverberou esse ensino de João, ao escrever como segue:

Pois nele foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele tudo subsiste (Colossenses 1.16,17).

De igual modo, a Bíblia inclui o Espírito Santo na obra da criação:

No princípio criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas (Gênesis 1.1,2).

A atividade do Espírito Santo na criação é mencionada com frequência nas Escrituras. O salmista declarou:

Envias o teu Espírito, eles são criados, e assim renovas a face da terra (Salmo 104.30).

Jó, por semelhante modo, declarou:

O Espírito de Deus me fez; e o sopro do Todo-poderoso me dá vida (Jó 33.4).

O Espírito Santo é o autor da vida e da inteligência humana (Ver Jó 32.8; 35.11). Ele foi a fonte de poder na concepção de Jesus no ventre de Maria.

Respondeu-lhe o anjo: Descerá sobre ti o Espírito Santo e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso também o ente santo que há de nascer, será chamado Filho de Deus (Lucas 1.35).

O Espírito Santo ungiu profetas, juizes e reis com

o poder do alto. Ele ungiu a Jesus para o seu ministério. No Novo Testamento, o Espírito Santo é a origem do poder da ressurreição de Cristo dentre os mortos.

Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos, vivificará também os vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito que em vós habita (Romanos 8.11).

O Espírito Santo exhibe o poder de efetuar coisas que somente Deus pode fazer. O apóstolo Paulo falando sobre o relacionamento entre Deus e Abraão disse o seguinte:

Como está escrito: Por pai de muitas nações te constituí, perante aquele no qual creu, o Deus que vivifica os mortos e chama à existência as coisas que não existem (Romanos 4.17).

Trazer vida da morte e criar algo do nada, requer o poder onipotente de Deus. Nenhuma criatura pode fazer algo do nada. Nenhuma criatura pode tirar vida da morte. E nem pode qualquer criatura vivificar uma alma espiritualmente moribunda. Todos esses atos requerem o poder de Deus. Todas essas coisas podem ser e são realizadas pelo Espírito Santo.

As Santas Escrituras nos apresentam o Espírito Santo como objeto próprio de adoração. A inclusão do Espírito Santo na fórmula neotestamentária do batismo é muito significativa. João Calvino comentou sobre isso:

Paulo vinculou juntamente estes três: Deus, a Fé e o Batismo, e de um raciocinou o outro — a saber, visto que há uma só fé, ele deduziu que só existe um Deus; e visto que só há um batismo, ele deduziu que só há uma fé. Portan-

to, se pelo batismo somos iniciados na fé e na adoração ao único Deus, por necessidade devemos crer que aquele em cujo nome somos batizados é o verdadeiro Deus. E não pode haver dúvida de que nosso Salvador deseja testificar, mediante uma solene repetição, que a perfeita luz da fé é agora exibida, quando ele disse: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (Mateus 28.19), visto que isso é a mesma coisa que ter sido batizado no nome do único Deus, que se manifestou plenamente no Pai, no Filho e no Espírito Santo... Qual, pois, foi o sentido de nosso Salvador ao ordenar que o batismo fosse administrado no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, se não que devemos crer, com uma só fé, no nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo ? Mas será isso alguma coisa diferente de declarar que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são um só Deus? Por conseguinte, visto que devemos ter como certo que existe um só Deus, e não mais do que um, concluímos que a Palavra e o Espírito são da mesma essência que Deus Pai (Institutas I /XIII / 16).

O Espírito Santo foi incluído não somente na fórmula batismal, mas também na bênção apostólica:

A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós (2 Coríntios 13.13).

Concluímos, pois, que a Bíblia atribui claramente deidade ao Espírito Santo. O Espírito Santo é uma pessoa; o Espírito é Deus.

Ao fazermos essa dupla afirmação, chegamos instantaneamente a uma das doutrinas mais importantes e,

no entanto, mais causadoras de perplexidade da fé cristã, a Trindade.

Como é possível distinguirmos entre três pessoas — Pai, Filho e Espírito Santo — e ainda assim chegarmos a confessar que acreditamos em um só Deus? No capítulo seguinte exploraremos esse difícil mistério da fé cristã.

CAPÍTULO TERCEIRO
O
MISTÉRIO
DA
TRINDADE

*Ligo a mim mesmo no dia de hoje
O forte nome da Trindade,
Mediante a invocação da mesma,
Os Três em Um, e Um em Três.*

PATRÍCIO

UMA das mais conhecidas declarações da Bíblia é o Grande Mandamento:
Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força (Deuteronômio 6.5).

Jesus referiu-se a esse grande mandamento, ao dizer:

Este é o primeiro e grande mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo (Mateus 22.38,39).

Quando Jesus chamou o Grande Mandamento de "primeiro", ele não quis dizer primeiro na ordem de tempo. Houve muitos mandamentos dados por Deus, antes que o Grande Mandamento tivesse sido revelado. Ao usar a palavra *primeiro*, Jesus indicava, acima de tudo, primeiro na ordem da importância. Essa é a lei que resume todas as outras leis, e da qual tudo o mais na lei e nos profetas depende.

Mas antes de podermos começar a amar a Deus de todo o nosso coração, alma e forças, devemos ter algum conceito do Deus que devemos amar. Houve um meio ambiente, um contexto, dentro do qual o Grande Mandamento foi dado pela primeira vez. Entre os judeus, esse contexto é chamado de *Shema*. O *Shema* era o centro da liturgia judaica do Antigo Testamento. Era recitado com frequência na adoração judaica e, como é óbvio, era bem conhecido por Jesus desde a sua infância. O *Shema* intro-

duz e prefacia o Grande Mandamento, com estas palavras:

Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor (Deuteronômio 6.4).

O Senhor é um só! Essa confissão de fé assinala Israel como uma nação absolutamente dedicada ao monoteísmo. O monoteísmo significa crer na existência de um Deus, e somente um Deus. Separa claramente a fé religiosa do Antigo Testamento de qualquer das formas de politeísmo. A maior parte dos antigos povos vizinhos de Israel eram praticantes do politeísmo. A devoção desses povos dizia respeito a muitos deuses e deusas, mesmo quando acreditavam em um deus principal. Eles tinham divindades especiais acerca da guerra, da fertilidade, do amor, da natureza, e assim por diante.

Para Israel, entretanto, o normativo era a dedicação à unidade do único Deus Todo-poderoso. O Primeiro Mandamento do Decálogo (os Dez Mandamentos) reforçava esse mandamento:

Não terás outros deuses diante de mim (Êxodo 20.3).

Essa lei excluía terminantemente a adoração a qualquer deus ou deusa além de Yahweh, o verdadeiro Deus. As palavras "diante de mim" não significam, nessa lei "antes de mim quanto à preferência". Em outras palavras, o Primeiro Mandamento não subentendia a idéia de que era permitido aos judeus adorarem e servirem a outras divindades, contanto que não as aceitassem antes de Yahweh, em preferência ou posição.

Pelo contrário, "diante de mim" significa "na minha presença". O que Deus estava dizendo é que ele não toleraria a intromissão da adoração a quaisquer outras divindades, em qualquer lugar e em qualquer época.

Adorar a qualquer um ou a qualquer coisa à parte de Yahweh era degenerar até o nível da idolatria, e era incorrer na ira de Deus por isso.

Foi por causa dessa apaixonada dedicação ao monoteísmo, no Antigo Testamento, que o conceito da Trindade provocou tanta consternação. Se Deus é um só, como pois podemos justificar a adoração de três pessoas — Pai, Filho e Espírito Santo?

O conceito da Trindade tem por desígnio responder a essa pergunta. A fórmula da Trindade é a seguinte: "Deus é um só quanto à essência, e três em pessoa".

Essa fórmula busca proteger o cristianismo de sérios combates em duas frentes. Por um lado, a Igreja quer manter sua estrita adesão ao monoteísmo. Daí a primeira parte da fórmula — "Deus é um só quanto à essência". Isso significa, simplesmente, que só existe um Ser a quem chamamos de *Deus*.

Por outra parte, a Igreja busca ser fiel à clara revelação bíblica sobre a deidade de Cristo e sobre a deidade do Espírito Santo. Por conseguinte, a Igreja distingue entre três pessoas na deidade — Pai, Filho e Espírito Santo. E isso explica a segunda parte da fórmula: "E três em pessoa".

Antes de tentarmos sondar mais profundamente ainda o que isso significa, seria útil abordarmos algumas objeções comuns levantadas contra a fórmula trinitariana.

PRIMEIRA OBJEÇÃO: A PALAVRA *TRINDADE* NÃO É UM TERMO BÍBLICO E REPRESENTA A INVASÃO DE UMA FILOSOFIA ESTRANGEIRA NA REVELAÇÃO BÍBLICA

João Calvino sentia-se particularmente sensível diante dessa crítica. Ao replicar àqueles que queriam res-

tringir e limitar a linguagem teológica a palavras encontradas nas Escrituras, Calvino escreveu:

Se eles chamam isso de um termo estrangeiro porque não se acha nas Escrituras com o mesmo número de sílabas, certamente impõem uma lei injusta — uma lei que condenaria cada interpretação das Escrituras que não se componha de outras palavras das Escrituras (Institutas, I/ XIII / 3).

O que Calvino e outros teólogos têm mantido é que a questão não é se alguma palavra em particular é extraída das Escrituras, e, sim, se o *conceito* é bíblico. Podemos usar palavras não-bíblicas em nossas expressões teológicas, contanto que estejam comunicando conceitos bíblicos.

Calvino tinha aguda consciência dos pontos fortes e fracos de toda linguagem humana. Ele escreveu:

Visto que nossos próprios pensamentos acerca dele são tolos, assim também a nossa linguagem a respeito dele é absurda. Todavia, algum meio deve ser observado. O padrão inerrante tanto da maneira de pensar como de falar deve ser derivado das Escrituras: dessa forma todos os pensamentos de nossas próprias mentes quanto as palavras de nossas bocas deveriam ser testados (I /XIII /3).

O teste de nossos conceitos deve ser o seguinte: Eles são validamente derivados das Escrituras?

O cristianismo ortodoxo assegura a incompreensibilidade de Deus. Com isso não quero dar a entender que nada podemos saber acerca de Deus. Aquilo que Deus revelou sobre si mesmo é compreensível até um grau adequado. No entanto, existe uma fraqueza inata em nossa habilidade de apreendermos as coisas de Deus. Nenhum

ser humano pode compreender plenamente a Deus. Nosso conhecimento de Deus está longe de ser abrangente. Até mesmo a revelação de si mesmo, que chega até nós por meio das Escrituras, é uma espécie de acomodação diante de nossas fraquezas. Deus fala conosco em nossa linguagem humana. Calvino novamente comentou sobre o uso freqüente, na Bíblia, de formas de linguagem humana que descrevem Deus.

Pois quem é destituído de intelecto a ponto de não entender que Deus, ao assim falar, sussurra conosco como as mães fazem com as criancinhas ? Essas maneiras de expressão, por conseguinte, não expressam tanto o tipo de ser que Deus é, como também se acomodam ao conhecimento que dele temos em nossa debilidade. Ao assim fazer, ele deve, naturalmente, rebaixar-se muito de sua própria elevação (I/XIII/1).

Existem fortes razões para a Igreja usar uma linguagem extrabíblica ao formular conceitos bíblicos. Por um lado, a Igreja é forçada a proceder assim porque os hereges distorcem as palavras bíblicas para fazê-las dizer coisas que a Bíblia nunca tencionou dizer. Sempre foi um artifício dos hereges tentar escorar suas doutrinas na linguagem bíblica. Paulo advertiu os crentes de Éfeso exatamente quanto a isso:

Ninguém vos engane com palavras vãs; porque por estas cousas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência (Efésios 5.6).

As "palavras vãs" sobre as quais o apóstolo Paulo escreveu são aquelas que foram esvaziadas de seu significado, drenadas de seu conteúdo genuíno. Durante séculos a Igreja tem sido forçada a combater esse abuso da lin-

guagem.

O propósito da linguagem teológica técnica é obter precisão de significado, bem como salvaguardar o rebanho de distorções sutis e astutas de doutrina. Alguém já declarou que é impossível a uma pessoa redigir um credo ou confissão de fé tão preciso que alguma pessoa sem escrúpulos não possa redefinir os termos para favorecer a sua própria posição.

Uma tática favorita dos hereges consiste em enganar-se em sofismas de palavras. A respeito desse problema com a confissão da Trindade por parte da Igreja, Calvino escreveu:

Tal novidade (se deve ser chamada de novidade) torna-se mais obrigatória quando a verdade deve ser mantida contra os caluniadores, que se evadem por meio de sofismas. Quanto a isso, nós, dos dias presentes, temos passado por muitas experiências de termos sido constantemente solicitados a combater os inimigos da doutrina pura e sã. Essas serpentes escorregadias escapam por meio de suas evoluções tortuosas, se não forem caçadas laboriosamente e, quando apanhadas, firmemente seguras. Assim, os cristãos primitivos, quando assediados pelas disputas que as heresias produziam, eram forçados a declarar seus sentimentos em termos os mais escrupulosamente exatos, a fim de que não restassem, aos ímpios, subterfúgios indiretos, para quem a ambigüidade de expressão era uma espécie de refúgio (I/XIII/4).

Chegamos ao coração da questão, historicamente falando. Foi a crise causada por Ário, no século IV d. C., que demonstrou claramente a necessidade de uma formulação precisa da doutrina da Trindade. A principal "serpente escorregadia" da controvérsia foi um sacerdote que

tinha por nome Ário. Ele confessava que Cristo era "Deus" e "Filho de Deus". Entretanto, sob cuidadoso escrutínio, percebia-se que Ário tinha redefinido a palavra Deus, pelo que a mesma tornava-se um termo virtualmente vazio. A palavra *Deus* no vocabulário de Ário era ambígua. Ário insistia que embora Jesus fosse "Deus" mediante um processo de adoção divina, ele era apenas um ser criado (Se Deus não significa mais deidade eterna, então Deus tornou-se uma palavra vazia). Uma profissão de fé, composta por Ário, dizia isso claramente:

Reconhecemos um único Deus, o único a não ter sido gerado, único e eterno, único sem começo (Citado no livro de J. N. D. Kelly, *Creeds in the Making*, Londres: Longmans, 1972, pág. 232).

Essa profissão de Ário segue isso com uma longa lista de "únicos", todos os quais enfatizam o ponto de vista de Ário sobre o Filho, ou Palavra, que estaria subordinado ao Pai, o qual, é o único Deus. Deus desejaria criar o mundo, e criou o Filho com o propósito de criar o mundo. O Filho é exaltado de fato, mas conforme os seguidores de Ário nunca se cansavam de repetir, ele era uma *ktisis*, uma criatura. No entanto, visto que Ário afirmava que "o Filho é Deus", os crentes sinceros ficavam boquiabertos. Portanto, os crentes ortodoxos buscaram um termo preciso que indicaria — sem qualquer ambigüidade — que o Filho é divino, e, portanto, coeterno com o Pai e da mesma substância que o Pai.

O termo teológico com o qual Ário engasgou foi um termo tomado por empréstimo da linguagem da filosofia grega. Esse termo era *homoousios*. Jamais um termo teológico isolado engendrou tanta controvérsia como a palavra *homoousios* (A atual controvérsia sobre a pala-

vra *inerrância*, no tocante à Bíblia, pode mostrar-se tão dramática como as batalhas anteriores sobre a palavra grega *homoousios*).

A palavra *homoousios* significa "da mesma substância" ou "da mesma essência". Ário dispunha-se a dizer que Jesus era Deus. Mas não se dispunha a dizer que Jesus era da mesma essência (*homo* — significava "mesma", e *ousios* significa "substância") que Deus Pai. A palavra *homoousios* foi a forquilha com a qual o pescoço escorregadio de Ário ficou preso ao chão.

Entretanto, Ário estava disposto a usar o termo grego *homoiousios*, em lugar de *homoousios*. Note a letra *i* que se segue à palavra formativa *homo*. Nesse ponto, a controvérsia começou a girar não em torno de uma só palavra, mas em torno de uma única letra. A sutil mas crucial diferença entre os termos gregos *homoios* e *homo* é a diferença que existe entre as palavras portuguesas "igual" (ou "similar") e a palavra "o mesmo". *Homoiousios* significa "de essência similar", ao passo que *homoousios* significa "da mesma essência".

Ário apelou para um anterior veredito da história da Igreja quando Sabélio, outro herege, fora condenado por ter usado o termo *homoousios*. Sabélio e seus seguidores tinham sido condenados ao dizer que Jesus era da mesma essência (*homoousios*) que o Pai, pelo que a Igreja havia insistido sobre o termo *homoiousios*.

O debate se esquentava. Todo o debate pode tornar-se muito confuso quando vemos que a Igreja mudou completamente de parecer sobre os termos que permitiam e os que condenavam.

A razão pela qual Sabélio tinha sido condenado por causa do uso que fazia do termo *homoousios*, era por-

que ele queria dizer algo inteiramente diferente daquilo que a igreja do século IV d.C. queria dizer. O gnosticismo foi uma das primeiras e mais nocivas heresias que a Igreja cristã primitiva foi forçada a combater. Uma de suas principais doutrinas era uma visão modalista de Deus.

No modalismo gnosticismo, o universo não era visto como uma criação de Deus, feita fora dele mesmo. Antes, a criação e tudo quanto nela existe, seria uma espécie de extensão do próprio ser de Deus. Toda a realidade criada seria uma emanção que teria fluído do centro do ser de Deus. Quanto mais longe do centro estivessem essas emanções, menos perfeita seria a realidade das coisas. O espírito e a mente estariam mais próximos do centro, a matéria viva estaria mais afastada, e a matéria inerte (coisas inorgânicas, como os minerais) estariam mais afastadas ainda do centro. Não obstante, tudo fazia parte do *modo* do ser de Deus, e participaria de sua essência.

Sabélio dizia que o Filho era *homoousios* com Deus, mas não era Deus. Ele era uma emanção próxima de Deus, mas ainda assim removido do centro da essência divina. Sua analogia era a seguinte: Jesus era para o Pai o que os raios do sol são para o sol. Os raios do sol são da mesma essência que o sol. Também se irradiam do sol, mas não são o próprio sol.

O conceito sabeliano de *homoousios* foi assim condenado, e a Igreja passou a usar o termo *homoiousios* em seu lugar. A razão da preferência por essa palavra é clara. Sabélio usava o termo *homoousios* para mostrar uma *diferença* entre Deus e Jesus. E, assim sendo, a Igreja escolheu o termo *homoiousios* ("de essência semelhante") para declarar a sua fé na *similaridade* entre Deus e Jesus.

Ario, porém, reverteu a situação. Ele usava o ter-

mo *homoiusios* para enfatizar a diferença entre Jesus e Deus. Ele queria dizer que embora Jesus fosse, realmente, semelhante a Deus, ele não pertencia à mesma essência que Deus. Mas a Igreja do século IV a.C. respondeu com um retumbante "Não!" a Ário. A mudança de termos indicava que a Igreja insistia que Jesus não é meramente *parecido* com Deus, mas que ele é Deus. Ele é *homoousios* (da mesma essência, coexistencial) com Deus, embora não no sentido emprestado pelos gnósticos.

A controvérsia ariana não foi apenas uma tempestade em copo d'água. O que estava em jogo era a confissão da Igreja sobre a plena deidade tanto de Jesus quanto do Espírito Santo. Foi preciso uma crise gigantesca para provocar a Igreja a mudar sua preferência quanto à linguagem teológica. A heresia sabeliana tinha sido derrotada e a nova ameaça do arianismo foi considerada tão severa que garantia o uso de um termo admitidamente arriscado, *homoousios*, para combatê-la.

Embora a Igreja tenha alterado sua escolha de termos para expressar a deidade de Cristo e do Espírito Santo, a Igreja não alterou o seu conceito. Tanto na controvérsia sabeliana quanto no debate ariano, a Igreja estava usando todo instrumento lingüístico à sua disposição para assegurar a aderência de seus membros ao conceito bíblico da Trindade. Longe de buscar subsídios fora das Escrituras, a Igreja estava buscando proteger o conceito bíblico contra aqueles que queriam solapá-lo mediante o uso de astutas ambigüidades.

O fruto da controvérsia ariana foi o Credo Niceno, que asseverava a coexistencialidade da deidade e dizia sobre Jesus que ele foi "gerado, e não feito", a fim de tirar a base de qualquer idéia da Segunda Pessoa da Trin-

dade ser mera criatura.

O hino eclesiástico *Gloria Patri* também foi fruto dessa controvérsia. O *Gloria Patri* funcionava como um "cântico de guerra" trinitariano. Os arianos circulavam cânticos dissolutos e aviltantes contra os trinitarianos. Em reação, os trinitarianos entoavam, com um espírito unido, estas palavras:

*Glória seja ao Pai,
E ao Filho,
E ao Espírito Santo.
Tal como era no princípio,
É agora e sempre será.
Mundo sem fim.
Amém.*

Nesse cântico a Trindade é confessada pelo reconhecimento de um atributo divino — a *glória* — em todas as três pessoas da deidade. Ao mesmo tempo é confessada a eternidade das três pessoas da Trindade.

Vemos, portanto, que o vocábulo *Trindade* não surgiu porque a Igreja estivesse aceitando superficialmente as tolas especulações filosóficas ou estivesse flertando desnecessariamente com conceitos dos gregos. Conforme Calvino insistiu, a Igreja foi forçada a usar tal terminologia porque os hereges estavam subvertendo a revelação bíblica acerca da deidade.

O mesmo tipo de controvérsia está explodindo hoje em dia no que concerne à natureza das próprias Escrituras. Àqueles que negam a plena inspiração e o caráter de revelação da Bíblia não hesitam em referir-se à Bíblia como "a Palavra de Deus", ou mesmo como uma Palavra "infalível". No entanto, eles ficam engasgados diante do termo teológico inerrância. Se, realmente, a Bíblia é a

Palavra de Deus, infalível e inspirada, por que alguém procuraria evitar o vocábulo inerrante? Pode algo que é errante ser a Palavra de Deus? Poderia Deus ter inspirado o erro? Poderia algo que é infalível realmente falhar?

J. I. Packer, um articulado defensor da inerrância das Escrituras chama essa palavra, *inerrância*, de um "shiboleth". Assim como a palavra hebraica de pronúncia difícil funcionava como uma senha para distinguir entre os verdadeiros israelitas e os espiões (ver Juizes 12.6), assim também funciona o termo *inerrância*. Quando a palavra se propõe asseverar a plena veracidade das Escrituras, os cães começam a ladrar. Para dizermos a verdade, a palavra *inerrância*, tal como a palavra *Trindade*, é capaz de ser distorcida e mal entendida. Mas funciona como um salvaguarda contra aqueles que não têm escrúpulos em usar palavras vazias.

SEGUNDA OBJEÇÃO: A DOUTRINA DA TRINDADE É CONTRADITÓRIA E, PORTANTO, IRRACIONAL

Certa vez encontrei-me com um professor de filosofia que se queixou da vergonhosa irracionalidade do cristianismo. Ele disse: "Toda a estrutura do cristianismo está edificada sobre uma contradição óbvia". Quando o interroguei sobre a contradição que ele tinha em mente, ele respondeu imediatamente: "A Trindade!" Depois perguntou: "Como pode haver três pessoas, ao mesmo tempo em que há um só Deus?"

Relato esta conversa com um propósito. Os filósofos profissionais são bem treinados e usualmente altamente habilidosos na ciência e no uso da lógica. É atividade deles se ocuparem em bem atentas análises lógicas de proposições. Que esse profissional tenha feito um ataque tão ousado contra a formulação da Trindade, por par-

te da Igreja, foi algo que me chamou a atenção.

Tenho consciência de que muitos crentes concordariam, pelo menos em parte, com aquele professor de filosofia. Eles não rejeitam o cristianismo, conforme ele fazia, mas concordam que a Trindade encerra uma contradição. Isso não perturba tais crentes, por estarem convencidos de que é certo o cristianismo envolver contradições, porquanto "os caminhos de Deus não são os nossos caminhos". Alguns crentes chegam a se gloriar das contradições, vendo nelas o próprio sinal de uma ordem mais elevada de verdade. Isso é o trágico resultado de uma forma de teologia conhecida como Teologia Dialética, ou neo-ortodoxia, popularizada por pensadores como Karl Barth e Emil Brunner. Barth insistia que um crente ainda não amadureceu enquanto não puder aceitar e conviver com contradições. Brunner chegou ao extremo de afirmar que as contradições são a própria marca d'água da verdade.

A idéia do cristianismo repousar sobre uma contradição não perturba os teólogos dialéticos, mas me perturba profundamente. Na Bíblia, as contradições não são a marca d'água da verdade; mas são a marca d'água da mentira. É um instrumento sutil de Satanás. Disse Deus a Adão:

De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás (Gênesis 2.16,17).

"Certamente morrerás". Essa foi a simples e clara assertiva de Deus. "Se comeres... morrerás". Em termos lógicos, isso poderia ser parafraseado como: Se fizeres A, B será inevitável.

Porém, eis que chega Satanás e diz: "É certo que não morreréis". A sua idéia, segundo o modelo lógico, era: Se fizeres A, não-B seguir-se-á. Em outras palavras, Satanás aproximou-se de Eva com uma contradição clara. Podemos imaginar que o diálogo entre os dois teria acontecido mais ou menos como isto:

Satanás: *Vá avante e coma, Eva. Não morrerás.*

Eva: *Mas, seu Serpente, o que o senhor está dizendo contradiz diretamente o que me disse meu Deus e Criador.*

Satanás: *Eva! Não se preocupe com isso. Os caminhos de Deus não são os nossos caminhos. O que pode ser uma contradição para nós pode não ser uma contradição para Deus. Além disso, você sabe que as contradições são a marca d'água da verdade. Confie em mim. Minha contradição prova que estou me aproximando de você trazendo-lhe uma verdade superior.*

Eva: *Parece ser uma idéia atraente, seu Serpente, e o fruto da árvore parece gostoso. Mas não tenho certeza se devo fazer isso ou não.*

Satanás: *Vamos, Eva. Não seja ingênua. Você está presa a categorias gregas de pensamento. Você é ou não uma pessoa madura? Se você é realmente uma crente madura, você pode repousar facilmente nas contradições. Se você confiar em minhas contradições, você não cairá; antes, estará dando um grande salto para a frente, em prol da humanidade.*

Eva: *Ah, entendi. Um pequeno passo na direção da árvore; um grande salto à frente em prol da humanidade. Vamos comer!*

Sem a Lei da Contradição como um teste válido quanto à veracidade de uma proposição, não teremos maneira de distinguir entre a justiça e a injustiça, entre a obediência e a desobediência, entre a verdade e a mentira, ou entre Cristo e o anticristo.

A Lei da Contradição não tem conteúdo. Não provê qualquer informação. É estéril, impotente no que diz respeito à sua capacidade de fornecer novos conhecimentos. Seu poder jaz em sua força de governo. Parece-se com um policial, cuja sirene começa a soar quando transpassamos as fronteiras da racionalidade. A Lei da Contradição é um mestre firme. Submete nossos pensamentos à prova da consistência e da coerência. Aborrece a confusão e se regozija na clareza.

Alguém já disse que a "consistência é o duende das pequenas mentes". Mas se isso é verdade, então Deus está cercado por miríadas de duendes. Sua mente deve ser infinitamente minúscula.

Deus é consistente. Deus é coerente. Em uma palavra, Deus é racional. Naturalmente, ele é mais do que simples razão. Mas — se quisermos seguir a Bíblia — ele é um ser consistente, Aqueles que favorecem um Deus de contradições e de inconsistências terão que criar seu próprio Deus, pois o verdadeiro Deus não servirá para eles.

Há um aspecto da Segunda Objeção com a qual concordo. A sua lógica é válida em um ponto. Se o conceito da Trindade é contraditório, então a conclusão que esse conceito é irracional seguir-se-ia inevitavelmente. Eu até iria além desse ponto. Se esse conceito da Trindade é irracional, então é indigno de nossa crença. Deus não é honrado por declarações sem sentido. Se nossa fórmula da Trindade é contraditória, então é uma declaração sem

sentido, e deve ser abandonada.

Permanece de pé a questão real: A fórmula da Trindade será mesmo uma contradição? Eu poderia responder com um simples *não*. Mas isso não servirá. A resposta deve ser mais enfática do que uma mera negação. Por isso, minha resposta é um *Absolutamente não!* E saliento a palavra *absolutamente*. Não há o menor indício de contradição na fórmula da Trindade, formulada pela Igreja.

As regras da lógica e das leis das inferências imediatas são objetivas e impessoais. Elas podem ser aplicadas às proposições sem qualquer preconceito emocional. Elas são tão sem preconceitos como as equações matemáticas. Quando essas regras estritas são aplicadas à fórmula da Trindade, vemos, com clareza absoluta, que nela não há qualquer contradição.

Vamos conceder à fórmula da Trindade o benefício de um segundo exame.

Deus é um em essência, três em pessoa.

Essa fórmula atribui duas coisas a Deus, duas coisas diferentes (embora não contraditórias). Por um lado é afirmado que Deus é um em essência. Por outro lado é asseverado que Deus é três em pessoa. Poderíamos afirmar a fórmula da Trindade como segue:

Deus é um em A; Deus é três em B.

Ora, se A e B são contraditórios, então a fórmula chegaria perto de uma contradição. Se B fosse contrário a A, então chamaríamos B de não-A. E, nesse caso, a fórmula diria:

Deus é um em A, Deus é três em não-A.

Mas mesmo que fosse esse o caso (o que não é), então a fórmula não seria necessariamente contraditória. Se um ser ou assunto tivesse quatro dimensões, poderíamos dizer que o assunto era um em A e também possuía três *não-As*.

Para distinguirmos isso, devemos passar em revista a fórmula da lei da contradição (algumas vezes chamada de lei das não-contradições). Essa lei estipula:

A não pode ser A e não-A ao mesmo tempo e dentro de uma mesma relação.

Isso significa simplesmente que algo não pode *ser* o que *é* e *não ser* o que *é*, ao mesmo tempo, e dentro de uma mesma relação. Permita-me o leitor ilustrar o ponto:

Eu sou um homem. Como homem, há diversas coisas que podem ser ditas a meu respeito, ao mesmo tempo. Eu sou um pai, um filho e um marido. Eu sou todos os três dessas diferentes coisas ao mesmo tempo. Mas não posso ser todas essas três coisas dentro de uma mesma relação. Posso ser um pai e um filho ao mesmo tempo, mas, como é óbvio, não dentro da mesma relação. Não posso ser meu próprio pai. Posso ser o filho de meu pai e o pai de meu filho, mas também não posso ser meu próprio pai ou meu próprio filho.

Vamos voltar agora à fórmula da Trindade. Se tivéssemos dito que Deus era um em sua essência, e somente um em essência, e então acrescentássemos que Deus era três em essência, teríamos uma contradição de boa fé. Algo não pode ser um e muitas coisas, ao mesmo tempo e dentro da mesma relação. Portanto, se asseverássemos que Deus era três em pessoa e um em pessoa, ao mesmo tempo e dentro da mesma relação, estaríamos nos espasmos de uma contradição.

Mas a fórmula da Trindade não assevera tais coisas. A fórmula diz que Deus é um em uma coisa (essência) e três em outra coisa (pessoas). A menos que alguém possa provar que essência e pessoa são a mesma coisa, essa fórmula não contém qualquer contradição.

A Igreja estabeleceu uma distinção cuidadosamente traçada entre essência e pessoa, para evitar fazer uma declaração contraditória acerca de Deus. Permanece de pé o ponto: É válida essa distinção entre essência e pessoa? Será um mero jogo de palavras, que postula uma distinção verbal sem que haja qualquer diferença real?

Sondaremos essa pergunta no próximo capítulo. Por enquanto, chegaremos à conclusão de que se existe uma diferença real entre essência e pessoa, então a fórmula da Trindade nem é contraditória e nem é irracional. Antes, ela é lógica e bíblica.

CAPÍTULO QUARTO
ESSÊNCIA
E
PESSOA:
SONDANDO
O
MISTÉRIO
DA
TRINDADE

*Não é preciso muita inteligência
para ser cristão,
mas é preciso toda a inteligência
que a pessoa tem.*

RICHARD C. RAINES

ANTES de analisarmos a distinção entre essência e pessoa, tão crucial à nossa compreensão da Trindade, devemos primeiramente discutir a natureza de mistério. Desenvolvi a tese que Deus não é irracional. Antes, ele é consistente e coerente. Sua Palavra é inteligível. Mas isso não significa que o cristianismo seja destituído de qualquer mistério.

Em outras palavras, distingi entre três noções complicadas que são facilmente confundidas uma com a outra. Esses três conceitos são *contradição*, *paradoxo* e *mistério*.

Já oferecemos uma definição sobre uma contradição, pelo que aqui trataremos das outras duas noções.

PARADOXO

A palavra *paradoxo* é, algumas vezes, usada como sinônimo de *contradição*. Isso é lamentável pois, na realidade, existe uma clara distinção entre os dois vocábulos, uma distinção que pode ser acompanhada até às origens dessas palavras. A palavra *paradoxo* é formada de um prefixo e de uma raiz. O prefixo *para* significa *ao lado de*. Logo pensamos nos paramédicos ou nos paralegais, onde o prefixo *para* descreve pessoas que trabalham juntamente com os médicos ou os advogados. A raiz, *dox*, tem sua origem na palavra grega *dokein*, que significa *pensar*, *parecer*. Um paradoxo é algo que, quando se põe ao lado de outra coisa qualquer, parece ser a coisa

ao lado da qual foi posto. Um paradoxo é assim chamado porque parece ser uma contradição. Tem a semelhança de uma contradição. Mas não é uma contradição.

Um paradoxo pode aproximar-se tanto de uma contradição que facilmente pode ser confundido com uma contradição. A formulação sobre a Trindade é um paradoxo genuíno. À primeira vista pode parecer uma contradição, mas um escrutínio mais chegado mostrará que não é assim.

Lembra-se o leitor das linhas de abertura do livro de Charles Dickens, *A Tale of Two Cities*? Sendo o paradoxo um poderoso artifício literário, Dickens fazia uso artístico dos paradoxos:

Era o melhor dos tempos, era o pior dos tempos.

Como podiam os tempos ser, ao mesmo tempo, o melhor dos tempos e o pior dos tempos? Somente se fossem considerados em dois relacionamentos diferentes. O que Dickens estava descrevendo foi um período bem real e conflitante da história quando, por uma parte, foi experimentado o melhor dos tempos, ao passo que, por outra parte, foi experimentado o pior dos tempos. Houve uma admirável expansão industrial e, para alguns, surgiu a oportunidade de acumularem grandes riquezas. Para esses foi o melhor dos tempos. Para outros, houve uma expansão da pobreza e o aumento dos sofrimentos. Para esses foi o pior dos tempos.

A distinção entre paradoxo e contradição fica ainda mais confusa com a introdução de um terceiro termo na cena. Trata-se da palavra *antinomia*. Esse vocábulo quer dizer simplesmente algo que é "contra a lei" (*antinomos*). Originalmente, uma *antinomia* funcionava como um sinônimo de *contradição*, porque uma antinomia era

uma proposição ou conjunto de proposições que eram contra a lei das contradições.

Conforme a linguagem foi evoluindo e passando por mudanças sutis, as *antinomias* passaram a ser usadas como um sinônimo de *paradoxo*. Isso se dá particularmente no caso do uso britânico dessa palavra. Atualmente, quando ouço alguém usar a palavra *antinomia*, não sei com certeza se esse alguém está falando de uma contradição ou de um paradoxo.

Existe muita coisa no pensamento cristão que é paradoxal. Jesus era, ao mesmo tempo, homem e Deus. A Bíblia diz que só podemos ser livres se nos tornarmos servos. Esses paradoxos são difíceis de apreender, mas não são de modo algum contraditórios.

MISTÉRIO

Em sua forma mais simples, a palavra mistério aponta para alguma coisa que não compreendemos. O fato que algo é misterioso não significa que não seja verdadeiro. É possível que com maiores informações nós cheguemos a compreender um mistério, mas no presente o sentido de um mistério qualquer fica sem ser compreendido. A Bíblia mesma nos relembra disso:

Porque agora vemos como em espelho, obscuramente, então veremos face a face; agora conheço em parte, então conhecerei como também sou conhecido (1 Coríntios 13.12).

A Bíblia nos revela muitos mistérios. Para exemplificar, Paulo escreveu:

Eis que vos digo um mistério: Nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num

abrir e fechar d'olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados (1 Coríntios 15.51,52).

E novamente Paulo escreveu:

O mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos seus santos; aos quais Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, Cristo em vós, a esperança da glória (Colossenses 1.26,27).

Há mistérios que Deus revelou. Há outras que permanecem ocultos à nossa compreensão. Quando Paulo fala sobre a união de um homem e uma mulher no casamento ele acrescenta:

Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja (Efésios 5.32)

Ainda recentemente, alguém me fez esta pergunta: "RC, o que faz a luz viajar à velocidade de 300 mil quilômetros por segundo?" Fiquei perplexo. Talvez os físicos ou astrônomos possam responder a essa pergunta. Eu não posso. Sei que a luz viaja a essa velocidade, mas não sei dizer por quê. Sei que a essência mesma do movimento tem deixado perplexos a filósofos e cientistas por milênios. Existem muitas dimensões das realidades que nos deixam confusos, mas nossa falta de compreensão sobre elas não as tornam menos reais.

Os mistérios são geralmente confundidos com as contradições por uma razão óbvia. Ambas essas coisas não são compreendidas no presente. A diferença é que um mistério pode ser entendido mediante informações adicionais, mas uma contradição em boa fé nunca pode vir a ser compreendida. Não podemos compreender as

contradições porque elas são *intrinsecamente ininteligíveis*. Ninguém, por mais brilhante que seja na mente, poderá jamais compreender uma contradição.

Ora, admito sem reservas que a Trindade é um mistério que nos deixa perplexos. É algo misterioso para nós porque não podemos entender como um único ser pode incluir três pessoas. Estamos acostumados a pensar em uma relação segundo a qual um ser equivale a uma pessoa. Cada pessoa que conheço no mundo é um ser distinto. Entretanto, nada existe no puro conceito do ser que requeira que limitemos tal ser a uma única personalidade, simplesmente porque estamos acostumados a pensar em uma pessoa que envolve um ser.

Enfrentamos o mesmo tipo de mistério quando contemplamos a pessoa de Cristo. No tocante a Cristo, a Igreja atribui duas naturezas a uma só pessoa. Em Cristo conhecemos uma pessoa que é possuidora da natureza humana e da natureza divina. Novamente, isso corre contrário ao nosso arcabouço costumeiro de referência. A idéia de uma pessoa com duas naturezas ou essências distintas é estranha para a nossa experiência. Mas não existe uma única lei da lógica que requeira que uma única pessoa não possa ter duas naturezas.

Uma vez mais, lembramo-nos que uma das razões que compeliram a Igreja do passado a formular a doutrina da Trindade foi que, em primeiro lugar, ela serviria de muralha que guardaria as fronteiras da verdade contra os hereges. A Igreja precisava resguardar-se, por um lado, contra o triteísmo (a idéia sobre três deuses, que é apenas uma forma de politeísmo), e, por outro lado, contra formas do unitarismo, que queria negar a deidade de Cristo e do Espírito Santo.

A Igreja estabeleceu essas fronteiras por ocasião do concílio de Calcedônia, no ano de 451 d.C. Ao declarar que Jesus era *vere homo* (verdadeiro homem) e *vere deus* (verdadeiro Deus), a Igreja estava seguindo um curso entre pontos-de-vista que negavam a plena deidade de Cristo e que negavam a sua verdadeira humanidade.

Quando eu era seminarista, um professor de teologia, que posteriormente se tornou Deão da Escola de Divindades de Yale, fez o seguinte comentário: "Cavaleiros, se querem sair das fronteiras de Calcedônia, os senhores devem decidir e escolher a sua heresia".

ESSÊNCIA E PESSOA

Em nossa formulação da doutrina da Trindade, temos falado repetidamente sobre a distinção entre a essência (ou ser) e a pessoa. De onde se originaram esses termos? Como devemos entendê-los quando os aplicamos a Deus?

Quando falamos sobre a essência de Deus, estamos pedindo por empréstimo um conceito originário do pensamento grego. Trata-se do conceito de ser. Alguns teólogos levantam seu protesto neste ponto. Conforme já vimos, esse conceito tem sido atacado como se envolvesse a introdução da filosofia paga na pureza do pensamento dos hebreus.

Até parece que alguns teólogos têm mais dificuldades com o idioma grego do que o Espírito Saulo. Agradou o Espírito Santo usar o veículo da língua grega como um meio de transmitir a revelação que é o Novo Testamento. No Novo Testamento grego com freqüência encontramos várias formas da palavra *ousia*, que é a palavra grega para "ser". Trata-se do particípio presente ativo do

verbo "ser".

O conceito de ser é fundamental à língua portuguesa. Eu gostaria de saber por quanto tempo continuaríamos falando ou escrevendo sem reverter ao uso de alguma forma do verbo "ser". Palavras como *sou, és, é, somos, serei*, etc, têm todas elas raízes no conceito de ser. *Ser* refere-se ao que alguma coisa *é*. Quando o antigo filósofo grego Parmênides escreveu as profundas palavras: "Qualquer coisa que *é, é*", ele estava fazendo uma declaração sobre a idéia de ser.

Quando falamos sobre o ser de Deus ou sobre a essência de Deus, estamos falando sobre o que Deus *é*. Acreditamos que Deus *é* os seus atributos. Ele *é* um ser simples, único, no sentido que não existem nele partes componentes que, quando adicionadas uma à outra, componham o seu ser. Deus não se compõe de duas partes ou mais. Ele *é* essencialmente um. Eis a razão pela qual a Igreja insiste na tri-unidade de Deus. A pluralidade de pessoas na deidade não nega a unidade essencial de Deus. Pensar na Trindade em termos de três partes que comporiam Deus *é* cair no triteísmo, através da qual a simplicidade e a unidade de Deus são destruídas. A Igreja tem insistido, a todo preço, por assegurar que a integridade do monoteísmo bíblico permaneça intacto.

Quando a Igreja fala sobre as três pessoas da Deidade, ela apela para a Bíblia como apoio. Existem alguns textos bíblicos que são cruciais quanto a essa questão.

O PRÓLOGO DO EVANGELHO DE JOÃO

Central para a reflexão da Igreja quanto à natureza de Cristo, durante os três primeiros séculos da história do cristianismo, foi o Prólogo do evangelho de João —

João 1.1-18. O uso que João fez do conceito do *Logos* (Verbo) para referir-se a Cristo, cativou o pensamento dos teólogos. Encontramos ali o ensino mais abstrato e, talvez, o mais profundo de todo o Novo Testamento acerca de Jesus.

O evangelho de João começa com estas palavras:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus (João 1.1,2).

Essas notáveis declarações foram feitas aqui por João, sobre o Verbo ou Palavra (no grego, o *Logos*). A primeira declaração foi que o Verbo estava "no princípio". João passa então a declarar que o Verbo esteve ativo na criação. *No princípio* refere-se ao tempo da criação e indica que o Verbo era anterior ao tempo da criação de todas as coisas. Ou seja, o *Logos* já existia antes da criação do universo. Quando os teólogos falam sobre a "preexistência" de Cristo, é isso que eles querem dizer. Normalmente, a teologia cristã vincula a preexistência de Cristo com a eternidade. Ou seja, ao confessar a plena deidade de Cristo, a Igreja não somente afirma que Jesus já existia antes do universo, mas também que ele existia por toda a eternidade.

Os mórmons e as Testemunhas de Jeová concordam que Jesus era preexistente, mas negam sua eternidade. Visto que a Bíblia chama Cristo de "primogênito da criação" e de "gerado", esses grupos argumentam que Jesus foi a primeira criatura criada pelo Pai. Jesus, pois, subseqüentemente, teria participado na criação do universo.

João, porém, afirma mais ainda do que a preexistência do *Logos*. Ele diz que o Verbo estava *com Deus*.

Existem dois importantes aspectos nessa afirmação. Em primeiro lugar, notemos o uso da palavra *com*. No idioma grego existem três vocábulos que podem ser traduzidos pela palavra portuguesa *com*. A primeira dessas palavras é *sun*, da qual derivamos nosso prefixo *sin* (como em *síntese*, *sinagoga*, *sincronizar*). Quando *sincronizamos* nossos relógios, ajustamos o horário marcado por eles, um relógio *com* o outro. A palavra *sinagoga* usa também esse prefixo para indicar um lugar onde as pessoas se reúnem umas *com* as outras.

A segunda palavra grega é *meta*. Essa usualmente é traduzida para indicar "com" no sentido de estar "ao lado de". Quando caminho na rua, ao lado de minha esposa, segurando a mão dela, eu estou *com* ela no sentido de *meta*.

A terceira palavra é a mais íntima das três. É a palavra *pros*. Essa pequena palavra serve de base para uma outra palavra maior, no grego, ou seja, *prosopon*, que significa "face". O sentido implícito de *pros* é estar com alguém em uma relação de face a face. Foi essa a palavra grega que João usou no prólogo do evangelho de João. Quando João asseverou que o Logos estava "com Deus", no princípio, a idéia transmitida era que o Logos desfrutava de uma relação chegada, íntima, pessoal com Deus.

A segunda importante característica dessa declaração é que nessa frase João distinguiu claramente entre o Logos e Deus. Essa é a principal razão pela qual devemos estabelecer distinções dentro da deidade. A Bíblia distingue claramente entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O primeiro capítulo do evangelho de João é a exibição A dessa distinção.

Entretanto, é a terceira assertiva de João que chama nossa atenção de maneira mais enfática. João não des-cansa meramente ao dizer que o Verbo estava com Deus. Ele continua a fim de dizer: "E o Verbo era Deus".

Encontramos aqui a mais clara e menos ambígua asserção da deidade de Cristo nas páginas do Novo Testamento. Se na primeira declaração, João distinguira entre o Logos e Deus, agora ele declara a identidade entre o Logos e Deus, usando uma forma do verbo "ser". Vemos aqui uma identificação entre o ser do Logos e o ser de Deus.

Essa é uma das principais razões pelas quais a Igreja, ao buscar ser fiel à Bíblia, foi compelida a insistir sobre a unidade de ser entre os membros da Trindade. A Bíblia declara com clareza a identidade de ser entre o Logos e Deus. Os dois são um só em ser ou essência.

Não obstante, ainda devemos honrar a distinção existente entre o Logos e Deus. Duas coisas tornam-se claras nessa passagem: 1. Devemos manter a unidade de ser entre o Logos e Deus. 2. Devemos distinguir entre o Logos e Deus, sem fazer violência à unidade essencial entre eles. Embora o Logos deva ser distinguido de Deus, a distinção não deve ser uma distinção ou separação essencial.

Os mórmons e as Testemunhas de Jeová fazem uma incrível ginástica de linguagem para tentar evitar o ensino claro deste texto. De fato, eles torturam o texto para poderem defender seus pontos-de-vista diante desse texto. Por exemplo, a Bíblia publicada pelas Testemunhas de Jeová traduz o texto da seguinte maneira:

E o Verbo era um deus.

A justificação para tanto, usada pelas Testemu-

nhas de Jeová é uma justificação lingüística errada. Nesse texto, no original grego, o artigo definido masculino "o" é omitido. Ora, o idioma grego, por sua vez, não tem artigo indefinido.

Quando um substantivo aparece, no original grego, sem o artigo definido, na tradução para o português o artigo indefinido "um" precisa ser acrescentado, se o contexto apoia tal coisa. Mas se há um contexto que proíbe essa inserção, é o contexto deste versículo. Se os mórmons e as Testemunhas de Jeová querem inserir o artigo indefinido "um", aqui, eles escorregam para o mais baixo nível de politeísmo. Se o Logos é "um" Deus, e não "o" Deus, então cabe-nos fazer a pergunta óbvia: Quantos Deuses existem? Ora, se sabemos qualquer coisa sobre o autor do evangelho de João, sabemos que ele era simplesmente monoteísta.

A maioria dos mórmons e das Testemunhas de Jeová concordariam com esse parecer sobre João. Eles se defendem à base de uma linha mais sutil. Eles chamam a nossa atenção para uma linha obscura, saída dos lábios de Jesus. No contexto de um debate com seus detratores, os judeus tinham dito a Jesus:

Não é por obra boa que te apedrejamos, e, sim, por causa da blasfêmia, pois sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo. Replicou-lhes Jesus: Não está escrito na vossa lei: Eu disse: Sois deuses? Se ele chamou deuses àqueles a quem foi dirigida a palavra de Deus, e a Escritura não pode falhar, então daquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, dizeis: Tu blasfemas, porque declarei: Sou Filho de Deus? Se não faço as obras de meu Pai, não me acrediteis; mas, se faço, e não me credes, crede nas obras; para que possais saber e compreender que o Pai está em mim, e eu estou no Pai (João 10.33-38).

Os mórmons e as Testemunhas de Jeová, pois, valem-se desse texto para justificar a tradução deles de João 1.1: "e o Verbo era um deus". Aqui Jesus cita uma referência, extraída de Salmos 82, na qual a palavra deus é usada com referência a seres mortais. Assim sendo, os mórmons e as Testemunhas de Jeová contendem que quando João declarou que o Logos era "um" deus, não significa que o propósito dele, no Prólogo do evangelho de João, era afirmar que o Logos era o verdadeiro Deus.

Se, entretanto, examinarmos criteriosamente o texto do capítulo dez do evangelho de João, veremos que nesse incidente de Jesus com os judeus que o acusavam de blasfêmia, o Senhor Jesus não estava negando a sua deidade. Longe disso. O texto, na realidade, envolve uma definida afirmação de sua deidade.

Nesse debate, Jesus estava respondendo à acusação de blasfêmia. Seus adversários saltaram sobre a sua reivindicação de ser o Filho de Deus. Eles o acusaram de blasfêmia porque, conforme disseram: "... sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo". Aqui os judeus pelo menos compreenderam o que os mórmons e as Testemunhas de Jeová não apreendem que Jesus, na realidade, afirmava se Deus.

A sutileza da resposta de Jesus deve ser compreendida dentro do contexto do método de debate que ele empregou. Temos aqui um caso clássico da forma de argumento chamado *ad hominem*. De acordo com esse método *ad hominem*, o argumentador usa seu argumento em relação "ao homem". Ou seja, a pessoa adota momentaneamente a posição de seu oponente e leva a coisa à sua conclusão lógica, demonstrando o absurdo do argumento (Esse método também é chamado de *reductio ad absurdum*).

Os mórmons e as Testemunhas de Jeová interpretam Jesus a dizer algo semelhante a isto: "Vocês estão me acusando de blasfêmia porque eu chamei a mim mesmo de Filho de Deus? Ouçam. Não quero dizer mais do que o salmista quis dizer. Não sou mais divino do que aquelas criaturas que foram chamadas de 'deuses' no Antigo Testamento".

Conforme essa interpretação do capítulo dez do evangelho de João, Jesus estaria escapando à acusação de blasfêmia, à base do argumento que a palavra *deus*, por si mesma, não indica, necessariamente, a deidade.

Mas não foi esse o ponto que Jesus destacou no seu debate. O sentido das observações de Jesus, pelo contrário, foi algo como isto: "Se não foi blasfêmia o salmista dizer: 'Sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo' (Salmos 82.6), então muito menos blasfemo é usar a palavra *Deus* para referir-se ao *Filho unigênito* do Pai. Em outras palavras, se, em um sentido secundário, todos os filhos de Israel foram chamados filhos de Deus, sem com isso estar havendo qualquer blasfêmia, muito menos blasfêmia é chamar de *Deus* àquele que ocupa a posição ímpar de Filho de Deus".

Nessa mesma passagem, Jesus refere-se a ter sido enviado ao mundo pelo Pai, para, em seguida, declarar sua unidade com o Pai: "O Pai está em mim, e eu estou no Pai".

Quando voltamos de novo a João 1.1, vemos outra razão compelidora para não traduzirmos esse versículo como "E o Verbo era um deus". Se seguirmos o raciocínio dos mórmons e das Testemunhas de Jeová seríamos levados a concluir que, de uma vez só, João se tornou culpado do pior tipo de equívoco quanto ao sentido. A falácia lógica de equívoco ocorre quando, no decurso de

um argumento ou processo de raciocínio, *muda* o sentido dos termos nas premissas. João escreveu:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

Com ou sem o artigo definido, para que João raciocinasse com consistência, a palavra *Deus* deveria reter seu sentido através da passagem inteira. Se, na primeira premissa, a palavra *Deus* aponta para o verdadeiro Deus, então a menos que João tivesse caído numa falácia lógica, o mesmo sentido deveria ser aplicado à segunda cláusula. Se seguirmos o argumento dos mórmons e das Testemunhas de Jeová, teríamos que atribuir sentidos radicalmente diferentes para a palavra *Deus* em uma e mesma sentença.

E quando adicionamos a isso que imediatamente depois dessa declaração João declara que todas as coisas foram feitas através do Logos, já não pode haver dúvidas de que João estava identificando o Logos com o Deus Criador.

Concluimos, portanto, que João 1.1 demanda que vejamos tanto uma distinção entre o Logos e Deus, em um sentido, como uma identidade entre eles, em outro sentido.

USO DA PALAVRA PESSOA NA EPÍSTOLA AOS HEBREUS

Quando a fórmula trinitariana busca localizar a distinção entre os membros da Trindade em termos de pessoa, e não de essência, ela busca na epístola aos Hebreus parte da argumentação. Escreveu o autor de Hebreus:

Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias

nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as cousas, pelo qual também fez o universo. Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as cousas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade nas alturas (Hebreus 1.1-3).

Neste ponto, o autor da epístola aos Hebreus descreve o Cristo como "o resplendor da glória e a expressão exata do seu ser". Vemos aqui uma distinção entre a pessoa do Pai e aquele que é a expressão exata dessa pessoa. João Calvino comentou sobre esse texto como segue:

Quando o apóstolo chamou o Filho de Deus de "expressão exata do seu ser" (Hebreus 1.3), sem dúvida ele atribuiu ao Pai alguma subsistência na qual ele difere da do Filho (Institutas, I/XII/2).

PESSOA, SUBSISTÊNCIA E HIPOSTASE

Pudemos observar na citação de Calvino que ele fez uso de uma palavra técnica que encontramos, com frequência, na linguagem teológica. Trata-se da palavra *subsistência*,

Existem três palavras, no idioma português, que têm uma relação íntima umas com as outras, mas que podem ser distinguidas umas das outras. Essas palavras são *essência*, *existência* e *subsistência*.

Uma das perguntas que freqüentemente me fazem pessoas leigas, é: Que é o existencialismo? Todos nós já ouvimos falar no *existencialismo*, e a maioria das pessoas tem uma espécie de sensação vaga, sombreada, do que esse vocábulo significa. Há um certo clima de existencialismo que tem sido largamente comunicado na literatura, no drama, no cinema e em outras formas de arte.

Um porta-voz importantíssimo em favor do existencialismo, no século XX, foi o autor francês Jean-Paul Sartre, que morreu em 1980. Sartre cunhou uma frase que se tornou uma espécie de slogan ou frase de chamar a atenção para o existencialismo. Essa frase, traduzida para o português, diz: "A existência antecede a essência". Para nossos propósitos, neste particular, podemos passar por cima do sentido filosófico inteiro dessa frase. O que importa, em nosso interesse imediato é que a frase estabelece uma nítida distinção entre existência e essência, ou seja, entre a existência e o ser.

Segundo nossa maneira comum de falar, usamos a palavra *existência* intercambiavelmente com a palavra ser. Dizemos que as pessoas existem e que Deus também existe. Dizemos que as pessoas são seres, e que Deus é um ser. E distinguimos o ser de Deus e o ser das pessoas chamando-nos de seres humanos, ao passo que Deus é o Ser Supremo. Fazemos isso por reconhecer que Deus pertence a uma ordem de ser superior a nós. Somos seres criados. Somos seres dependentes, derivados, finitos e mutáveis. Em uma palavra, somos meras criaturas. Deus, porém, não é uma criatura. Ele não foi criado, é independente, não é derivado, é infinito e é imutável. Mas ele é um ser.

Quando dizemos que Deus "existe", queremos dizer com isso que ele real e verdadeiramente é. Mas existe um sentido técnico segundo o qual é impróprio dizermos que Deus existe.

Isso pode parecer chocante. De maneira alguma estou duvidando da realidade do ser de Deus. Mas o ser de Deus é mais elevado do que a mera "existência".

A palavra portuguesa *existe* deriva se de lermos

latinos que significam, literalmente, "pôr-se de pé fora de" (ex-, "fora de", mais *sistere*, "pôr-se de pé"). O que é que as coisas que existem "põem-se de pé fora de"? Originalmente, o conceito era este: Existir é pôr-se de pé fora de". Isso não significa que existir é pôr-se de pé fora do ser por inteiro. Se essa fosse a nossa condição, então não existiríamos. A única coisa que está fora do ser é o não-ser ou o nada.

"Pôr-se de pé fora do ser" é como ter um pé no ser, e o outro no não-ser. O ponto inteiro dessa sutil distinção é abrir espaço para seres criados que são finitos e mutáveis. Nosso ser não consiste em *puro* ser. Nosso ser é misturado com a idéia de ir-se tornando. Somos tanto reais quanto potenciais. Estamos sempre mudando. Mas Deus não muda. Ele não tem potencialidade. Ele é pura realidade. Ele é eternamente o que ele é. É conforme ele disse a Moisés: "EU SOU O QUE SOU".

A coisa se complica (como seja não estivesse bem complicada). A palavra *subsistência* estabelece outra sutil distinção. *Subsistir* significa, *literalmente*, "pôr-se de pé debaixo de" alguma coisa. Na teologia significa não pôr-se de pé *fora de*, e, sim, pôr-se de pé *sob* ser.

Quando João Calvino e outros teólogos falam sobre as *pessoas* da Trindade, eles querem dizer que, na Trindade, temos *uma essência* (ser) e *três subsistências*. As três pessoas da deidade subsistem na essência divina.

A palavra *pessoa*, na formulação da Trindade, é derivada do vocábulo latino *persona*. É uma combinação do prefixo *per* (através) e da raiz *sono*. Nos teatros romanos, uma *persona* era uma máscara através da qual os atores falavam. Todos já vimos os símbolos de máscaras que são a marca registrada do mundo do teatro. Há a

máscara feliz que simboliza a comédia, e há a máscara triste que simboliza a tragédia.

Houve grande luta por causa do uso da palavra *persona*, na teologia, por causa de sua origem na linguagem do teatro. O termo grego que se acha no Novo Testamento e que para o latim foi traduzido por *persona*, e para o português para *pessoa*, é *hupóstasis*. Por conseguinte, quando falamos na trindade, falamos na "união hipostática da deidade".

Comentando mais ainda sobre o primeiro capítulo da epístola aos Hebreus, escreveu Calvino:

Visto que a essência de Deus é simples e sem divisões, e que ela contém em si mesma a inteira e plena perfeição, sem divisões ou diminuições, é impróprio e até mesmo ridículo chamá-la de sua imagem expressa (caráter). Mas visto que o Pai, embora se tenha distinguido por suas próprias propriedades peculiares, expressou-se por inteiro no Filho, diz-se, com perfeita razão, que ele fez a sua pessoa (hupóstasis) manifestar-se no Filho. (I/XIII/2).

E referindo-se ao versículo onde a epístola aos Hebreus descreve Cristo como o "resplendor da sua glória", Calvino escreveu ainda:

A justa inferência, extraída das palavras do apóstolo, é que existe uma subsistência apropriada (hupóstasis) do Pai, que brilha, refulgente, no Filho. Com base nisso, novamente, é fácil inferirmos que existe uma subsistência (hupóstasis) do Filho, que se distingue da do Pai. Outro tanto ocorre no caso do Espírito Santo; pois podemos provar de imediato tanto que ele é Deus como que ele tem uma subsistência separada da do Pai. Isso, entretanto, não é uma distinção de essência, que seria uma impieda-

de multiplicar. Portanto, se dermos crédito ao testemunho do apóstolo, segue-se que existem três pessoas (hupóstasis) em Deus. E visto que os latinos usaram a palavra persona para expressar a mesma coisa que o grego expressava com a palavra hupóstasis, torna-se excessivamente cansativo e até perverso querelar com o termo. A tradução mais literal seria subsistência. (Institutas, I/ XIII/2).

Vemos, pois, que quando a Igreja cristã confessa sua fé em um Deus triúno, ela tenciona transmitir a idéia de que existe uma só essência ou ser, e não três; mas que existem três personalidades subsistentes distintas na deidade. Os nomes Pai, Filho e Espírito Santo indicam *distinções* pessoais na deidade, mas não *divisões* essenciais em Deus.

Espero que você tenha acompanhado o argumento até este ponto. Mais importante ainda, espero que você veja o sentido da discussão sobre o Espírito Santo. A maioria dos crentes vai preferir deixar as conversas teológicas ao encargo dos teólogos profissionais, e continuar vivendo a vida cristã. Mas séculos de teologia têm deixado claro que a vida cristã não pode ser vivida corretamente sem as crenças certas como um alicerce. Nem todo crente precisa ser um erudito teológico treinado em seminário. Mas todo crente precisa compreender a natureza de Deus ao qual adoramos (Supostamente, devemos amar a Deus com toda a nossa *mente*). Algumas vezes, a compreensão é fácil, como quando o pecador, vendo a sua necessidade e vendo a misericórdia de Deus, diz com total sinceridade: "Senhor, sê misericordioso para comigo, um pecador". Mas há ocasiões em que se requer mais

trabalho com a cabeça. E no meio de tantas opiniões e declarações conflitantes acerca de Deus e do Espírito Santo, o trabalho mental é essencial.

Todos dispensaríamos toda a teologia técnica sobre a Trindade, se ao menos pudéssemos todos concordar que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são apenas um Deus e, no entanto, que o Filho não é o Pai, nem o Espírito Santo é o Filho, mas que cada qual possui sua subsistência ímpar.

Dentro do plano de criação e redenção, falamos sobre a *subordinação* de certas pessoas da deidade às outras. Para exemplificar, embora Deus o Filho seja coeterno e coessencial com Deus Pai, na obra da redenção é o Pai que *envia* o Filho ao mundo. O Filho não envia o Pai. Por semelhante modo, as Escrituras dizem que o Filho é gerado pelo Pai, mas o Pai não é gerado pelo Filho.

Por semelhante modo, acreditamos que o Espírito Santo é enviado e procede da parte do Pai e do Filho juntamente. Mas o Espírito Santo não envia nem o Pai e nem o Filho. E nem o Filho ou o Pai procedem do Espírito Santo. Na obra da redenção, assim como o Filho está subordinado ao Pai, assim também o Espírito Santo está subordinado ao Pai como ao Filho.

Entretanto, estar em uma posição subordinada, não é a mesma coisa que ser inferior. O Filho e o Espírito Santo são iguais ao Pai, e todos os três são iguais quanto ao ser, à glória, à dignidade, ao poder e ao valor.

CAPÍTULO QUINTO

0

ESPÍRITO
SANTO
NA
CRIAÇÃO

*Espírito Criador, por cuja ajuda
Os fundamentos do mundo foram lançados,
Vem, visita cada mente humilde;
Vem, derrama tuas alegrias sobre toda a
humanidade.*

HINO LATINO, "Veni Creator Spiritus"

A IGREJA em Corinto estava sendo assolada por problemas de desordem na congregação. Os dons do Espírito Santo, particularmente o de falar em línguas, estavam sendo usados e abusados. O que aconteceu ali poderia, com justiça, ser descrito como um vale tudo carismático.

O apóstolo Paulo escreveu pelo menos duas grandes cartas para a igreja em Corinto com orientação pastoral e admoestações. Na primeira dessas cartas ele defendeu, durante três capítulos, a importância de exercermos o uso dos dons espirituais de maneira ordeira. Disse ele: *Tudo, porém, seja feito com decência e ordem* (1 Coríntios 14.40).

Faço parte do que é conhecido como tradição presbiteriana reformada. A imagem cultural dos presbiterianos é a de eclesiásticos sérios e enfadonhos que fecham a cara diante do menor sinal de espontaneidade espiritual. Uma anedota ilustra esse ponto:

Um ser extra terrestre veio à (erra e visitou três igrejas. Uma delas era metodista, a segunda era batista, e a terceira era presbiteriana. Quando ele prestou contas a seus superiores, disse: "Quando eu visitei a igreja metodista, tudo que ouvi foi 'Fogo! Fogo!' Quando visitei a igreja batista, tudo que ouvi foi 'Água! Água!' E quando fui à igreja presbiteriana tudo que ouvi foi "Ordem! Ordem!"

Algumas vezes, parece que o único texto que os presbiterianos lêem em 1 Coríntios é: *"Tudo, porém, seja feito com decência e ordem"*. Mas na vida eclesiástica

deve haver mais do que simples ordem. Contudo, não podemos evitar o fato histórico que a igreja em Corinto vivia perturbada por um problema de desordem. Ao que tudo indica, a situação não foi retificada através dos esforços das epístolas de Paulo. Posteriormente foi enviada uma epístola a Corinto, por Clemente, bispo de Roma, que pleiteava com os Coríntios para lerem novamente e obedecerem às instruções paulinas.

Ao dirigir-se à caótica situação em Corinto, Paulo fez esta importante observação:

Deus não é de confusão (1 Coríntios 14.33).

Essa declaração apostólica está sobrecarregada com implicações teológicas. Imaginamos o que Paulo teria em mente, quando estabeleceu esse princípio abrangente. Seu mandamento de que tudo fosse feito com decência e ordem, como é óbvio, repousava sobre o seguinte princípio: a desordem, o caos, a desarmonia e a confusão são incoerentes com o caráter de Deus. Essas características são produzidas por criaturas humanas decaídas, e não pelo Criador.

Quando Paulo se referiu àquilo de que Deus é o autor e àquilo do que Deus não é o autor, provavelmente estava pensando sobre a maneira de Deus agir na criação original.

A história da criação, no primeiro capítulo do livro de Gênesis enfoca a atenção sobre o triunfo de Deus sobre qualquer ameaça de caos ou confusão. No âmbito mesmo dessas considerações encontramos o papel do Espírito Santo na criação.

As linhas de abertura do livro de Gênesis registram estas palavras:

No princípio criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do

abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas (Gênesis 1.1,2).

O primeiro versículo de Gênesis revela o ato inicial de Deus na criação do universo. A expressão "*No princípio*" deve ser entendida literalmente. Esse versículo declara o poder supremo de Deus fazendo o mundo existir a partir do nada (em Latim, *ex-nihilo*). Não se trata apenas da descrição de moldagem de matéria preexistente por parte de Deus. O que Deus fez foi produzir matéria do nada, uma ação que só ele pode realizar.

Quando nos referimos à criatividade de artistas e músicos com seus dons e talentos, estamos sendo, na melhor das hipóteses, analógicos. Nenhum ser humano tem poder para ser criativo no sentido em que Deus o é. Todas as pessoas criativas empregam algum meio existente para exibir sua criatividade. Um artista criativo pode moldar coisas — palavras, notas musicais, tintas — de uma maneira nova e surpreendente, mas ele não trabalha *ex-nihilo*.

A palavra hebraica empregada em Gênesis para "criar" é *bara*, que o Antigo Testamento usa exclusivamente em referência a Deus e à sua atividade. Ela nunca descreve ações humanas.

No segundo versículo de Gênesis 1, encontramos uma passagem controvertida:

A terra, porém, era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo.

O que faz esses versículos serem tão controvertidos é a presença de três termos descritivos — *sem forma, vazia e trevas*. Que o leitor pense um momento sobre a importância dessas palavras. O que os conceitos de *sem forma, vazio e trevas* conjura em nossas mentes? Há algo de extremamente espantoso nessas palavras. Sentimo-nos

ameaçados por essas qualidades.

Por causa do caráter espantoso desses termos, várias teorias têm sido propostas para explicar a presença deles.

Os eruditos críticos vêem nessas palavras a presença de elementos mitológicos na narrativa do livro de Gênesis. Muitos povos antigos viam a criação do mundo nos termos de um conflito cósmico entre as forças das trevas e as forças da luz. De conformidade com os mitos babilônicos, a criação teria resultado de um conflito primordial com o caos e com monstros marinhos.

Uma visão relativamente recente e largamente popular de Gênesis 1.2 é a chamada Teoria da Lacuna ou Hipótese da Restituição. De acordo com esse ponto-de-vista, somente o primeiro versículo do primeiro capítulo do Gênesis refere-se ao ato original da criação, por parte de Deus. O que se segue após esse primeiro versículo seria uma descrição da restauração remidora de Deus de um universo já decaído. Ou seja, haveria uma maciça lacuna de tempo entre o primeiro e o segundo versículos do livro de Gênesis — talvez bilhões de anos. Teria sido nesse tempo que ocorreu a queda de Lúcifer e de seus anjos, como também o despojamento do universo original.

Uma consideração basilar dentro dessa teoria é o verbo *era*, no segundo versículo. A maioria das traduções da Bíblia diz conforme lemos em nossa versão portuguesa: "A terra, porém, era sem forma e vazia". Os teóricos da lacuna têm observado que o verbo hebraico correspondente pode ser linguisticamente traduzido pela palavra portuguesa *tornou-se*. Por isso mesmo, traduzem o texto da seguinte maneira:

A terra tornou-se sem forma e vazia.

De acordo com essa tradução, o segundo versículo do Gênesis descreve a desintegração do universo, transformando-o em um caos, em resultado do pecado.

A teoria da lacuna é atrativa para muitos porque oferece uma explicação viável para a presença dos termos ameaçadores *sem forma, vazio e trevas*. E também oferece uma via de escape para aqueles que estão convencidos de que o livro de Gênesis reflete uma situação de vida de origem relativamente recente, em oposição às teorias científicas e evidências de que o universo tem bilhões de anos de antigüidade, e que o homem tem, pelo menos, milhões de anos desde que foi criado.

A tensão entre a ciência e a religião foi intensificada pela tentativa do arcebispo Ussher em datar a criação. Trabalhando matematicamente a partir das genealogias apresentadas na Bíblia, Ussher, um bispo irlandês que viveu no século XVII, calculou que a criação do mundo ocorreu em 4004 a.C. (já vi edições da Bíblia que têm impressa essa data no alto da primeira página do livro de Gênesis).

A despeito do fato que a Bíblia não oferece nem uma data específica e nem uma data aproximada da criação, multidões de crentes têm sido educados no ensino de que o mundo foi criado em 4004 a.C. Para defender essa tese contra os assaltos da ciência moderna, eles têm saltado para o carro da propaganda política da teoria da lacuna.

Não estou convencido da verdade da teoria da lacuna. Ela apresenta algumas fraquezas sérias. Em primeiro lugar, embora seja possível que o verbo hebraico em questão seja traduzido por *tornou-se*, em lugar de *era*, o uso preponderante do verbo, no Antigo Testamento, favorece sempre o sentido de *era*. Em segundo lugar, essa teoria cheira a um artifício nascido de uma disputa

com a ciência que, em minha opinião, não seria necessária à parte de especulações como a de Ussher. Finalmente, não posso acreditar que o livro de Gênesis tenha devotado somente um versículo ao ato crucial da criação original, para então, abruptamente, sem qualquer aviso ou explicação, saltar por milhões ou mesmo bilhões de anos, sem mencioná-los sequer uma vez. Em outras palavras, o sentido claro dos versículos iniciais do Gênesis indicam uma seqüência unida de eventos que estão vinculados entre si.

Favoreço a interpretação dos versículos de abertura do livro de Gênesis como uma descrição dos estágios da criação, mediante os quais os elementos do segundo versículo descrevem a criação, quando ainda desordenada e sem cumprimento. Isso descreve as condições da terra em seus estágios iniciais, antes de haver atingido seu estágio final.

Sem importar como compreendamos a primeira parte do segundo versículo, ainda assim nos restam estas perguntas: Como Deus realizou sua obra de criação? Qual foi o papel do Espírito Santo?

O único indício que obtemos, acerca do como da criação se acha no versículo terceiro:

Disse Deus: Haja luz; e houve luz.

O poder da criação acha-se no poder do mandato de Deus. Muitos séculos atrás, Agostinho escreveu sobre a criação. Ele declarou que a origem do poder criativo de Deus encontra-se no "imperativo divino". Ele também descreveu a criação como uma "criação fiat". O termo *fiat* vem da forma imperativa do verbo latino. Deus criou o mundo com a pura força de seu comando. Ele falou no imperativo: "Haja!" — e houve.

É isso que distingue o poder criativo de Deus de

toda criatividade das criaturas. Nenhum artista pode pintar uma obra prima falando apenas à tela para que a obra seja pintada, e nem pode ele fazer a tela e as tintas virem do nada. Nenhum compositor pode criar uma sinfonia simplesmente gritando para os instrumentos músicos de madeira e de metal.

Como foi que Jesus ressuscitou Lázaro dos mortos? Ele não entrou no túmulo de Lázaro para administrar-lhe técnicas de ressuscitação. Ele ficou a certa distância e chamou Lázaro de volta à vida. Jesus proferiu uma ordem — um imperativo divino — "Lázaro, vem para fora!" Diante do som da voz de Jesus, ondas cerebrais foram ativadas no crânio de Lázaro. Seu coração começou a pulsar e o sangue começou a fluir de novo em suas veias. O cadáver, frio e inerte, começou a agitar-se, e Lázaro rompeu as cordas da morte. Tudo isso pela ordem pura do Deus em carne.

Mãos e pés não foram necessários por Deus em sua obra de criação. Não houve necessidade de instrumentos . Ele poderia fazer o mundo movimentar-se sem o uso da alavanca de Arquimedes. Sua voz foi suficiente. Deus falou, e o que ele falou teve lugar. Algo explodiu a partir do nada.

O ESPÍRITO QUE PAIRAVA

Adicionado ao imperativo divino, entretanto, havia o "pairar" do Espírito Santo. Lemos no livro de Gênesis:

E o Espírito de Deus pairava por sobre as águas (Gênesis 1.2).

Há uma interrogação sobre o sentido exato da palavra hebraica traduzida em Gênesis 1.2 por "pairava".

Alguns sustentam que seria algo como "chocando". A palavra ocorre somente duas outras vezes nas páginas do Antigo Testamento. Encontramos o seguinte, em Jeremias 23.9:

Acerca dos profetas. O meu coração está quebrantado dentro em mim; todos os meus ossos estremeçam... (destaque do autor).

Aqui a palavra transmite a idéia de tremer ou estremeecer. E, novamente, encontramos a palavra em Deuteronômio 32.11:

Como a águia desperta a sua ninhada e voeja sobre os seus filhotes, estende as suas asas, e, tomando-os, os leva sobre elas... (destaque do autor).

Quando pensamos nas atividades de uma águia-Mãe "chocando", nós a vemos assentando-se nos ovos para aquecê-los até o nascimento dos filhotes. Mas na descrição de Deuteronômio, eles já nasceram. G. C. Aalders comentou como segue:

A palavra "chocar" não se adapta ao trecho, uma vez que os ovos da águia já foram chocados, quando a mãe está envolvida no treinamento de seus filhotes. O mais provável é que a palavra, nesse caso, refira-se à ave-mãe cuidando de seus filhotes enquanto eles aprendem a voar. Quando eles hesitam no vôo ela mergulha por baixo deles e impede-os de caírem. Assim sendo, quando tudo é considerado, a tradução "pairar" tem a preferência (I. G. C. Aalders, Gênesis, vol. 1 do Bible Students Commentary, tradução de William Heyman, Grand Rapids: Zondervan, 1981, pág. 56).

Aalders continuou em sua explicação sobre essa passagem:

Qual, pois, teria sido o propósito desse pairar do Espírito de Deus por sobre as águas? E evidente que isso não indica a mera presença do Espírito Santo. O propósito aparentemente foi que um poder ativo emanava do Espírito de Deus para a substância terra, que já havia sido criada. Essa atividade tem um relacionamento direto com a obra criativa de Deus. Talvez possamos dizer que o Espírito preservou esse material criado, preparando-o para a atividade criadora posterior de Deus, mediante a qual um mundo então desordenado tornar-se-ia um todo bem ordenado, conforme se desdobrariam atos criativos secundários (Idem).

Quando consideramos o pleno sentido do verbo "criar" (no hebraico, *bara*), no livro de Gênesis, percebemos que aquilo que Deus cria, ele também sustenta, mantendo todas as coisas pelo seu poder.

A criação não foi uma obra staccato. Usando outro termo musical, a criação é sostenuto, sustentada. Pensamos em notas musicais staccato como tons breves, incisivos, destacados. A duração das notas é rápida e breve. Já uma nota sustentada perdura por alguns momentos. Tem continuação. Ela nunca é abrupta. Uma nota tocada em um órgão pode, quanto à teoria, perdurar para sempre, ou seja, enquanto a tecla estiver sendo pressionada. A criação se parece com uma nota de órgão.

Parte da obra do Espírito é "voejar" sobre a criação, mantendo as coisas intactas. Quanto a isso, vemos o Espírito Santo como o divino Preservador e Protetor. O Espírito, pois, opera a fim de manter aquilo que o Pai trouxe à existência.

O mais notável nessa passagem do livro de Gênesis é o papel do Espírito como *Ordenador* da criação. O Espírito põe a desordem em ordem. Sua presença exclui a

possibilidade de caos ou confusão. Aqui vemos o Espírito Santo produzindo *integridade* no mundo. O que quero dizer aqui, por *integridade*, é a estrutura do todo, a integração das partes do cosmos com a sua totalidade. É por causa do Espírito que temos o cosmos, em lugar do caos.

É digno de atenção que existe um claro paralelo entre a obra do Espírito na criação e a sua obra na redenção. Na qualidade de nosso Santificador, ele voeja por sobre seus filhos para produzir integridade em suas vidas. Ele ordena e preserva aquilo que Deus criou e redimiu. Quando o Espírito "voeja" por sobre as águas, não há mais falta de forma. O universo não estruturado ganha uma maravilhosa estrutura. As complicações dessa estrutura tornam-se o ponto focal da inquirição científica. É em vista do fato que o universo é ordenado e governado por leis coerentes que a ciência é possível. Os cientistas não poderiam fazer seu trabalho em um mundo irregular e caótico.

Antes que o Espírito "voeje", o universo não-terminado é assinalado pelo "vazio". Dentre os três termos descritos no segundo versículo do primeiro capítulo do Gênesis, talvez esse seja o aspecto mais assustador para a alma do homem. O desespero humano com freqüência é expresso em termos de um espantoso sentimento de vazio, uma sensação de oco, de ameaça do nada. Nos momentos mais negros do existencialista pessimista ouvimo-lo falar no abismo, no negrume infernal do vazio absoluto, no precipício do nada. Mesmo nos relacionamentos humanos temos um senso fugidio da ameaça do vazio, que identificamos como uma pungente solidão.

O Espírito Santo preenche o que está vazio. Ele conquista o vácuo. Quando sua obra termina, o universo

antes solitário está fervilhando com uma abundância de flora e de fauna. As terras estéreis tornam-se uma arena pulsante de vida. Precisamos aqui do Santo Espírito de Deus como aquele que preenche todas as coisas. Por conseguinte, adicione-se ao papel do Espírito de Formador e de Preservador o seu papel como Preenchedor de vida.

O ESPÍRITO COMO ILUMINADOR

Mas o Espírito não cessa suas atividades formando o que estava sem forma e enchendo o que estava vazio. Quando termina a obra do Espírito, as trevas primordiais estão vencidas. Enquanto o Espírito voeja, Deus dá seu primeiro imperativo: "Haja luz!" E a luz aparece.

A imagem simbólica da luz nas Escrituras é crucial. Estabelece um marcante contraste com formas de dualismo religioso. Em algumas religiões, essa metáfora expressa as imagens de luz e de trevas como forças iguais em oposição, empenhadas em uma luta eterna pela supremacia. Mas não há esperança de redenção final onde forças opostas se opõem igualmente uma à outra. O melhor que pode acontecer em tais casos é um empate. Em tal esquema, a redenção é uma ilusão.

De acordo com a Bíblia, porém, o poder das trevas não é adversário à altura para o poder da luz. Não há ah qualquer indício de um empate forçado. Na Bíblia, as trevas terão que ceder diante da luz.

Sempre me senti intrigado diante do poder da luz sobre as trevas. Quando eu era criança, eu tinha medo de descer para a adega a menos que primeiramente eu acendesse as lâmpadas. Lembro-me de pisar no chão da adega e ficar aterrorizado na negridão de piche que ali dominava. Eu tremia enquanto tateava pelo comutador de luz. Meu espírito, porém, era inundado de alívio quando meus

dedinhos, que rebuscavam, achavam o comutador e eu acendia a luz. Eu não precisava passar minutos de agonia esperando pelo resultado de uma batalha entre as trevas e a luz. No instante em que eu pressionava o comutador de luz, as espantosas trevas desapareciam. A escada ficava instantaneamente banhada de luz e eu podia descer pelos degraus com uma coragem a toda prova.

João expressou essa vitória da luz como segue:

A vida estava nele, e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela (João 1.4,5).

Na obra da criação e da redenção, o Espírito Santo funciona como o divino *Iluminador*. Aquele que ilumina os céus também inspirou as Escrituras, revelou a Palavra de Deus e ilumina essa Palavra para o nosso entendimento.

O ESPÍRITO SANTO COMO FONTE DE PODER

Quando Deus cria a vida, ele opera através do Espírito Santo. Por ocasião do concílio ecumênico de Constantinopla, em 381 D.C, a Igreja confessou e declarou que o Espírito Santo é o "doador da Vida" (no grego, *zoopoion*). O Espírito é a fonte imediata de toda a vida.

Estamos acostumados a pensar que as únicas pessoas que "possuem" o Espírito Santo são os crentes regenerados. O crente é habitado pelo Espírito Santo e, assim sendo, tem o Espírito Santo em um sentido redentor.

Entretanto, existe um outro sentido no qual toda a humanidade, crentes e incrédulos igualmente, "tem" o Espírito Santo. No sentido da criação (em distinção à redenção), todos os seres humanos participam do Espírito Santo. Visto que o Espírito Santo é a fonte e o suprimento

de poder da própria vida, ninguém pode viver completamente à parte do Espírito Santo. Paulo declarou aos atenienses:

... para buscarem a Deus se, porventura, tateando o possam achar, bem que não está longe de cada um de nós. Pois nele vivemos e nos movemos, e existimos, como alguns de vossos poetas têm dito: Porque dele também somos geração (Atos 17.27,28).

É em Deus, através do seu Espírito, que "vivemos e nos movemos e existimos". Sem o Espírito Santo não há vida, não há movimento, não há ser. O Espírito Santo é o poder que nos supre todas essas coisas.

No relato original da criação da vida humana, lemos :

Então formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra, e lhe soprou nas narinas o fôlego da vida, e o homem passou a ser alma vivente (Gênesis 2.7).

Vemos nesta passagem que o homem recebeu vida em resultado de Deus ter "soprado" nele a vida. Há um jogo de palavras com a palavra hebraica *ruach*. Essa palavra pode ser traduzida como "espírito" e como "sopro". O sopro da vida está inseparavelmente ligado ao Espírito Santo. É mediante o Espírito Santo que o homem torna-se um ser vivo.

O Espírito Santo é também a origem da vida das plantas e dos animais. É por meio do Espírito Santo que a relva cresce.

Todos esperam de ti que lhes dês de comer a seu tempo. Se lhes dás, eles o recolhem; se abres a mão eles se fartam de bens. Se ocultas o teu rosto, eles se perturbam; se lhes cortas a respiração, morrem, e voltam ao seu pó. Envias o teu Espírito, eles são criados, e assim renovas a

face da terra (Salmos 104.27-30).

Note o leitor as atividades do Espírito Santo na profecias de Isaías, acerca do florescer da terra:

... até que se derrame sobre nós o Espírito lá do alto; então o deserto se tornará em pomar, e o pomar será tido por bosque (Isaías 32.15).

Jó considerava que o Espírito Santo era o autor de sua vida:

O Espírito de Deus me fez; e o sopro do Todo-poderoso me dá vida (Jó 33.4).

O Espírito Santo é o poder da própria vida. No Novo Testamento, o conceito de poder está intimamente ligado ao Espírito Santo. O termo grego que é usado com frequência sobre o poder do Espírito Santo é *dúnamis*, poder. Há duas importantes palavras portuguesas que se derivam do vocábulo grego *dúnamis*. A primeira é o termo *dinamite*. E a segunda é a mais importante das duas quanto às nossas considerações aqui. Trata-se da palavra *dinâmica*. Quando usamos a palavra *dinâmica*, usualmente estamos nos referindo àquilo que é "vivo" e "ativo". Ela encapsula a energia da própria vida.

É o Espírito Santo quem supre a dinâmica para o mundo criado. Mediante o seu poder, o universo goza de vida e de movimento.

Conforme já pudemos perceber, há um paralelo entre a obra do Espírito na criação e a obra do Espírito na redenção. Da mesma forma que ele é o poder gerador da vida biológica, assim ele é a origem e o poder gerador da vida espiritual. A sua obra na redenção espelha e suplementa a sua obra na criação. Ele opera tanto a criação como a recriação de um mundo caído.

CAPÍTULO SEIS

O

NOVO

GÊNESIS:

O

ESPÍRITO

SANTO

E A

REGENERAÇÃO

*Sem a presença do Espírito
não há convicção,
nem regeneração, nem santificação,
nem purificação, e nem obras
aceitáveis...*

A vida está no Espírito vivificador.

W. A. CRISWELL

NASCIMENTO e renascimento. Ambas essas coisas resultam das operações do Espírito de Deus. Da mesma maneira que nada pode viver biologicamente à parte do poder do Espírito Santo, assim também nenhum ser humano pode viver à parte da obra do Espírito.

Em seu discurso diante de Nicodemos, Jesus disse acerca do Espírito Santo:

Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus (João 3.3).

"Nascer de novo" é experimentar uma segunda gênese. É um novo começo, um novo arranco na vida. Quando algo se inicia, geralmente dizemos que aquela coisa foi gerada. E se foi iniciada de novo, ela foi regenerada. O verbo grego *geniauo*, traduzido por "gerado", significa "ser", "tornar-se" ou "acontecer". A regeneração, operada pelo Espírito Santo é uma mudança. É uma mudança radical que cria uma nova espécie de ser.

Ser regenerado não significa que somos transformados de um ser humano em um ser divino. Mas significa que fomos modificados de seres humanos que estão espiritualmente mortos para seres humanos que estão espiritualmente vivos.

Pessoas espiritualmente mortas são incapazes de ver o reino de Deus. O reino de Deus é invisível para elas, não porque esse reino seja, por si mesmo, invisível, mas por que as pessoas espiritualmente mortas estão espiritualmente cegas.

A REGENERAÇÃO COMO UMA NECESSIDADE

Quando Jesus disse a Nicodemos que "se" alguém não nascesse de novo, ele estava afirmando aquilo a que chamamos de *condição necessária*. Uma condição necessária é um requisito absoluto para que um resultado desejado qualquer tenha lugar. Por exemplo, não pode haver fogo sem a presença do oxigênio, pois o oxigênio é uma condição necessária para que haja combustão.

No jargão do cristianismo evangélico, as pessoas falam em "crentes nascidos de novo". Tecnicamente falando, essa frase é uma redundância. Se uma pessoa não nasceu de novo, se ela não foi regenerada, então tal pessoa não é crente. Tal pessoa pode ser um membro de uma igreja local evangélica. Pode professar-se um crente. Mas a menos que uma pessoa seja regenerada, ela não está em Cristo, e nem Cristo está nela.

A palavra "se" faz da regeneração um sine qua non da salvação. Não havendo regeneração, não haverá vida eterna. Sem a regeneração uma pessoa não pode nem ver o reino de Deus e nem entrar no reino de Deus.

Estando Nicodemos perplexo diante do ensino de Jesus, replicou:

Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez? (João 3.4)

A resposta de Nicodemos soa quase como uma tentativa de lançar no ridículo o ensino de Jesus. Usando termos crassos, Nicodemos sugeriu que Jesus, sem dúvida, indicava que uma pessoa plenamente adulta deve tentar a tarefa impossível de retornar ao ventre de sua mãe.

Nicodemos não distinguiu, por conseguinte, entre o nascimento biológico e o nascimento espiritual. Ele não diferenciou entre a carne e o espírito. Jesus respondeu à reação dele, ao dizer:

Em verdade, em verdade te digo: Quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne, é carne; e o que é nascido do Espírito, é espírito. Não te admires de eu te dizer: Importa-vos nascer de novo (João 3.5-7).

Novamente, Jesus prefaciou suas palavras ao dizer: "*Em verdade, em verdade te digo*". Essas palavras — do hebraico *amém*, transportado para o Novo Testamento — denota uma forte ênfase. Em outras palavras, quando Jesus falou sobre a regeneração como uma condição necessária para ver e entrar no reino de Deus, ele declarou essa condição necessária de maneira enfática. Argumentar contra a necessidade do novo nascimento para alguém ser um crente, como muitos de nossos contemporâneos fazem, é manter-se em clara oposição ao ensino enfático de Cristo.

As palavras não pode também são cruciais ao ensino de Jesus. Trata-se de uma expressão negativa que aborda a idéia de habilidade ou possibilidade. Sem a regeneração, ninguém (negativa universal) é capaz de entrar no reino de Deus. Não há exceções. É impossível alguém entrar no reino de Deus sem ter renascido.

Ninguém já nasce crente. Ninguém nasce biologicamente no reino de Deus. O primeiro nascimento é da carne. Carne gera carne. Não pode produzir espírito.

Mais adiante, no mesmo evangelho de João, Jesus adicionou o seguinte comentário:

O Espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito, são espírito e são vida (João 6.63).

Quando Martinho Lutero estava debatendo se o homem caído é totalmente dependente do Espírito Santo quanto à regeneração, ele citou este texto e adicionou: "A carne para nada aproveita. E esse 'nada' não significa 'um pouco'".

A carne não é meramente fraca no tocante ao poder do renascimento. Ela é totalmente impotente. Ela não tem o menor poder para efetuar o renascimento espiritual. Não pode ajudar e nem fomentar a obra do Espírito. Tudo quanto a carne produz é mais carne. Não pode produzir um grama do Espírito. O nada não é um pouco.

Finalmente, Jesus disse: "*Importa-vos nascer de novo*". Se havia a mais leve ambigüidade com o uso da palavra condicional "se", essa ambigüidade se evapora completamente com o uso do termo "importa".

A REGENERAÇÃO NA EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS

Em sua epístola aos Efésios, o apóstolo Paulo falou sobre a obra regeneradora do Espírito Santo:

Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais. Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor

com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo — pela graça sois salvos (Efésios 2.1-5).

Paulo provê uma descrição gráfica de nossa impotência espiritual antes da regeneração. Ele se dirigia aos crentes de Éfeso e descrevia uma condição anterior da qual todos eles tinham compartilhado. E adicionou a frase: "como também os demais" (2.3), presumivelmente referindo-se à totalidade da humanidade.

Ele declarou que essa condição anterior era um estado de morte: "estando vós mortos em vossos delitos e pecados". Novamente, é evidente que essa morte não era causada pela morte biológica, visto que ele enumera atividades em que essas pessoas mortas estavam envolvidas.

O modo de conduta característico de pessoas mortas em seus delitos e pecados é descrito em termos de andar em um curso particular. Ele chama esse curso de "segundo o curso deste mundo" (2.1,2). Nesse caso, o curso deste mundo, como é óbvio, refere-se a um curso ou padrão oposto ao curso do céu. As palavras "deste mundo" referem-se não tanto a uma localização, e, sim, a um estilo ou a um ponto de referência. Envolve a orientação dada por este mundo.

Os crentes, e os incrédulos, igualmente, compartilham da mesma esfera de operações. Todos vivemos nossas vidas neste mundo. A pessoa regenerada, entretanto, é guiada pelo alto. Ela tem seus olhos fixos no céu e seus ouvidos estão sintonizados com o Rei dos céus. Já a pessoa não-regenerada está voltada para esta terra. Seus ouvidos são surdos para qualquer palavra que proceda do céu; seus olhos estão cegos para a glória que vem do alto. Ela vive como um cadáver ambulante em um cemitério

espiritual.

O curso deste mundo está "extraviado" (Romanos 3.12), ou seja, longe do caminho de Deus. Pelo contrário, envolve uma vereda que é "segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência" (Efésios 2.2).

Os espiritualmente mortos têm um senhor. O senhor deles traça para eles um caminho que eles seguem voluntariamente — até mesmo ansiosamente. Esse senhor se chama "príncipe da potestade do ar". Esse título de realeza só pode referir-se a Satanás, o principal arquiteto de todas as coisas diabólicas. Paulo o chama de "espírito que agora atua nos filhos da desobediência". Satanás é um espírito mal, um anjo caído e corrompido, que exerce influência e autoridade sobre todas as suas hordas cativas.

Paulo estabelece um princípio de vida. Ou andamos de acordo com o Espírito Santo ou andamos de acordo com o espírito maligno. Agostinho comparou, de certa feita, o homem a um cavalo, montado ou por Satanás ou pelo Espírito de Deus.

E Paulo continuou sua vivida descrição da pessoa regenerada, quanto ao seu estilo de vida ainda não-regenerada:

... entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos (2.3).

A atenção passa agora do curso externo e da influência externa de Satanás para > estado interno da condição das pessoas não-regeneradas. Uma vez mais, vemos isso como uma condição universal: "entre os quais também todos nós andamos outrora" A palavra-chave des-

critiva dessa anterior condição interna é a palavra carne. Aqui Paulo faz eco da linguagem usada pelo Senhor Jesus em sua conversa com Nicodemos.

A palavra *carne*, neste ponto, deve ser entendida como um sinônimo de "corpo físico". Nossos corpos, por si mesmos, não são maus, visto que Deus nos criou como seres físicos e tornou-se, ele mesmo, um ser humano. A *carne*, por conseguinte, refere-se à natureza pecaminosa, o inteiro caráter decaído do homem.

Antes de sermos regenerados, vivemos exclusivamente na carne e pela carne. Nossa conduta segue as concupiscências da carne. Isso refere-se não exclusivamente aos apetites físicos ou sexuais, mas a um padrão de todos os desejos pecaminosos.

Paulo coroa essa acusação universal de nosso estilo de vida decaído, ao acrescentar: "E éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais" (2.3). Quando Paulo diz "por natureza", ele se referia ao nosso estado, com o qual entramos neste mundo. O nascimento biológico é o nascimento natural. A regeneração é um nascimento sobrenatural. Os homens não foram originalmente criados como filhos da ira. A natureza humana original não era uma natureza decaída. Desde a queda de Adão e Eva no pecado, entretanto, a palavra *natural* refere-se ao nosso estado de pecaminosidade inata.

Cada criança que nasce neste mundo entra em um estado corrupto. Davi declarou: "Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe" (Salmos 51.5). Todos já nascemos espiritualmente mortos. Todos já nascemos mortos em delitos e pecados. Na teologia chamamos essa condição pecaminosa inerente de *pecado original*. O pecado original não se refere ao primeiro pecado

de Adão e Eva; refere-se às conseqüências desse primeiro pecado, com a transmissão de uma natureza corrompida à inteira raça humana.

Somos, por natureza, "filhos da ira". Quão diferente isso soa da noção socialmente aceitável de que somos todos, naturalmente, filhos de Deus! Essa idéia equivocada é, ao mesmo tempo, milenar e generalizada! É uma falsidade que adquire credibilidade por sua repetição freqüente. Quando uma mentira é repetida por vezes suficientes, as pessoas começam a crer nela.

A mentira que consiste em dizermos que, por natureza, somos filhos de Deus, é uma mentira que deixava chocado o Senhor Jesus. Jesus foi forçado a combater essa noção e refutá-la em seus debates com os fariseus. Os fariseus se iraram diante das críticas feitas pelo Senhor Jesus e disseram:

Nós não somos bastardos; temos um pai que é Deus. Repliquou-lhes Jesus: Se Deus fosse de fato vosso pai, certamente me havíeis de amar; porque eu vim de Deus e aqui estou; pois não vim de moto próprio, mas ele me enviou. Qual a razão por que não compreendeis a minha linguagem? É porque sois incapazes de ouvir a minha palavra. Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe aos desejos. Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira. Mas, porque eu digo a verdade, não me credes. Quem dentre vós me convence de pecado? Se vos digo a verdade, porque razão não me credes? Quem é de Deus ouve as palavras de Deus; por isso não me dais ouvidos, porque não sois de Deus (João 8.41-47).

Embora a Bíblia reconheça que Deus é o Pai de todos os homens no sentido de ser ele o Criador de todos os homens, há um sentido especial segundo o qual a paternidade de Deus é definida não em termos biológicos, mas em termos de ética. *Obediência* é a palavra operativa. De acordo com o ponto de vista da Bíblia, nosso pai é aquele a quem obedecemos. Esse relacionamento é estabelecido não por meio de laços biológicos, mas por uma obediência voluntária.

Visto que os fariseus obedeciam a Satanás, e não a Deus, disse Jesus a respeito deles: "Vós sois do diabo, que é o vosso pai" (João 8.44).

No segundo capítulo da epístola aos Efésios, Paulo fala tanto dos "filhos da desobediência" (vs. 2) quanto dos "filhos da ira" (vs. 3). Essas frases descrevem todos nós, em nosso estado natural e sem regeneração.

Quando Paulo terminou sua descrição sobre nosso estado não-regenerado, abrupta e gloriosamente passou a uma doxologia que louva a Deus por sua misericórdia. A palavra de transição é a palavra simples da qual nossos destinos eternos dependem. Talvez seja a mais gloriosa palavra das Escrituras, a palavra simples que cristaliza a essência mesma do evangelho. Trata-se da palavra *mas*. Essa minúscula conjunção muda a atitude da passagem inteira. Ela é o elo entre o natural e o sobrenatural, entre a degeneração e a regeneração:

Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, no deu vida juntamente com Cristo —pela graça sois salvos, e juntamente com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus; para mostrar nos séculos vindouros a suprema riqueza da

sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus. Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas (Efésios 2.4-10).

A INICIATIVA DIVINA

A regeneração é obra soberana de Deus Espírito Santo. A iniciativa cabe a ele, e não a nós. Podemos notar que a ênfase de Paulo recai sobre a obra de Deus, e não no esforço humano:

Mas Deus, sendo rico em misericórdia...

Podemos observar que o apóstolo dos gentios não escreveu:

Mas o homem, por sua bondade, inclinou-se para Deus e se elevou a um novo nível espiritual.

Um dos momentos mais dramáticos em minha vida, quanto à moldagem de minha teologia, teve lugar em uma aula de um seminário. Um de meus professores dirigiu-se ao quadro negro, onde escreveu estas palavras com letras maiúsculas:

A REGENERAÇÃO ANTECEDE À FÉ

Essas palavras causaram um choque ao meu sistema. Eu tinha ingressado no seminário acreditando que a obra-chave do homem para efetuar o renascimento fosse a fé. Eu pensava então que primeiramente tínhamos que acreditar em Cristo, a fim de nascermos de novo. Uso aqui as palavras "a fim" por uma certa razão. Eu estava pensando em termos de passos que uma pessoa deve dar, em uma certa seqüência, para chegar a um destino. Eu

pusera a fé no começo dessa seqüência. A ordem de acontecimentos se parecia um tanto com isto:

Fé — renascimento — justificação

De acordo com esse esquema das coisas, a iniciativa cabe a nós. Para dizermos a verdade, Deus tinha enviado Jesus para morrer na cruz antes que eu tivesse ouvido o evangelho. Mas uma vez que Deus fizera essas coisas externas em meu favor, eu pensava que a iniciativa para me apropriar da salvação era minha tarefa.

Eu ainda não havia examinado a questão completa com muito cuidado. E nem tinha ouvido criteriosamente as palavras de Jesus a Nicodemos. Eu supunha que embora eu fosse um pecador, uma pessoa nascida da carne, que vivia na carne, eu ainda dispunha de uma pequena ilhota de retidão, de um minúsculo depósito de poder espiritual que restava em minha alma, e que me capacitava a reagir positivamente ao evangelho contando com minhas próprias forças.

Talvez eu tivesse ficado confuso através do ensino tradicional da Igreja Católica Romana. Roma, e muitos outros ramos da cristandade, tinham ensinado que a regeneração é graciosa; não pode acontecer à parte da ajuda de Deus. Ninguém tem o poder de ressuscitar a si mesmo da morte espiritual. A ajuda divina é necessária, e necessária de modo absoluto. Essa graça, de acordo com Roma, vem na forma do que eles chamam de *graça preveniente*. "Preveniente" significa aquilo que vem antes de outra coisa qualquer.

Roma adiciona a essa graça preveniente o requisito que devemos "cooperar com ela e assentir diante dela", antes dessa graça poder tomar conta de nossos corações.

Esse conceito de cooperação é, quando muito,

apenas uma meia-verdade. É verdade até onde a fé que devemos exercer é nossa fé. Deus jamais crerá em Cristo, ele mesmo, em nosso favor. Quando eu correspondo a Cristo, é minha reação, minha fé, minha confiança que está sendo exercitada.

A questão, no *entanto*, é muito mais profunda do que isso. Permanece de pé a pergunta: Coopero com a graça de Deus antes de eu ter nascido do alto, ou essa cooperação ocorre depois de eu ter nascido de novo?

Uma outra maneira de fazer essa pergunta consiste em indagar se a regeneração é monergística ou sinérgica? Ela é operativa ou cooperativa? Ela é eficaz ou dependente? Algumas dessas palavras são termos teológicos que requerem maiores explicações.

MONERGISMO E SINERGISMO

Uma obra monergística é algo produzido isoladamente por uma única pessoa. O prefixo *mono* significa um. A palavra *erg* refere-se a uma unidade de trabalho. Palavras portuguesas como *energia* são construídas com base nessa raiz. Uma obra sinérgica, por sua vez, é um trabalho que envolve cooperação entre duas ou mais pessoas ou coisas. O prefixo *sim* significa "juntamente com".

Estou laborando esta distinção por um motivo. É justo dizermos que o debate inteiro entre Roma e Martinho Lutero dependia somente desse ponto em particular. A questão era a seguinte: A regeneração é uma obra monergística de Deus, ou é uma obra sinérgica, que requer a cooperação entre o homem e Deus?

Quando meu professor escreveu "A regeneração antecede à fé", no quadro negro, ele estava claramente tomando o partido da resposta monergística. Para dizer-

mos a verdade, depois que uma pessoa é regenerada, essa pessoa coopera exercendo fé e confiança em Cristo. Mas o primeiro passo, o passo da regeneração, mediante o qual uma pessoa é vivificada para que tenha vida espiritual, é obra de Deus e de Deus tão-somente. A iniciativa cabe a Deus, e não a nós.

A razão pela qual não cooperamos com a graça regeneradora antes dela agir em nós e sobre nós, é que não podemos mesmo cooperar. E não podemos por estarmos espiritualmente mortos. Não podemos ajudar o Espírito Santo na vivificação de nossas almas, para que tenham vida espiritual, da mesma maneira que Lázaro não podia ajudar a Jesus a ressuscitá-lo dos mortos.

É provavelmente verdade que a maioria dos crentes professos que há no mundo de hoje acredite que a ordem de eventos em nossa salvação seja esta: A fé antecede à regeneração. Somos geralmente exortados a *escolher* nascer de novo. Mas dizer a uma pessoa que *escolha* renascer é como exortar um cadáver a escolher a ressurreição. Tal exortação cai sobre ouvidos surdos.

Quando comecei a pelejar na mente contra o argumento do professor, fiquei surpreendido ao aprender que esse ensino de sons estranhos não era nenhuma inovação recente da teologia. Descobri o mesmo ensino nos escritos de Agostinho, Martinho Lutero, João Calvino, Jonathan Edwards e George Whitefield. Fiquei profundamente admirado de encontrar esse ensinamento no grande teólogo católico medieval Tomás de Aquino.

Que esses gigantes da história do cristianismo tenham chegado à mesma conclusão, sobre essa particularidade, exerceu sobre mim um tremendo impacto. Eu tinha consciência de que eles não eram infalíveis, nem indivi-

dual e nem coletivamente. Cada um deles e todos eles podem ter-se equivocado. Mas eu estava impressionado. E especialmente impressionado por Tomás de Aquino.

Tomás de Aquino é considerado como o *Doctor Angelicus* da Igreja Católica Romana. Durante séculos os seus ensinamentos teológicos foram aceitos como dogma oficial pela maioria dos católicos. Portanto, ele era a última pessoa que eu esperava que aceitasse tal ponto de vista sobre a regeneração. Não obstante, Aquino insistia que a graça regeneradora é graça operativa, e não graça cooperativa. É verdade que Aquino falava em graça preveniente, mas ele falava sobre a graça que vem antes da fé, que é a graça da regeneração.

A frase-chave na epístola paulina aos Efésios, sobre essa questão, é a seguinte:

... e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, — pela graça sois salvos (Efésios 2.5).

Nesse versículo, Paulo localizou o tempo em que ocorre a regeneração. A regeneração tem lugar quando ainda estamos mortos. Com um único raio de revelação apostólica foram esmagadas, total e completamente, todas as tentativas para entregar a iniciativa na regeneração ao homem. Afirmamos de novo que homens mortos não cooperam com a graça divina. Os indivíduos espiritualmente mortos não tomam qualquer iniciativa espiritual. A menos que a regeneração tenha lugar, antes de tudo, não haverá possibilidade de fé.

Isso nada apresenta de diferente do que Jesus disse a Nicodemos. A menos que um homem primeiramente nasça de novo, ele não pode ver o reino de Deus ou entrar nele. Se acreditamos que a fé antecede à regeneração,

então nos opomos, em nossos pensamentos, e, portanto em nós mesmos, não somente contra Agostinho, Aquino' Lutero, Calvino, Edwards e outros, mas também faremos oposição aos ensinamentos de Paulo e do próprio Senhor Jesus Cristo.

A REGENERAÇÃO É GRACIOSA

Na exposição paulina da regeneração há uma forte ênfase sobre a doutrina da graça. É necessário que crentes de todas as tendências teológicas reconheçam, voluntária e jubilosamente, que a nossa salvação repousa sobre o fundamento da graça.

Durante a Reforma, os Protestantes usaram duas frases latinas como grito de guerra: *Sola scriptura* (as Escrituras somente) e *sola fide* (a fé somente). Eles insistiam que a autoridade suprema na Igreja, sob Cristo, é somente a Bíblia. Eles insistiam que a justificação vinha somente pela fé. Ora, Roma não negava que a Bíblia reveste-se de autoridade; mas eles ficavam chocados diante da palavra *sola*. Roma também não negava que a justificação envolve a fé; era a *sola* que os provocava para condenarem a Lutero.

Havia ainda um terceiro grito de guerra durante a Reforma Protestante. Foi originalmente apresentado por Agostinho, mais de mil anos antes de Lutero. Era a frase *sola gratia*. Essa frase latina assevera que a nossa salvação repousa exclusivamente sobre a graça de Deus. Não há nenhuma mistura do mérito humano com a graça divina. A salvação não é uma realização humana; é um gracioso dom de Deus. Essa fórmula vê-se ameaçada se se adota uma visão sinergista da regeneração.

Não foi por acidente que Paulo adicionou ao seu ensinamento sobre a regeneração que esta depende de uma

obra graciosa de Deus. Vamos examinar de novo as palavras do apóstolo aos gentios:

Mas Deus, sendo rico e misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, — pela graça sois salvos... para mostrar nos séculos vindouros a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus. Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas (Efésios 2.4-10).

Alguma vez você já tentou corrigir a Bíblia? Eu certamente já o fiz, para minha grande vergonha. Em meio às discórdias teológicas, por muitas vezes tenho me admirado de por que a Bíblia não fala com maior clareza quanto a certos assuntos. Por exemplo, por que o Novo Testamento não afirma mais claramente se devemos ou não batizar infantes?

Quanto a muitas dessas questões, somos deixados a decidir à base de inferências extraídas da Bíblia. Quando me sinto perplexo diante de tais discórdias, usualmente volto ao ponto seguinte: A dificuldade não jaz na falta de clareza da Bíblia; jaz em minha falta de pensamentos claros sobre o que a Bíblia ensina.

E quando se trata da regeneração e da fé, fico perguntando como Paulo poderia ter deixado mais clara essa questão. Suponho que ele poderia ter adicionado as seguintes palavras ao segundo capítulo de Efésios: "A regeneração antecede à fé". Entretanto, honestamente penso que nem mesmo essa frase poderia ter terminado o

debate. Nada existe nessas palavras que já não tenha sido dito claramente por Paulo, em seu texto, ou por Jesus, no terceiro capítulo do evangelho de João.

Por que, pois, existe tanta confusão? Minha opinião é que se concluirmos que a regeneração se dá por iniciativa divina, que a regeneração é monergista, que a salvação vem somente pela graça divina, não poderemos escapar à clamorosa implicação que nos leva, rápida e irresistivelmente, à eleição soberana.

Assim, que a doutrina da eleição chama a nossa atenção, estabelece-se uma grande agitação, na tentativa de fazer a fé aparecer antes da regeneração. A despeito de todas essas dificuldades acompanhantes, o ensino do apóstolo trata diretamente dessa questão:

Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é graça de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie (Efésios 2.8,9).

Nestes dois versículos o apóstolo ensina-nos que a fé pela qual somos salvos é uma fé que nos é concedida pela graça divina. Nossa fé é algo que exercemos por nós mesmos e em nós mesmos, mas não vem de nós. É um dom de Deus. Não é uma realização humana.

Visto que o dom da fé nos é dado como um fruto da regeneração, toda jactância fica excluída para sempre, salvo a jactância nas riquezas extraordinárias da misericórdia divina. Todos os pontos de vista centrados no homem, como motivos da salvação são excluídos para sempre, se retivermos a palavra *sola* na expressão *sola gratia*. Por conseguinte, jamais deveríamos entristecer o Espírito Santo, tomando o crédito, para nós mesmos, daquilo que pertence exclusivamente a ele.

A REGENERAÇÃO É EFICAZ

Dentro das formas tradicionais da teologia arminiana, existem aqueles que concordam que a regeneração precede à fé, mas que insistem que nem sempre, ou necessariamente, ela *produz* a fé. Esse ponto de vista concorda que a iniciativa cabe a Deus; que se dá pela graça divina, e que a regeneração é monergística. Esse ponto de vista está usualmente vinculado ao mesmo tipo de ponto de vista da regeneração universal.

Essa idéia está ligada à cruz. Alguns estudiosos argumentam que um dos benefícios universais da expiação de Cristo é que todas as pessoas foram regeneradas ao ponto que a fé agora é possível. A cruz redimiu todos os homens da morte espiritual, pois agora temos o poder de cooperar ou de não cooperar com a oferta da graça salvadora. Aqueles que cooperam, exercendo fé, são justificados. Aqueles que não exercem fé nasceram de novo, mas não se converteram. Esses são espiritualmente vivificados e estão espiritualmente vivos, mas permanecem na incredulidade. Agora todos são capazes de ver o reino de Deus e têm a capacidade moral de entrar no reino, mas preferem não fazê-lo.

Chamo esse ponto de vista de *graça ineficaz* ou de *graça dependente*. Está bem; perto daquilo que Tomás de Aquino rejeitava como graça cooperativa.

Quando sustento que a regeneração é eficaz, quero dizer com isso que ela atinge seu alvo desejado. Ela é eficaz. Realiza o seu trabalho. Somos vivificados para termos fé. O dom é da fé, que nos foi verdadeiramente concedido e que lançou raízes em nossos corações.

Algumas vezes, a frase *chamada eficaz* é usada como sinônimo da regeneração. A palavra *chamada* refe-

re-se a alguma coisa que acontece dentro de nós, em distinção a algo que ocorre fora de nós.

Quando o evangelho é pregado audivelmente, são emitidos sons da boca do pregador. Há uma chamada externa à fé e ao arrependimento. Todo aquele que não for surdo será capaz de ouvir as palavras ditas com os seus ouvidos. Essas palavras ferem os nervos auditivos dos regenerados e dos não-regenerados igualmente.

Os indivíduos não-regenerados experimentam a chamada externa do evangelho. Essa chamada externa não efetuará a salvação, a menos que a chamada seja ouvida e abraçada pela fé. A chamada eficaz é obra do Espírito Santo, na regeneração. Nesse caso a chamada é interna. Os regenerados são chamados internamente. Todos quantos recebem a chamada interior de regeneração respondem mediante a fé. Paulo diz como segue:

E aos que destinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou (Romanos 8.30).

Essa passagem da epístola aos Romanos é elíptica. Ou seja, requer que forneçamos uma palavra a ela, palavra essa que fica subentendida no texto, que não é explicitamente declarada. A grande questão é: Qual palavra deveríamos suprir — *alguns* ou *todos*? Vamos experimentar a palavra "alguns".

E a alguns que destinou, a esses também chamou; e a alguns que chamou, a esses também justificou; e a alguns que justificou, a esses também glorificou.

Acrescentar a esse texto a palavra "alguns" apenas tortura a passagem. Isso significaria que alguns dos predestinados nunca ouvem a chamada do evangelho.

Alguns que são chamados nunca chegam à fé e à justificação. E alguns dos justificados não são glorificados. De acordo com esse esquema, não somente a chamada não seria eficaz, mas também não seriam eficazes nem a predestinação e nem a justificação.

Mas o que fica implícito no texto sagrado é que todos quantos foram predestinados também são chamados. E todos os que são chamados são justificados, e que todos os justificados são glorificados.

Sendo esse o caso, então devemos distinguir entre a chamada externa do evangelho, que pode ser ou não ouvida, e a chamada interna do Espírito Santo, que é necessariamente eficaz. Por quê? Se todos os chamados são também justificados, então todos os chamados devem exercer fé. Como é óbvio, nem todos os que ouvem a chamada externa do evangelho chegam à fé e à justificação. Mas todos os que são chamados eficazmente chegam à fé e à justificação. Nesse caso, a chamada é a obra interior do Espírito Santo, obra essa vinculada à regeneração.

Aqueles que o Espírito Santo vivifica com toda a certeza chegam à vida. Esses vêm o reino de Deus; abraçam o reino e entram no reino.

É ao Espírito Santo de Deus que somos devedores quanto à graça da regeneração e da fé. Ele é quem concede o dom, é quem, quando estávamos mortos em nossos delitos, nos deu vida com Cristo, para Cristo e em Cristo. É por causa do ato misericordioso do Espírito Santo que nos vivifica que entoamos *sola gratia* e também *solí deo gloria* — para a glória de Deus somente.

CAPÍTULO SÉTIMO

SÃOS

E

SALVOS

PELO

ESPÍRITO

SANTO

*Para aquele que se lembra do Espírito há
sempre um meio de escape, mesmo no
deserto com o diabo.*

HERBERT F. BROKERING

A TERCEIRA PESSOA da Trindade é chamada de Espírito Santo. Geralmente se indaga por que o título *Santo* lhe é atribuído de maneira tão especial. Pois o atributo da santidade pertence ao Pai e ao Filho, por igual modo. Contudo, normalmente não costumamos falar na Trindade em termos de o Pai Santo, o Filho Santo e o Espírito Santo.

Embora o Espírito Santo não seja mais santo e nem menos santo do que o Pai e o Filho, a palavra *Santo*, em seu nome, chama a nossa atenção para o ponto focal de sua obra na economia (plano) da redenção. O Espírito Santo é o Santificador. É ele quem aplica a obra de Cristo às nossas vidas, levando-nos à plena conformidade com a imagem de Cristo.

Na salvação não somos apenas salvos do pecado e da condenação; também somos salvos para a santidade. O alvo da redenção é a santidade.

Quando Pedro escreveu acerca da regeneração, ele fez este comentário:

Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança... (1 Pedro 1.3).

Somos pessoas geradas de novo, pessoas em quem está investida uma esperança quanto ao futuro. À luz dessa graciosa obra de recriação e regeneração, Pedro adicionou a seguinte exortação:

Por isso, cingindo o vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo. Como filhos da obediência, não vos amoldeis às paixões que tinheis anteriormente na vossa ignorância; pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo (1 Pedro 1.13-16).

A exortação de Pedro começou com as palavras "por isso". Essas palavras assinalam uma conclusão que está prestes a seguir-se, baseada nas premissas que já tinham sido estabelecidas. À luz da maravilhosa obra da regeneração somos desafiados a buscar a santificação de maneira diligente.

O que se segue a essas palavras iniciais, "por isso", é uma metáfora estranha: "Cingindo o vosso entendimento (mente)". A gente se cinge (aperta o cinto) na cintura. Não estamos acostumados, pois, a ligar a cintura com a mente. A imagem mental de Pedro nos faz lembrar a armadura de Deus, sugerida por Paulo:

Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau, e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis. Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade... (Efésios 6.11-14).

Quando Paulo tocou a trombeta chamando para a batalha, a primeira preparação envolveu o ato de cingir a

cintura. Pedro, pois, falou no cingir da mente. Em seu debate com Jó, Deus lhe ordenou: "Cinge agora os teus lombos como homem" (Jó 40.7).

O cingir da cintura era o primeiro ato dos soldados antigos ao se prepararem para a batalha. As vestes padronizadas da época eram, no caso dos romanos, a toga. A toga descia até à altura do tornozelo. Quando a trombeta soava, anunciando uma batalha, o soldado levantava a sua toga até acima dos joelhos, segurando suas dobras em torno da cintura com um cinturão seguro. Esse era o ato de cingir os lombos. Se os lombos fossem deixados sem serem cingidos, o soldado não podia mover-se com agilidade. Ele se enrolava nas dobras de sua toga. Uma vez que a cintura estivesse cingida, os joelhos e as pernas estavam livres para se moverem rápida e suavemente.

Ora, quando Pedro usou essa imagem mental, ele a aplicou à mente, ao entendimento. "Cingindo o vosso entendimento". Isso significa que uma vez que o crente nasce de novo ele deve estar preparado para guerrear. A entrada na vida cristã é o ingresso na guerra cósmica. O caminho da santificação é o caminho da militância.

Quando reflito sobre minha própria peregrinação como um crente, encolho-me diante da memória de ouvir pregadores zelosos vendendo o evangelho com uma espécie de promessa macia como uma praia de Ubatuba. Tenho ouvido promessas como esta: "Venha a Jesus, e todos os seus problemas vão terminar". "Tenha uma fé simples, e a vida vai ser simples para você". Isso talvez dê certo numa praia de Ubatuba, mas não vai funcionar na Via Dolorosa, o caminho da Cruz.

Em um certo sentido, minha vida não começou a mostrar-se complicada enquanto eu não me tornei crente.

Antes de minha conversão eu estava "em paz em Sião". Eu me sentia confortável em meus padrões pecaminosos. A vida era brincadeira. Mas depois de minha conversão percebi que agora era para valer. Toda decisão ética estava carregada de importância moral. Agora a minha consciência estava viva para a Palavra de Deus, e percebi que eu tinha sido chamado para marchar no ritmo de um tambor diferente, em relação a meus amigos e à sociedade.

Embora eu fosse menino pequeno na época, tenho algumas memórias bem nítidas da Segunda Guerra Mundial. Lembro-me das ocasiões em que meu pai foi promovido no exército. Ele começou como um segundo tenente e foi dispensado como major, a apenas um passo de coronel. Quando foi promovido mais uma vez, ele me enviou as insígnias antigas. Minha mãe me deixou enfeitar uma camisa do exército com elas (Foi assim que aprendi a costurar).

Uma das insígnias que recebi de meu pai estava marcada pelo uso. Aquelas simples tiras de pano estavam gastas nos punhos para indicar anos de serviço nas forças militares. Quando a guerra explodiu, meu pai estava idoso demais para ser convocado. Por isso, ele foi nomeado como chefe da junta militar de convocação. Depois de cerca de duas semanas desse serviço, ele chocou minha mãe chegando em casa, um dia, inteiramente uniformizado. Ele disse para ela: "Eu não podia enviar aqueles rapazes para a guerra sem eu mesmo ir; por isso, me apresentei como voluntário". Meu pai entrou no serviço militar no começo do ano de 1942, e quando deu baixa do exército foi no fim de 1945, depois da rendição incondicional do Japão. Quando se apresentou como voluntário, ele o fez por tempo indeterminado.

Quando entramos na vida cristã, nos alistamos por tempo indeterminado. Essa guerra não termina em quatro anos, a menos que o Senhor nos chame para casa. Essa guerra perdura enquanto estivermos vivos. A cada ano costuramos mais uma tira de pano à manga de nosso uniforme.

Para sobrevivermos nessa batalha cósmica, precisamos cingir os lombos de nossas mentes. A batalha contra Satanás é, principalmente, uma batalha pelas nossas mentes. Não existe maior insensatez, nenhum perigo maior para a nossa santificação do que sucumbir à sedução atrativa que diz: "O cristianismo é, estritamente, uma questão do coração".

Deus nos criou de tal maneira que o nosso coração segue à nossa mente. O Espírito deu-nos um livro que contém uma revelação que nos transforma mediante a renovação de nossas mentes. Lemos no livro de Provérbios: "Porque, como imagina em sua alma, assim ele é" (23.7).

O autor do livro de Provérbios sabia muito bem que o órgão do pensamento não é o coração, mas a mente. Quando o autor dos provérbios fala de pensar na alma, ele estava falando sobre os mais profundos pensamentos que temos. Somos aquilo que pensamos. Ou talvez fosse mais exato dizermos: "Tornamo-nos naquilo em que pensamos". Se nossos pensamentos são constantemente impuros, essa impureza em breve começará a aparecer em nossas vidas. Se nossa maneira de pensar for confusa, nossas vidas serão em breve barrentas e caóticas.

Dentro do processo de santificação, o Espírito é o nosso professor. O texto que ele usa é a Bíblia. O Espírito procura informar os nossos pensamentos. O próprio arre-

pendimento, o primeiro fruto da regeneração, é uma mudança de mente. O cristianismo destituído de mentalidade é uma contradição de termos. Os crentes são exortados a pensar — profundamente — sob a orientação do Espírito Santo.

O Espírito Santo é, igualmente, o Espírito da Verdade. Quando o apóstolo Paulo falou em cingir nossas cinturas, e nos revestirmos de toda a armadura de Deus, ele disse que o item de que precisamos para nos cingirmos é a verdade:

Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade (Efésios 6.14).

É a verdade que transforma um soldado espiritual de um palhaço desajeitado em um guerreiro rápido e ágil. É a verdade que nos liberta. Jesus expressou essa questão como segue:

Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará (João 8.31,32).

Em seu discurso no cenáculo, Jesus prometeu enviar o Espírito Santo. Ele disse:

E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade (João 14.16,17).

E Jesus também disse:

Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito (João 14.26).

Mas talvez a mais completa expressão que Jesus deu a esse conceito seja esta:

Mas eu vos digo a verdade; Convém-vos que eu vá, porque se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei. Quando ele vier vencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo; do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais; do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado. Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar (João 16.7-14).

Nesse discurso, Jesus ensinou aos seus discípulos muita coisa sobre a pessoa e as atividades do Espírito Santo. Ele foi aqui chamado de Espírito da verdade. Ele nos foi enviado tanto pelo Pai como pelo Filho. Sua missão inclui cumprir o papel de nosso Professor.

O Espírito Santo é o autor das Escrituras Sagradas. Foi ele quem inspirou os escritos originais. Ele é aquele que agora ilumina a Palavra, para que a compreendamos. Ele é aquele que usa a Palavra para nos conduzir à convicção de pecado.

O Espírito Santo pode ser distinguido da Palavra, mas separar a Palavra e o Espírito é algo espiritualmente fatal. O Espírito Santo nos ensina, guia e fala conosco através da Palavra, e com a Palavra, e não à parte da Palavra ou contra a Palavra. Como o Espírito Santo sente-se ofendido quando espíritos libertinos zombam de Deus afirmando contarem com a orientação do Espírito, ao mesmo tempo em que agem contra a Palavra de Deus!

A Palavra de Deus é a Palavra do Espírito. O Es-

pírito nunca ensina qualquer coisa contra a Palavra de Deus. A Palavra é a verdade; é a verdade do Espírito. A Palavra de Deus convoca-nos para testarmos os espíritos:

Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora (1 João 4.1).

Quando somos convidados a testar os espíritos, o teste diz respeito a questões de verdade. A razão pela qual João mostra a necessidade de averiguar tais testes é por causa dos falsos profetas. Um falso profeta é falso porque ele não diz a verdade.

É uma marca clássica de um falso profeta que ele reivindica falar a verdade. Ele se afirma autorizado pelo Espírito Santo. Mas essas suas reivindicações são fraudulentas. Nem todos aqueles que se afirmam guiados pelo Espírito de Deus estão sendo, realmente, guiados pelo Espírito de Deus. O Espírito é o Espírito da verdade. Ele só guia alguém no caminho da verdade, e nunca para longe da verdade ou contra a verdade.

Visto que as Escrituras são a verdade revelada do Espírito Santo, elas funcionam como a norma e o teste da verdade. O Espírito não se contradiz a si mesmo. O Espírito não é autor de confusões. Se alguém alega estar sendo guiado pelo Espírito e então ensina contra as Escrituras, esse alguém não está sendo guiado pelo Espírito.

O Espírito da Verdade é o Espírito Santo. Ele nos instrui na verdade, para que sejamos santos. Aprender a verdade não é uma finalidade por si mesmo; é um meio cujo fim é aprender e praticar a santidade.

Não foi por acidente que no trecho onde Pedro começou a exortar-nos a cingirmos o nosso entendimento, ele concluiu com uma alusão ao mandato do Antigo

Testamento: "Sede santos, porque eu sou santo" (1 Pedro 1.16).

SÃOS E SALVOS

Quando o Espírito Santo nos regenera e nos vivifica para a vida espiritual, essa ação resulta no despertamento da alma para a fé salvadora. O fruto dessa fé é a justificação. No momento em que abraçamos a Cristo pela fé, Deus nos declara justos. Somos justos não por nos termos santificado repentinamente; somos justos porque os méritos de Cristo foram lançados em nossa conta. Deus nos considera justos em Cristo, mas nós mesmos continuamos poluídos pelo pecado.

A famosa fórmula de Lutero para capturar essa idéia é a seguinte: *Simul justos et peccator*. Essa frase significa: "Ao mesmo tempo justo e pecador". Somos justos em Cristo, através de Cristo e por meio de Cristo, enquanto continuamos lutando contra o nosso pecado. Justificação exclusivamente pela fé significa justificação por Cristo apenas.

Vemos, pois, que a nossa justificação *antecede* à nossa santificação. Assim como a regeneração antecede a fé e a fé antecede (por prioridade lógica) à justificação, assim-também a justificação antecede a santificação.

Entretanto, é absolutamente crucial compreendermos e fixarmos com firmeza em nossas mentes que quando a regeneração é uma realidade, sempre produzirá a justificação. Se a nossa justificação é autêntica, então sempre produzirá a santificação. Não pode haver verdadeira justificação sem que a real santificação siga atrás.

Devemos notar neste ponto algumas diferenças críticas entre a regeneração e a santificação. A regenera-

ção é imediata e espontânea. Nossa consciência de que fomos regenerados pode surgir gradualmente, mas o próprio ato, realizado pelo Espírito Santo, é instantâneo. Ninguém é regenerado somente em parte, ou seja, ninguém é renascido pela metade. Uma pessoa ou é regenerada, ou não; não há meio termo.

Outro tanto se dá no caso da justificação. Ninguém jamais é justificado apenas em parte. No instante em que a fé salvática se fizer presente, Deus, prontamente, nos declara justos.

A santificação é um processo e é um tanto diferente. Embora a santificação tenha começo no momento em que somos justificados, é um processo gradual. Continua enquanto estivermos vivos. A justificação não produz uma santificação imediata e plena. Contudo, se não houve um começo definido da santificação, isso servirá de prova positiva de que não houve justificação, fé ou regeneração, para começo de conversa.

Uma segunda diferença fundamental entre a regeneração e a santificação envolve as partes envolvidas em sua operação. A regeneração é monergística. É obra exclusiva de Deus. Mas a santificação é sinérgica. Envolve a cooperação somente entre o Espírito Santo e nós:

'Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes, não só na minha presença, porém muito mais agora na minha ausência, desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade (Filipenses 2.12,13).

Este texto oferece a idéia clássica do sinérgico. Vemos duas partes já envolvidas nas operações e desenvolvimentos da salvação. Somos chamados para traba-

lhar, e trabalhar arduamente, com temor e tremor. Ao mesmo tempo, nos é prometido que Deus está operando dentro de nós.

Quando o Espírito Santo nos regenera, ele não somente age sobre nós e em nós de uma maneira que altera a disposição de nossas almas; Deus Espírito Santo vem e passa a habitar dentro de nós. Quando ele habita no crente, o Espírito continua a exercer a sua influência sobre nós e a ajudar-nos, em nossa busca de santidade.

Há um sinal de perigo aqui, uma luz vermelha de cautela que devemos observar para não cairmos em alguma heresia séria que esteja, no momento, empestecendo a comunidade evangélica.

Quando o Espírito Santo vem habitar em nós, ele não se transforma em nós. E nem, de maneira alguma, somos deificados. Embora eu esteja sendo agora habitado por um Ser divino, pelo Espírito Santo de Deus, eu mesmo não me torno uma nova encarnação de Deus. Existem aqueles que andam ensinando, em nossos próprios dias, que aqueles que são moradia do Espírito Santo tornam-se encarnações de Deus, tal como Cristo foi uma encarnação de Deus. Esse conceito é tão grosseiramente herético e blasfemo que não mencionarei os nomes desses falsos mestres aqui.

O Espírito opera para produzir seres humanos santificados, e não criaturas deificadas. Deus não nos transforma em criaturas eternas e auto-existentes. Deus não está criando outros deuses. Tudo aquilo que Deus cria é, por definição, uma criatura. Aquilo que é criado não pode ser nem eterno e nem auto-existente. Deus pode criar uma criatura imortal, mas não uma criatura eterna. Uma criatura imortal teria a capacidade de viver para sempre no

futuro, mas não eternamente no passado.

Quando Deus Espírito Santo nos vivifica para a fé, mediante a qual somos justificados, ficamos seguros. A justificação nos salva da ira vindoura. No momento de nossa justificação, conforme indica a fórmula de Martinho Lutero, estamos salvos, mas ainda não estamos sãos. Lutero fez outra analogia de que o médico declara que certamente viveremos, embora ainda não estejamos curados da enfermidade. Mas a graça santificadora que nos está sendo aplicada nos restaurará a saúde espiritual completamente.

O. P. Gifford apresentou a seguinte ilustração a fim de descrever o processo da santificação:

Um navio a vapor que tenha tido sua maquinaria quebrada pode ser arrastado ao porto e ficar seguro nas docas. Essa embarcação estará salva, mas não sã. Os reparos nas máquinas poderão durar muito tempo. Cristo planejou, porém, que fôssemos tanto salvos quanto sãos. A justificação nos dá a primeira dessas coisas — a segurança; e a santificação nos dá a segunda delas — a sanidade. (A. H. Strong, *Systematic Theology*, Old Tappan, Nova Jérsei: Fleming H. Revell, 1907, pag. 869).

Em nossos próprios dias, está havendo uma disputa, entre os crentes, sobre a possibilidade de alguém aceitar a Cristo como Salvador, ao mesmo tempo em que não o aceita como Senhor. Mas essa dicotomia de Salvador/ Senhor está tão distante do conceito bíblico da justificação-santificação quanto nos é possível acompanhá-lo nas Escrituras. A. A. Hodge observou certa vez: "Qualquer pessoa que pensa que é crente e que aceitou a Cristo para a santificação, está miseravelmente iludido em sua experiência" (Idem).

Não existe fé justificadora que receba Jesus como Salvador e que, ao mesmo tempo, ignore, rejeite ou negligencie como Senhor. Embora possamos distinguir entre os papéis realizados por Jesus como Salvador e como Senhor, de maneira alguma podemos separar esses dois papéis. Aceitar a Cristo pela fé é aceitar o Cristo em sua inteireza.

E novamente, apesar de distinguirmos entre a obra do Espírito Santo na regeneração e na santificação, o fato é que permanece de pé uma conexão necessária entre essas duas operações. Somos regenerados mediante a fé, tanto para a justificação quanto para a santificação.

A. H. Strong escreveu como segue:

A operação de Deus revela-se em e é acompanhada por uma atividade inteligente e voluntária, da parte do crente, na descoberta e na mortificação de desejos pecaminosos, e na condução do ser inteiro à obediência a Cristo e à conformidade com os padrões de sua Palavra. (Idem, pág. 871).

A santificação envolve movimento. Usualmente nos referimos a esse movimento em termos de crescimento espiritual. Há ocasiões em que parece que damos dois passos para a frente e um para trás. Falamos em "desvio" quando escorregamos e caímos em nosso andar espiritual. Contudo, o padrão geral da santificação caracteriza-se pelo crescimento. Esse crescimento é gradual; e pode ser dolorosamente lento em certas oportunidades. Mas deve haver movimento. Novamente, nenhum crente nasce morto. Strong citou Horace Bushnell quanto a essa questão:

Se as estrelas não se movimentassem, elas apodreceriam no céu. O homem que monta uma bicicleta, ou deve con-

tinuar ou deve cair. Uma larga parte da santificação consiste na formação de hábitos apropriados, como o hábito da leitura das Escrituras, da oração secreta, da freqüência à igreja, dos esforços por converter e beneficiar ao próximo (Idem, pág. 872).

Aprecio muito a analogia da bicicleta de Bushnell. Para alguém manter o equilíbrio em uma bicicleta, essa pessoa deve mantê-la em movimento. Assim que o impulso da bicicleta cessa, é melhor que a pessoa tenha pernas longas o bastante para apoiar-se no chão, pois, de outro modo, cairá. Aprendi a andar de bicicleta quando minhas pernas ainda eram curtas demais para atingir o chão, quando a bicicleta estava parada. Eu costumava pôr um colchão no chão, no local onde eu pararia, para assegurar que quando eu parasse, teria um lugar macio onde cair.

O PAPEL DA CONSCIÊNCIA NA SANTIFICAÇÃO

As mudanças operadas em nossas vidas pela santificação se verificam de dentro para fora. Nossa conduta externa manifesta a disposição íntima de nosso coração, bem como os pensamentos de nossa mente.

Há três mudanças importantes que são operadas em nós pelo Espírito Santo, quando ele trabalha em nossas mentes e em nossos corações.

Há uma mudança em nossa consciência. O Espírito Santo desperta em nós uma nova consciência. Quando ouvimos atentamente a Palavra de Deus, tornamo-nos cômnicos das realidades divinas de uma nova maneira. Obtemos assim o discernimento espiritual:

Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e, sim, o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que

por Deus nos foi dado gratuitamente. Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais. Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Porém o homem espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém. Pois, quem conheceu a mente do Senhor, que o possa instruir? Nós, porém, temos a mente de Cristo (1 Coríntios 2.12-16).

Ter a mente de Cristo é pensar como ele pensa. É afirmar o que ele afirma, e é negar o que ele nega. É amar o que ele ama e é odiar o que ele odeia.

Nossa santificação tem início quando nossa maneira de pensar se altera. Tomamos consciência de uma nova perspectiva, de um novo sistema de valores.

Mas não basta para nós tomarmos meramente consciência da verdade. Para que passemos a *obedecer* e *cumprir* a verdade é preciso que nossa consciência atinja o nível de intensidade a que chamamos de convicção.

O Espírito Santo opera não somente para dar-nos consciência da verdade; mas ele também opera para convencer-nos da verdade. Ele nos convence do pecado e da justiça. Ele nos convence do pecado e da retidão. Posso perceber ou pensar passivamente, por exemplo, que é errado furtar. Não obstante, se essa percepção for vaga e fraca em minha mente, é improvável que meu comportamento venha a mudar.

Quanto a cada verdade que Deus nos revela, há uma mentira correspondente que ataca essa verdade. Podemos perceber que a fornicação é um pecado. E contudo, as vozes de nossa cultura proclamam, de forma tão

estridente e persistente que isso é normal e nada tem de errado, que nossa resolução em favor da castidade fica debilitada. Devemos estar firme e totalmente convencidos da pecaminosidade do pecado se tivermos de evitar as seduções de nossa cultura.

As mudanças de comportamento se tornam dramáticas quando passamos pelos estágios da consciência para a convicção e atingimos assim o ponto em que nossas consciências são modificadas.

A consciência de um ser humano é um mecanismo poderoso, mas mutável. A consciência tem sido chamada de "voz interna de Deus", uma espécie de governador inato que nos acusa ou que nos desculpa. A consciência serve de monitor de nosso comportamento. O problema com a nossa consciência é que ela pode mostrar-se agudamente sensível diante da Palavra de Deus, ou pode se tornar insensível.

Como pecadores que somos, tendemos por cauterizar a própria consciência. Somos mestres para racionalizar, mediante o qual esquema emudecemos o som acusador da voz interior.

Existem pessoas que argumentam furiosamente que o aborto é um mal monstruoso, ao passo que outras afirmam que o aborto é justificável. A pessoa que cola na escola ou engana no trabalho, tem uma auto-justificação concebida intrinsecamente em favor disso. Sem dúvida Hitler provia uma justificação moral para seus crimes no holocausto dos judeus. Poucas pessoas dizem com franqueza: "O que estou fazendo é errado; mas faço assim mesmo, porque isso me dá prazer".

Podemos admitir que certas ações são pecaminosas, mas insistimos que o pecado assim cometido é secun-

dário e incosequente. E até podemos acrescentar a desculpa que justifica tudo: "Pelo menos sou honesto quanto ao que estou fazendo", como se uma admissão honesta de um crime desculpasse esse crime.

É muito raro chegarmos a reconhecer a gravidade dos nossos pecados. Geralmente falta convicção profunda a nossas confissões de pecado.

Deus falou através do profeta Jeremias a fim de repreender a nação de Israel como segue:

Ainda dizes: Estou inocente; certamente a sua ira se desviou de mim. Eis que entrarei em juízo contigo, porquanto dizes: Não pequei (Jeremias 2.35).

Jeremias comparou o povo de Israel a alguém que tem "a frente de prostituta, e não queres ter vergonha" (Jeremias 3.3). Como se fosse uma meretriz, Israel, mediante um pecado constante e reiterado, perdeu a habilidade de corar de vergonha.

O pecado de Israel revelou o mortífero resultado de uma consciência cauterizada. Ela acabou se sentindo confortável com seu pecado, ao ponto de poder pecar e não mais sentir-se culpada.

Uma boa consciência é uma consciência treinada pelo Espírito Santo através da Palavra, de Deus. Quando compreendemos a verdade de Deus com clareza e somos convencidos pelo Espírito Santo com firmeza, então o governador de nossa consciência começa a reinar em nós com retidão. A consciência espiritualmente madura é escrupulosa. Ela não permite o que a carne permite.

A consciência cristã deve mostrar-se viva diante da Palavra de Deus. Ela não é um tirano que nos paralisa com uma culpa mórbida. Se nossa consciência tiver sido treinada pela Palavra de Deus, ela será saudável. Sentir-

nos-emos culpados quando, realmente, formos culpados. Isso é tão essencial para a saúde espiritual como a dor real é para a saúde física. A dor assinala alguma enfermidade. Se perdermos a capacidade de experimentar dor, não nos restará um sistema de alerta quanto a qualquer enfermidade séria.

O Grilo Falante disse ao boneco Pinóquio: "Permita sempre que a sua consciência o guie". Esse é um conselho fatal quando a consciência está cauterizada e fora de harmonia com a Palavra de Deus. Mas será um conselho sadio se, à semelhança de Lutero, tivermos uma consciência cativada pela Palavra de Deus.

Da consciência diante da Palavra de Deus, o Espírito Santo nos leva à convicção pela Palavra de Deus. Partindo da convicção, o Espírito redime nossa consciência, a fim de nos amoldarmos à imagem de Cristo. Esse é o grande alvo da santificação, o ponto final na direção do qual o Espírito luta dentro de nós.

CAPÍTULO OITAVO
O
BATISMO
DO
ESPÍRITO
SANTO

*A vida cheia do Espírito não é um mistério
revelado a alguns poucos seletos, não é um
alvo de realização difícil. Confiar e
obedecer é a substância da questão inteira.*

V. RAYMOND EDMAN

UM dos mais espetaculares movimentos que já houve na Igreja cristã é o movimento carismático. Desde o início do falar em línguas, na Missão da Rua Azusa, em Los Angeles, no começo do século XX, até o crescimento das igrejas pentecostais e da Assembléia de Deus, e daí até propagar-se pela Igreja Católica Romana e pelas principais igrejas protestantes, durante a década de 1960, o movimento carismático tem feito explodir uma devoção zelosa entre seus aderentes e tem servido para atizar uma profunda discussão teológica. Nenhum historiador eclesialógico pode ignorar o impacto dos carismáticos sobre a Igreja moderna.

Os programas evangélicos pela televisão têm sido dominados pela programação carismática, conforme se vê no "Clube dos 700" e outros. A apresentação de Pat Robertson como candidato a presidente dos Estados Unidos, em 1988, revelou em parte os números tremendos dos seguidores que o movimento carismático tem. Os escândalos que têm abalado as igrejas carismáticas, enfocadas em torno dos atos errados de Jim Bakker e Jimmy Swaggart, não reduziram o zelo que acompanha o movimento carismático mais amplo.

Não faz parte do objetivo deste livro traçar uma crônica da história do movimento carismático ou avaliar detalhadamente todas as dimensões da teologia das igrejas carismáticas. Muitos livros já foram escritos sobre o assunto (Quanto a um excelente resumo e análise histórica

do movimento ver o livro *A Theology of the Holy Spirit — Uma Teologia do Espírito Santo* —, por Frederick Dale Bruner, Grand Rapids: Eerdmans, 1970). Mas enfocarei a atenção sobre uma doutrina que ocupa o centro da teologia carismática/neo-pentecostal: o batismo do Espírito Santo.

A DOCTRINA DO BATISMO DO ESPÍRITO SANTO

Antes de resumir o ponto de vista neopentecostal do batismo do Espírito Santo, devemos primeiramente observar o argumento histórico para se usar o prefixo neo com a raiz *pentecostal*.

O neopentecostismo refere-se a uma significativa modificação no ensino, com respeito à teologia clássica dos grupos pentecostais. O "neo" ou "novo" pentecostismo tem uma base mais ampla do que meramente estar localizado na igreja pentecostal. Nas denominações pentecostais originais, o batismo do Espírito Santo estava vinculado a um conceito de santificação que fazia parte integral do chamado movimento *Holiness*.

Conforme é de conhecimento geral, o movimento *Holiness* salientava a idéia da santificação como uma segunda obra da graça (após a regeneração) que era instantânea e que produzia a perfeição moral completa ou parcial. Embora a expressão *perfeccionismo parcial* nos soe estranha aos ouvidos, envolve também algumas importantes distinções. De fato, o perfeccionismo parcial sustentando um *imperfeccionismo parcial*, cuja tendência é enevoar a idéia inteira do perfeccionismo. Pois estritamente falando, aquilo que é perfeito não permite defeitos, máculas e nem qualquer outro tipo de imperfeições.

Alguns perfeccionistas argumentavam que a se-

gunda obra da graça divina atingia uma total, pura e completa santificação, mediante a qual o indivíduo se tornava inteiramente livre de pecado. John Wesley, em sua versão do perfeccionismo, ficava antes desse ponto e restringia o perfeccionismo ao recebimento do poder espiritual de um amor aperfeiçoado. O hino, "Perfeito Amor", que ironicamente é usado com frequência em casamentos, teve sua origem em uma expressão nessa doutrina wesleyana da santificação.

Outros advogados da Santidade têm modificado a posição da "segunda bênção", limitando-a a uma vida vitoriosa sobre o "pecado voluntário". Em outras palavras, uma vez que uma pessoa receba o batismo do Espírito Santo e, assim, receba a santificação, ela ainda assim poderá pecar, mas nunca voluntariamente. Qualquer pecado remanescente na pessoa santificada será um pecado acidental ou um pecado cometido na ignorância. O batismo do Espírito Santo santifica de tal modo uma pessoa que ela fica livre do pecado deliberado.

Embora algumas igrejas continuem ensinando essas doutrinas perfeccionistas, a idéia do perfeccionismo, no todo ou em parte, não fez muitas invasões no cristianismo evangélico central. A tendência que se nota nessa forma de teologia é ou diminuir as demandas rigorosas da lei de Deus ou inflar o senso de realização espiritual dos próprios indivíduos. Para que uma pessoa permaneça convencida de que está vivendo sem pecado, ela deve evitar ou um escrutínio muito chegado da lei de Deus, ou um escrutínio muito chegado e honesto de suas próprias realizações.

A evidência de pecado continuado, nas vidas dos maiores santos, é tão poderosa que é virtualmente inevi-

tável que formas de perfeccionismo tendam por ser modificadas, limitadas e restringidas até algum grau de perfeccionismo parcial, o que, naturalmente, é apenas outro termo para o imperfeccionismo.

Na teologia neopentecostal, o elo entre o perfeccionismo moral e o batismo do Espírito Santo tem sido completamente abandonado. Não se ouve líderes carismáticos como Pat Robertson falarem em estarem totalmente santificados. E Jim Bakker não faz reivindicações de ser perfeito.

Na teologia neopentecostal a ênfase sobre o batismo do Espírito Santo recai sobre a idéia de ser *dotado com os dons para o ministério*. O próprio vocábulo *carismático* deriva-se da palavra neotestamentária que significa "dom" ou "graça espiritual". A palavra portuguesa *carismático* tem-se tornado tão largamente empregada que tem encontrado seu caminho até o léxico da fala popular. Um realizador excitante ou um líder político pode ser chamado de "carismático" sem quaisquer subentendidos religiosos vinculados a essa palavra.

Visto que o movimento neopentecostal penetrou virtualmente em todas as denominações cristãs, sua teologia tem sido moldada pelas teologias das várias igrejas. Por exemplo, os carismáticos católicos romanos têm um certo sabor católico romano em sua teologia, tal como os carismáticos luteranos e os carismáticos episcopais têm seus sabores distintivos.

Visto que o neopentecostismo tem tocado em tantas tradições, não é de surpreender que não tenha emergido qualquer teologia neopentecostal monolítica desse movimento. Isso nos força a falar em termos gerais e a apontar para tendências generalizadas do movimento.

A tendência fundamental da teologia neopentecostal é ver o batismo do Espírito Santo como uma obra especial do Espírito Santo mediante a qual uma obra especial do Espírito Santo é operado no crente com poder, para sua vida e seu serviço cristãos. Agora o crente está preparado para o ministério evangélico. Essa obra do Espírito Santo é distinta e usualmente é subsequente à obra da regeneração pelo Espírito de Deus. Algumas vezes faz-se a distinção entre ser batizado "pelo" ou "do" Espírito Santo (o que ocorreria por ocasião do renascimento) do batismo "em" ou "com" o Espírito Santo (que normalmente ocorreria depois do renascimento espiritual). De acordo com esse esquema, todos os crentes são batizados "pelo" Espírito, mas nem todos os crentes são batizados "em" ou "com" o Espírito.

Apesar de haver um desacordo generalizado entre os neopentecostais quanto a esse ponto, a tendência é ver o falar em línguas (glossolalia) como a evidência inicial do batismo com o Espírito Santo.

OS PENTECOSTAIS E O PENTECOSTE

O pentecostismo deriva seu nome de sua ênfase sobre a sua compreensão quanto ao que sucedeu à Igreja no dia de Pentecoste. O registro da atividade do Espírito Santo na vida da Igreja primitiva é básico para o moderno movimento carismático. Há um decisivo desejo de recapturar o poder espiritual e a vitalidade acenada no livro de Atos:

Ao cumprir-se o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles,

línguas como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo, e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem (Atos 2.1-4).

Mais adiante, nesse mesmo registro bíblico, Pedro falou aos observadores desse fenômeno, a fim de oferecer esta interpretação do acontecido:

Estes homens não estão embriagados, como vindes pensando, sendo esta a terceira hora do dia. Mas o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel: E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e sonharão vossos velhos (Atos 2.15-17).

E já perto do fim de seu sermão, Pedro teceu a seguinte observação:

A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas. Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis (Atos 2.32,33).

E Pedro concluiu como segue:

Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo (Atos 2.38).

Há outras narrativas do derramamento do Espírito Santo no livro de Atos. O oitavo capítulo desse livro registra a experiência dos convertidos Samaritanos:

Ouvindo isto os apóstolos, que estavam em Jerusalém, que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram-lhe Pedro e João; os quais, descendo para lá, oraram por

eles para que recebessem o Espírito Santo; porquanto não havia ainda descido sobre nenhum deles, mas somente haviam sido batizados em o nome do Senhor Jesus. Então lhes impunham as mãos, e recebiam estes o Espírito Santo (Atos 8.14-17).

No caso da dramática conversão de Saulo de Tarso, na estrada para Damasco, houve uma demora de três dias entre a sua conversão e seu enchimento com o Espírito Santo (Ver Atos 9.1-18).

Outro derramamento do Espírito Santo ocorreu na casa do centurião Cornélio:

Ainda Pedro falava estas coisas quando caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra. E os fiéis que eram da circuncisão, que vieram com Pedro, admiraram-se, porque também sobre os gentios foi derramado o dom do Espírito Santo; pois os ouviam falando em línguas e engrandecendo a Deus (Atos 10.44-46).

O registro final de um derramamento similar do Espírito Santo encontra-se em Atos 19.1-6:

Aconteceu que, estando Apoio em Corinto, Paulo, tendo passado pelas regiões mais altas, chegou a Éfeso e, achando ali alguns discípulos, perguntou-lhes: Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crestes? Ao que lhe responderam: Pelo contrário, nem mesmo ouvimos que existe o Espírito Santo. Então Paulo perguntou: Em que, pois, fostes batizados? Responderam: No batismo de João. Disse-lhes Paulo: João realizou batismo de arrependimento, dizendo ao povo que cressem naquele que vinha depois dele, a saber, em Jesus. Eles, tendo ouvido isto, foram batizados em o nome do Senhor Jesus. E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e

tanto falavam em línguas como profetizavam.

Esses registros textuais do derramamento do Espírito Santo, no livro de Atos, formam o alicerce da doutrina neopentecostal do batismo do Espírito Santo. Há um padrão que emerge da narrativa histórica que indica os três pontos abaixo:

1. *As pessoas eram crentes e, assim sendo, tinham nascido do Espírito Santo antes de seu batismo com o Espírito Santo. Isso indica que havia uma distinção entre a obra de regeneração do Espírito e a obra do Espírito no batismo com o Espírito Santo.*

2. *Há um hiato de tempo entre a fé (regeneração) e o batismo com o Espírito Santo. Isso indica claramente que enquanto alguns crentes têm o Espírito, no grau da regeneração, ainda lhes falta o batismo com o Espírito Santo, que é um ato divino subsequente.*

3. *A evidência externa do batismo no Espírito Santo é o falar em línguas.*

Quando consideramos o corrente debate sobre o batismo do Espírito Santo, entre os advogados da teologia neopentecostal e os defensores da teologia pentecostal tradicional, vemos que não existe qualquer argumento significativo acerca do primeiro ponto. Virtualmente todas as denominações cristãs têm concordado que há uma diferença entre a obra do Espírito Santo na regeneração (embora nem todos concordem plenamente quanto a compreensão do que está envolvido na regeneração) e a obra do Espírito Santo no batismo com o Espírito Santo. Em outras palavras, embora permaneçam diferenças na compreensão da regeneração e do batismo com o Espírito Santo, há concordância que, sem importar o que cada uma dessas fases inclui, cada uma dessas experiências é

diferente da outra.

São a segunda e a terceira conclusões extraídas do livro de Atos que acendem o debate. Ambos os lados concordam que, no livro de Atos, o batismo no Espírito Santo era, realmente, subsequente à conversão (pelo menos no caso de algumas pessoas), e que o falar em línguas era um sinal externo ou evidência do batismo no Espírito.

A questão é a seguinte: O registro do livro de Atos prova que a seqüência das operações do Espírito Santo, entre os primitivos cristãos, tenciona mostrar a normativa para a Igreja através dos séculos?

A suposição fundamental da teologia neopentecostal é que o propósito da narrativa bíblica é ensinar-nos o que aconteceu então, como a normativa para todas as gerações de crentes. Questionar essa suposição, à primeira vista parece ser questionar a autoridade das próprias Sagradas Escrituras. Mas a questão não é a autoridade das Escrituras e, sim, o intuito das Escrituras. É uma questão de *interpretação*.

A questão prática que requeima dentro da Igreja é a seguinte: Existem dois níveis de crentes — um tipo que tem o batismo com o Espírito Santo, e outro tipo que não o tem?

Essa questão é mais complicada ainda pelos registros da história eclesiástica. Alguns têm-se inclinado para trás, na tentativa de provar que tem havido uma corrente contínua de fenômenos como o falar em línguas e outras evidências de um subsequente batismo com o Espírito Santo, ao longo da história eclesiástica, mas o testemunho esmagador da história eclesiástica é a descontinuidade do falar em línguas como evidência do batismo com o Espírito Santo.

A história eclesiástica parece indicar que as vidas dos maiores santos — Atanásio, Agostinho, Anselmo, Tomás de Aquino, Martinho Lutero, João Calvino, Jônatas Edwards, Charles H. Spurgeon, e outros — não exibiram qualquer falar em línguas, como indicação de jamais terem sido batizado em ou com o Espírito Santo (A questão do falar em línguas certamente não foi ignorada pelos grandes santos. Lutero e Calvino falavam favoravelmente sobre o dom, embora pareçam tê-lo ligado à pregação missionária. Wesley também falou favoravelmente sobre a mesma. Porém, não há qualquer evidência de que esses dinâmicos homens da fé tenham jamais praticado o falar em línguas). Além disso, embora o falar em línguas tenha ocorrido aqui e ali na história eclesiástica, com frequência esteve esse fenômeno associado a movimentos heréticos, como o montanismo, no segundo século de nossa era, e o movimento dos irvingitas, no século XIX.

Se o falar em línguas é a evidência externa do batismo no Espírito Santo, e o batismo no Espírito Santo é a normativa crucial da obra do Espírito nas vidas dos crentes, então por que a vasta maioria dos crentes, na história eclesiástica não têm atingido essa dimensão vital da vida cristã? Foi o Pentecoste original um colossal "fracasso" quanto à vida dos crentes, durante a história cristã, até os dias presentes? (Se o propósito do Pentecoste era derramar um dom contínuo de línguas, então a descontinuidade histórica indica que esse objetivo não foi alcançado).

Alguns têm respondido a essa pergunta postulando uma explicação escatológica. O fenômeno do primeiro século indicava as "primeiras chuvas" do Espírito Santo, enquanto que o atual derramamento ou reavivamento do

Pentecoste indica as "últimas chuvas" do Espírito Santo e a hora da aproximação do retorno de Cristo (O simbolismo das "chuvas" vem de uma profecia que se acha em Joel 2.23).

Essa teoria certamente explica o problema da descontinuidade histórica. Entretanto, também anula a teoria de que o intento do registro do livro de Atos sobre os crentes do passado serviria de experiência normativa para a experiência cristã de todos os séculos.

Uma explicação mais débil, para a descontinuidade histórica, seria a reivindicação de que os crentes do passado simplesmente não foram intensos em sua busca pela espiritualidade, razão pela qual não teriam atingido a plenitude do Espírito Santo. Essa é uma possibilidade, mas dificilmente parece provável, em vista do profundo ardor espiritual de alguns dos santos do passado. Havia e há muitos crentes devotos cujas vidas parecem ser modelos teocêntricos, contudo muitos (talvez até a maioria) nunca falaram em línguas.

Novamente, o âmago da questão volta à suposição dos neopentecostais de que as passagens narrativas do livro de Atos tinham por intuito ensinar a igreja de que sempre haverá um hiato normal de tempo entre a conversão e o batismo no Espírito, e que o falar em línguas é o sinal externo normativo do batismo no Espírito Santo.

Usei a palavra "suposição", no parágrafo acima, de modo intencional. Pois em parte alguma as Escrituras ensinam que o falar em línguas é um sinal necessário do batismo no Espírito Santo, ou que deve haver um hiato de tempo entre a conversão e o batismo no Espírito. Essas idéias são meras inferências extraídas da narrativa bíblica. Tais inferências podem ser válidas ou não.

Estou persuadido de que essas inferências não são válidas. Minha preocupação é que essas inferências põem em perigo o pleno sentido do Pentecoste na história eclesial. Minha queixa contra a teologia neopentecostal é que essa teologia tende por ter uma visão muito baixa do *Pentecoste*. Parece que a teologia neo-pentecostal não faz justiça à significação histórica do livro de Atos, e deixamos com uma visão da operação carismática do Espírito que é mais similar ao Antigo Testamento do que ao Novo Testamento.

OS DONS DO ESPÍRITO SANTO NO ANTIGO TESTAMENTO

O Espírito Santo mostrou-se ativo na obra da regeneração durante os tempos do Antigo Testamento. A regeneração era um requisito anterior para que houvesse fé tanto quanto o é atualmente. Jesus repreendeu a Nicodemos, um mestre de Israel, por não ter ainda entendido que o renascimento espiritual, por obra do Espírito Santo, é algo necessário para a salvação.

Em adição à obra da regeneração, na transmissão de vida aos crentes do Antigo Testamento, para que eles adquirissem fé, o Espírito de Deus também dispensava dons especiais, ou poder carismático, para indivíduos específicos. As primeiras pessoas, nas Escrituras, sobre as quais lemos que foram cheias do Espírito Santo, quanto a dons espirituais, foram os artífices Bezalel e Aoliabe. Eles foram dotados pelo Espírito Santo com o poder de realizar obras de arte que eram obras-primas:

Disse Moisés aos filhos de Israel: Eis que o Senhor chamou pelo nome a Bezalel, filho de Uri, filho de Ur, da tribo de Judá, e o Espírito de Deus o encheu de habilida-

de, inteligência e conhecimento, em todo artifício, e para elaborar desenhos e trabalhar em ouro, em prata, em bronze, para lapidação de pedras de engaste, para entalhes de madeira, para toda a sorte de labores. Também lhe dispos o coração para ensinar a outrem, a ele e a Aoliabe, filho de Aisamaque, da tribo de Dã (Êxodo 35.30-34).

Se prestarmos atenção a essa narrativa bíblica, seremos forçados a concluir que Bezalel e Aoliabe foram dois dos mais bem dotados e versáteis artistas da história da humanidade. Eles eram prateiros, ourives, fabricantes de jóias, lapidários e xilógrafos, e também tinham o dom de ensinar a outros essas habilidades artísticas.

No Antigo Testamento, certos indivíduos foram especialmente dotadas para o ministério pela unção do Espírito Santo. Os profetas falavam por inspiração do Espírito. Juizes como Sansão, Otniel e Samuel exibiram unções especiais do Espírito. Até reis foram ungidos pelo Espírito. Quando Davi se arrependeu de seu pecado com Bate-Seba, ele clamou: "Nem me retires o teu Santo Espírito" (Salmos 51.11).

É importante relembrarmos que a palavra hebraica *Messiah*, tem origem em outra palavra hebraica que significa "ungido". Jesus cumpriu o papel do Messias prometido no Antigo Testamento. Ele foi ungido para a tarefa messiânica por ocasião de seu batismo:

Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele (Mateus 3.16).

Mais tarde, em Nazaré, Jesus chamou atenção para a profecia de Isaías e declarou que essa profecia fora cum-

prida em sua pessoa:

O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos (Lucas 4.18).

Talvez a mais dramática unção de um indivíduo, nas páginas do Antigo Testamento, tenha sido a de Moisés. Moisés foi o mediador do Antigo Testamento, e era também o vaso escolhido por Deus para entregar a legislação mosaica a Israel. Ele exerceu sua liderança sobre Israel em virtude do poder carismático do Espírito. Um episódio crucial para compreendermos o Pentecoste teve lugar na vida de Moisés e ficou registrado no capítulo onze do livro de Números. Quando os filhos de Israel queixaram-se de sua dieta de maná, Moisés expressou seu protesto a Deus: "Eu sozinho não posso levar a todo este povo, pois me é pesado demais" (Números 11.14).

Em resposta à dificuldade de Moisés, Deus disse:

Ajunta-me setenta homens dos anciãos de Israel, que sabes serem anciãos e superintendentes do povo; e os irarás perante a tenda da congregação, para que assistam ali contigo. Então descerei e ali falarei contigo; tirarei do Espírito que está sobre ti, e o porei sobre eles; e contigo levarão a carga do povo, para que não a leves tu somente (Números 11.16,17).

Vemos aqui uma distribuição expansiva do Espírito Santo. Em lugar do poder carismático do Espírito repousar limitado a um único e solitário indivíduo, Deus distribuiu o Espírito a setenta outros homens.

Quando Deus realizou essa distribuição expansiva do Espírito Santo, e os recebedores foram vistos manifes-

tando esse poder (Números 11.20-27), Josué protestou diante dessa aparente invasão da autoridade e do poder de Moisés. Disse Josué: "Moisés, meu senhor, proíbe-lho!" (Números 11.28)

Porém Moisés lhe disse: Tens tu ciúmes por mim ? Tomara todo o povo do Senhor fosse profeta, que o Senhor lhes desse o seu Espírito! (Números 11.29)

O apaixonado apelo de Moisés para que Deus pudesse de seu Espírito sobre todo o povo do Senhor, ao invés de fazê-lo somente sobre alguns deles, tornou-se uma profecia em Joel:

E acontecerá depois que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne... (Joel 2.28).

Foi essa profecia que Pedro citou no dia de Pentecoste. À luz do princípio veterotestamentário de uma limitada distribuição do Espírito Santo, o dia de Pentecoste apontou para o derramamento do Espírito Santo não somente sobre alguns dentre o povo de Deus, e, sim, sobre todo o povo de Deus.

A diferença entre o mediador do Antigo Pacto — Moisés — e o Mediador do Novo Pacto — Jesus — é que Jesus distribuiu o seu Espírito Santo sobre todo o seu povo. Esse é um dos pontos-chave que é obscurecido pela teologia neopentecostal. O neopentecostismo admite que a distribuição, do Espírito Santo está disponível a todo o povo de Deus, mas que não é necessariamente ganho por todo o povo de Deus.

Eis aqui um ponto onde outra interpretação do livro de Atos mostra-se relevante. Antes de examinarmos novamente as passagens centrais do livro de Atos, pode ser útil nos engajarmos em um pouco de análise de fontes.

A ciência neotestamentária de crítica de fontes envolve uma análise técnica de vários livros no esforço de reconstruir o material que serviu de fonte e que foi usado para compilar os manuscritos originais. Isso não é feito com propósitos acadêmicos especulativos e inúteis. Uma das vantagens cruciais de tal análise é a profunda precisão da descoberta de temas principais e das grandes preocupações dos autores individuais dos livros do Novo Testamento.

Se pudermos identificar os propósitos principais dos autores, bem como suas audiências tencionadas, isso em muito contribuirá para ajudar-nos a compreender seus ensinamentos com maior exatidão.

Por exemplo, quando os eruditos analisam os evangelhos sinóticos — Mateus, Marcos e Lucas — eles são capazes de isolar material que é exclusivo em cada um desses autores. Muitos eruditos acreditam que Marcos foi o primeiro a escrever, e que Mateus e Lucas tinham o evangelho de Marcos à frente quando escreveram. Há muito material em Marcos que é duplicado tanto em Mateus quanto em Lucas.

Ao mesmo tempo, há muito material que é comum tanto a Mateus quanto a Lucas, que não se acha no evangelho de Marcos. É evidente, pois, que Lucas e Mateus usaram alguma fonte que não estava disponível ou que não foi usada por Marcos. Essas fontes usualmente são chamadas de "Q" (Essa letra, "Q", representa a palavra alemã *Quelle*, que significa "fonte").

O que nos preocupa neste momento é o material encontrado somente no evangelho de Lucas. Chamamos esse material de "L". Esse material refere-se à informação fornecida por Lucas mas não encontrada nos demais

evangelhos. Isolando esse material, compreendemos os interesses e preocupações especiais de Lucas. (No caso de Mateus, o material que só aparece nesse evangelho — que usualmente é chamado "M" — revela uma forte preocupação em falar a uma audiência judaica).

O exame do evangelho de Lucas indica que Lucas estava escrevendo para uma audiência gentílica, e que uma de suas principais preocupações era mostrar a universalidade do evangelho.

Sabemos, mediante as Escrituras, que uma das mais intensas controvérsias — e, talvez, a mais intensa de todas as controvérsias que havia no seio da Igreja primitiva — era a questão da posição dos gentios na Igreja. A Igreja cristã começou, primariamente, entre crentes judeus, e então, conforme o livro de Atos relata, espalhou-se pelo mundo gentílico, em grande parte graças às viagens missionárias de Paulo.

É importante guardar na mente que Lucas foi o autor do livro de Atos. Ele estava intimamente consciente do debate crucial sobre o papel dos gentios na Igreja.

O livro de Atos segue, estruturalmente, o mandato de Cristo na Grande Comissão:

Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra (Atos 1.8).

A cronologia refletida pelo livro de Atos reflete este padrão da propagação do cristianismo: Jerusalém — Judéia — Samaria — mundo gentílico. A narrativa do livro de Atos começa com eventos em Jerusalém, e então expande-se para fora, no empreendimento missionário.

O dia de Pentecoste foi um evento judaico. Teve

lugar em Jerusalém. O próprio Pentecoste era uma festa judaica. Os participantes eram "judeus, homens piedosos, de todas as nações debaixo do céu" (Atos 2.5). Os judeus haviam vindo a Jerusalém para a Festa do Pentecoste.

É importante observar que *eles "ficaram cheios do Espírito Santo"* (Atos 2.4). Não há ali qualquer evidência de que alguns judeus crentes deixaram de receber o Espírito Santo. Não há qualquer evidência de que alguns deles buscaram ansiosamente o dom do Espírito, ao passo que outros deixaram de atingi-lo. Todos os crentes judeus presentes experimentaram o derramamento pentecostal.

O mesmo fenômeno é visto nos demais derramamentos registrados no livro de Atos. Não há qualquer registro, no livro de Atos, de que algum crente, dentro de um grupo de crentes, deixou de receber (ou que apenas uma parte deles) o prometido Espírito Santo, quando ele desceu. O Espírito Santo vem de forma inclusiva e incondicional.

OS QUATRO "PENTECOSTES"

Na Igreja primitiva, a questão da plena inclusão no corpo de Cristo não se limitava meramente aos dois grupos genéricos de judeus e gentios. Havia *quatro* grupos distintos de pessoas cuja situação na Igreja estava em jogo. Esses quatro grupos incluíam: os judeus, os Samaritanos, os tementes a Deus e os gentios. Os tementes a Deus eram convertidos gentios ao judaísmo, que tinham abraçado as doutrinas do judaísmo, mas que tinham parado em meio à sua conversão ao judaísmo por optarem por permanecer incircuncisos. É claro, no capítulo décimo do livro de Atos, que Cornélio era um te-

mente a Deus.

Morava em Cesaréia um homem, de nome Cornélio, centurião da coorte chamada a italiana, piedoso e temente a Deus, com toda a sua casa, e que fazia muitas esmolas ao povo e de contínuo orava a Deus (Atos 10.1,2).

É espantoso que os quatro derramamentos do Espírito, no estilo pentecostal, registrados no livro de Atos, cobriam precisamente os quatro grupos cuja posição na Igreja primitiva estava em dúvida. Os judeus receberam o Espírito Santo no dia de Pentecoste. Os Samaritanos receberam o Espírito durante o ministério de Filipe, Pedro e João (Atos 8). Os tementes a Deus receberam o Espírito Santo na casa de Cornélio (Atos 10). E, finalmente, houve um derramamento do Espírito sobre os gentios de Éfeso (Atos 19). Todos os quatro grupos, e todos os participantes de todos os grupos receberam o derramamento do Espírito Santo.

Permanece de pé a indagação: Qual é a significação desses eventos? O neopentecostismo encontra a significação no prazo de tempo entre a conversão e o recebimento do Espírito e nas manifestações externas das línguas.

Mas essa não é a grande significação desses eventos salientados por Lucas. Essa não é a principal mensagem que os próprios apóstolos adquiriram desses acontecimentos.

Como foi que os apóstolos interpretaram essas ocorrências? A chave encontra-se no capítulo dez do livro de Atos:

Ainda Pedro falava estas coisas quando caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra. E os fiéis que eram da circuncisão, que vieram com Pedro, admiraram-

se, porque também sobre os gentios foi derramado o dom do Espírito Santo; pois os ouviam falando em línguas e engrandecendo a Deus. Então perguntou Pedro: Porventura pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados, estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo? E ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo. Então lhe pediram que permanecesse com eles por alguns dias (Atos 10.44-48).

O texto indica que os crentes judeus ficaram chocados quando viram os crentes gentios receberem o Espírito Santo. O sentido claro para isso, para Pedro, foi que aqueles convertidos gentios deveriam ser recebidos como membros plenos na Igreja cristã. "Porventura pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados, estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo?" foi a pergunta desse apóstolo. E, ato contínuo, ordenou que fossem batizados. Aqui rebrilha o grande tema de Lucas de que todos os crentes fazem parte integral da Igreja do Novo Testamento. Não haveria cidadãos de segunda classe no reino de Deus. Judeus, Samaritanos, tementes a Deus e gentios, todos receberam o batismo do Espírito Santo.

O que há de normativo no Pentecoste é que o Espírito Santo batiza todo o povo de Deus. Que havia uma demora quanto ao tempo, no livro de Atos, entre a conversão e o batismo, não estabelece esse aspecto como uma norma. Havia claras razões histórico-remidoras para que ocorressem esses quatro "Pentecostes" distintivos. Eles demonstraram claramente a igualdade de todos os quatro grupos na Igreja. Nada existe no texto indicando que esse intervalo entre as duas ocorrências — a conversão e o batismo no Espírito — seja a norma. No capítulo dezenove de Atos, Paulo perguntou aos crentes de Éfeso: "Recebestes, porventura, o Espíri-

to Santo, quando crestes?" (Atos 19.2)

Ao fazer essa pergunta, Paulo aparentemente supunha a possibilidade que os crentes em Éfeso tivesse recebido a experiência pentecostal no tempo de sua conversão, indicando que, pelo menos nesse ponto, ele não tinha nenhum conceito de uma demora que fosse a norma. Ele admitiu a possibilidade de demora, mas não como regra.

Que dizer sobre as línguas como uma evidência necessária do batismo com o Espírito Santo?

É claro, pelos textos do livro de Atos, que o dom do falar em línguas realmente funcionava como um sinal externo do enchimento com o Espírito. As línguas proviam uma indicação tangível de que o Espírito havia caído sobre os indivíduos assim que romperam as expressões extáticas de Eldade e Medade, no capítulo onze de Números. No caso de Jesus, porém, por ocasião de sua unção, houve a visão externa do Espírito que descia como uma pomba (ver Mateus 3.16). (O relato do batismo de Jesus é a base para se usar a pomba como símbolo do Espírito Santo. A pomba, que também se tornara símbolo da paz — com base no relato sobre a pomba, na história de Noé — não é um mau símbolo para o Espírito, mas por certo não transmite muito bem o conceito de poder. O vento que sopra com ímpeto é um símbolo muito melhor, e por certo o vento e o Espírito têm muitas conexões bíblicas. O fogo, conforme fica demonstrado na narrativa do Pentecoste, também é um símbolo apropriado, mas, tal como o vento e a pomba, não transmite a idéia de *personalidade*. É lamentável que, em um nível visual, na realidade não existem símbolos apropriados para o Espírito). Por ocasião do Pentecoste, houve um sinal visível, tal e qual como houve um sinal auditivo, a saber, a visão das

línguas como que de fogo, que se assentaram sobre as cabeças de cada crente.

Embora esses sinais visíveis tenham ocorrido aqui e ali, também é claro que não eram considerados como indicadores necessários ou normativos do enchimento com o Espírito. Embora o falar em línguas tenha continuado a manifestar-se na vida da Igreja, o que é testificado pela discussão de Paulo sobre a questão, na primeira epístola aos Coríntios, é claro que, pelo tempo em que essa epístola foi escrita, o falar em línguas não era considerado como um sinal indispensável do presente carismático.

Em 1 Coríntios, Paulo labora o ponto que embora as línguas sejam um dom de Deus e, portanto, são aproveitáveis, elas não recebem uma posição exaltada demais na Igreja. Paulo declara a sua preferência como segue:

Dou graças a Deus, porque falo em outras línguas mais do que todos vós. Contudo, prefiro falar na igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir outros, a falar dez mil palavras em outra língua (1 Coríntios 14.18,19).

A taxa do apóstolo aqui é 5:10.000. Paulo levanta em outro lugar uma pergunta: "Falam todos em outras línguas?" (1 Coríntios 12.30b) Nenhuma resposta é dada aqui explicitamente. Entretanto, não há dúvida sobre a resposta. A pergunta formulada por Paulo não pode ser respondida, de modo indiferente, com um "sim" ou com um "não". Só pode haver uma resposta para esse tipo de pergunta estruturada. E a resposta é "não".

Na igreja em Corinto os dons do Espírito eram altamente evidentes e operativos. No entanto, Paulo novamente laborou o ponto ao dizer que o Espírito Santo

dota o seu povo com uma diversidade de dons.

Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos. A manifestação do Espírito é concedida a cada um, visando a um fim proveitoso. Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento; a outro, no mesmo Espírito, fé; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar; a outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a um variedade de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las. Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente (1 Coríntios 12.4-11).

Soberanamente, o Espírito distribui dons à sua Igreja. A Igreja é um corpo de membros dotados por Deus, que funciona dentro do arcabouço da unidade e da diversidade. Nenhum ofício ou dom deve ser elevado ao nível de um sinal exclusivo da manifestação do Espírito.

Paulo disse ainda:

Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito (1 Coríntios 12.13),

Dale Bruner comentou sobre a passagem acima como segue:

Se este versículo for interpretado como que falando de um segundo e separado batismo no Espírito Santo, além do batismo em Cristo, e somente para alguns crentes, então

é feita uma violência não somente contra as palavras do texto — "todos... todos " — mas também contra o propósito do texto, em seu contexto na epístola aos Coríntios. Em 1 Coríntios 12.13, Paulo não está ensinando sobre um batismo universal que é ganho apenas por alguns mas está ensinando sobre o gracioso batismo cristão através do Espírito, dado a todos (Frederick Dale Bruner, A Theology of the Holy Spirit, Grand Rapids: Eerdmans, 1970, pág. 292).

O peso da interpretação bíblica sobre o sentido do Pentecoste milita contra a compreensão neopentecostal do batismo do Espírito Santo. Todos aqueles a quem o Espírito regenera, ele também batiza, enche e dota com o poder para o ministério.

Essa é a notícia animadora do Pentecoste. No plano divino da redenção, o Espírito Santo tem dotado todo crente para o ministério. A Igreja cristã, em sua inteireza, tem sido dotada do alto. Não existem dois níveis de crentes — dotados e não-dotados, batizados no Espírito e não batizados no Espírito (Muitos carismáticos e pentecostais enfatizam outros dons do Espírito — curas, profecias, liderança, hospitalidade, discernimento, exortação, interpretação, etc. É uma infelicidade que, nas mentes de muitos crentes, o falar em línguas passou a ser visto como a evidência do batismo do Espírito).

Ouvimos testemunhos abundantes, da parte de crentes modernos, os quais declaram que sua experiência de batismo no Espírito e no falar em línguas mudou dramaticamente as suas vidas espirituais. Eles agora têm maior zelo, maior ousadia, maior empenho na oração. Também tem sido dito que um homem com uma experiência nunca está à mercê de um homem que só tem um argumento.

Não tenho querela alguma com as experiências das pessoas com o Espírito Santo. Estou deleitado em ouvir sobre o aumento da fé, sobre o zelo, sobre a intensidade na oração e sobre o resto. Minha preocupação não é com o significado da experiência, mas com a compreensão do significado da experiência. É a interpretação sobre a experiência que tende voltar-se contra as Escrituras. Nossa autoridade não são as nossas experiências e, sim, a Palavra de Deus. As pessoas na Igreja não têm todas uma mesma experiência com o Espírito Santo, mas isso não indica que todos eles não tenham o mesmo Espírito. Essa é a questão mesma que tão profundamente perturbou a igreja em Corinto.

Não estou dizendo, por igual modo, que todo aquele que é membro de uma igreja cristã tenha o Espírito Santo. Ser membro em uma igreja visível não é mais garantia de que uma pessoa tem o batismo do Espírito Santo, do que uma pessoa tem garantida a sua salvação. Sabemos que existem incrédulos que são membros de igrejas. Nenhum incrédulo tem o batismo do Espírito Santo, mas todo crente, toda pessoa regenerada, tem o batismo do Espírito Santo. Todo crente, desde o Pentecoste até o presente, tanto é uma pessoa regenerada pelo Espírito quanto é batizada pelo Espírito. Essa é a essência do sentido do Pentecoste. Qualquer coisa menos do que isso lança uma sombra sobre a importância sagrada do Pentecoste na história da redenção. Qualquer pessoa que tenha sido regenerada pelo Espírito, também foi batizada no Espírito e tem o selo do Espírito.

CAPÍTULO NONO
O
FRUTO
DO
ESPÍRITO

*Deus te selou dando-te
o dom do seu Santo Espírito.
Todo filho de Deus tem o mesmo selo,
ele é habitado pelo Espírito Santo.*

TOM REES

OS dons do Espírito Santo são fascinantes. Ser uma pessoa dotada é receber elogios da parte de nossos semelhantes, por causa de nossas realizações ou habilidades. Por essas razões, e talvez por outras, os dons do Espírito recebem muito mais atenção em nossa cultura do que o fruto do Espírito. Os diversos frutos do Espírito parecem estar condenados à obscuridade, ocultos na sombra dos dons mais preferidos.

No entanto, é a evidência do fruto do Espírito que marca nosso progresso na santificação. Naturalmente, Deus fica agrado quando exercemos devidamente os dons que o Espírito Santo nos concedeu. Mas penso que Deus fica ainda mais satisfeito quando vê seu povo manifestar os vários aspectos do fruto do Espírito.

Paulo exortou aos crentes da Galácia:

Digo, porém: Andai no Espírito, e jamais satisfareis à concupiscência da carne (Gálatas 5.16).

A vida cristã é uma peregrinação. Usando a linguagem das Escrituras, é uma viagem que se faz à pé. O ato de andar é um modo relativamente lento de transporte. A maioria de nós move-se ao longo dessa estrada com velocidade de uma lesma. Não corremos e nem saltamos o curso cheio de obstáculos da tentação. Há barreiras que impedem o nosso progresso. A cada ponto enfrentamos os sacolejos provocados pela carne. Foi Paulo novamente quem escreveu:

Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que porventura seja do vosso querer (Gálatas 5.17).

É aí que se trava a batalha. O velho homem arma-se contra o novo homem. A natureza pecaminosa da carne luta por sufocar a influência do Espírito Santo. Embora essa guerra seja interna e invisível, há claros sinais externos da carnificina provocada pela batalha. Quando o Espírito é vitorioso, vemos o fruto do Espírito. E quando a carne vence, também percebemos a evidência externa.

Antes de Paulo discorrer sobre o fruto do Espírito, primeiramente ele fala das obras da carne. As obras da carne fazem violento contraste com o fruto do Espírito.

Ora, as obras da carne são conhecidas, e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já outrora vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam (Gálatas 5.19-21).

A lista das obras da carne é crucial por duas razões. Primeiramente, oferece o contraste já mencionado com o fruto do Espírito. E, em segundo lugar, identifica as práticas pecaminosas que, conforme o apóstolo enfatizou (mediante repetição), caracterizam os não-regenerados e os perdidos. Naturalmente, é possível que uma pessoa regenerada caia em qualquer desses pecados por algum tempo. Cada um desses erros tem sido manifestado, em um tempo ou outro, pelos maiores santos. Mas não são características do crente. Todavia, se essa lista caracteri-

za a conduta de uma pessoa, isso é prova de que ela não foi ainda remida.

Visto que essa lista é acompanhada por uma advertência tão dura, é importante que demos breve definição a cada um dos pecados mencionados na mesma.

1. Prostituição. *O primeiro pecado a ser mencionado é aquele que foi proibido no Sétimo Mandamento. Envolve a violação da santidade do casamento por meio de relações sexuais ilícitas.*

2. Impureza. *Envolve desde a fornicação até os abusos sexuais contra o próprio corpo. Usualmente está associado ao contado sexual entre pessoas solteiras. Neste texto, entretanto, tem um sentido mais amplo, incluindo o contacto sexual ilegítimo, no sentido mais lato da palavra (Ato homossexuais estão incluídos).*

3. Lascívia. *Há aqui um sentido sexual implícito. Reflete um tipo de comportamento que a linguagem popular chama de "imoral".*

4. Idolatria. *Está em foco a adoração paga aos ídolos ou deuses falsos. A idolatria, em seu sentido mais amplo, pode incluir tais coisas como a adoração às possessões materiais.*

5. Feitiçarias. *Isso envolve a prática da magia bem como imiscuir-se com práticas proibidas tais como o espiritismo, a adivinhação, a astrologia e coisas semelhantes.*

6. Inimizades. *Isso reflete um caráter marcado pela hostilidade, pelo rancor, pela falta de amor.*

7. Porfias. *Isso é visto nas atitudes de desafio. Aquele que gosta de porfias é contencioso, argumentativo e combativo. Vive sempre pronto a desafiar outras pessoas.*

8. Ciúmes. *O ciúme reflete um espírito egocêntrico que despreza as realizações ou vitórias de outras pessoas. As obras de números 6 a 8 provavelmente são aqueles "pecadilhos" dos crentes, talvez porque tão facilmente podem ser escondidos ou justificados pelo crente faltoso.*

9. Iras. *São as explosões de cólera. Indica um caráter caracterizado pelos repentinos de mau gênio.*

10. Discórdias. *Aponta para um espírito contrário às opiniões de outras pessoas.*

11. Dissensões. *Isso não elimina formas legítimas de dissidência. Antes, caracteriza-se por um espírito contencioso que vive ferindo o próximo, criando inimizades entre as pessoas.*

12. Facções. *São as várias formas de partidarismo, criadas sem verdadeiras razões para divisões artificiais. Envolve a escolha voluntária de opiniões que vão contra a verdade estabelecida. Inclui mais do que os erros teológicos, pois também pode referir-se a erros de atitude ou de comportamento.*

13. Invejas. *Envolve o desejo de possuir o que pertence a alguma outra pessoa. Pode incluir a má vontade para com aqueles que desfrutam de certos benefícios.*

14. Bebedices. *Refere-se ao uso intemperado de bebidas alcoólicas e, por implicação, o uso de drogas.*

15. Glotonarias. *Isso envolve um estilo de vida que consiste em festins selvagens, que aprecia orgias sem qualquer limite.*

Em contraposição às obras da carne, Paulo mostra no que consiste o fruto do Espírito:

Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei (Gálatas 5.22,23).

Nesta passagem bíblica, o apóstolo dos gentios exhibe o modelo de autêntica retidão. Esse fruto bom é designado como o fruto do Espírito. Fruto é algo que é produzido em nós. Não vem de nós mesmos. Em nós mesmos somos apenas carne. As obras da carne são o fruto da carne. A carne para nada aproveita. Martinho Lutero declarou que "nada" não é a mesma coisa que "um pouco de alguma coisa".

Qualquer coisa viva gera outro ser vivo a ela parecido. O produto vem do produtor. A progênie recapitula a ontogenia. Somente o Espírito Santo pode conceber e produzir o fruto do Espírito. Podemos ser habilidosos pregadores mesmo sem o Espírito. Podemos ser gênios teológicos segundo a carne. Podemos ser oradores dotados de línguas de prata mesmo à parte da graça divina. Mas a única fonte originária do fruto do Espírito é a obra do Espírito que atua em nós.

Não é por acidente que o fruto do Espírito não é elevado em nossas fileiras como o teste mais elevado da retidão. Resta ainda tanta carne em nós que preferimos seguir outro padrão qualquer. O teste do fruto do Espírito nos parece elevado demais. Não podemos atingir o mesmo. Portanto, dentro de nossas subculturas cristãs preferimos elevar algum teste inferior pelo qual possamos medir a nós mesmos com maior sucesso. Podemos competir uns com os outros, com maior facilidade, se misturarmos alguma carne com o Espírito.

Quão difícil para nós é sermos medidos segundo o nosso amor! E, por favor, que nenhum de meus leitores me avalie pelo padrão da gentileza. Sou impaciente demais para merecer a paciência como meu padrão de desenvolvimento. Para mim é mais fácil pregar do que tole-

rar. Para mim é mais fácil escrever um livro sobre a paz do que praticar a paz.

O fruto do Espírito inclui uma lista de virtudes que, à superfície, podem parecer lugares comuns. João Calvino falou em virtudes que os pagãos não-regenerados são capazes de exibir em certo grau. Ele descreveu os "direitos civis" alcançados pelo homem natural. Mediante a graça comum de Deus, criaturas caídas exibem uma forma externa de retidão.

A retidão externa é aquela que, externamente, corresponde à lei de Deus, mas à qual faltam os motivos, saídos do coração, que dispõem o indivíduo para com o amor de Deus. Os incrédulos podem amar mediante um afeto natural. Os maridos incrédulos têm um afeto natural por suas esposas. As mães incrédulas têm um afeto natural por seus filhos. A música secular exalta a virtude do amor.

Assim também, as demais virtudes mencionadas como o fruto do Espírito podem ser manifestas entre os ímpios. Havia momentos em que Adolfo Hitler era bondoso. Stalin tinha exibições momentâneas de gentileza. Faraó do Egito, dos dias de Moisés, tinha lapsos em que demonstrava paciência. Em nossos próprios dias os mórmons são conhecidos por mostrarem-se equilibrados, temperados.

Aqui jaz o problema. Se os incrédulos podem exibir as virtudes mencionadas na lista do fruto do Espírito, como podemos saber se a presença dessas virtudes, de alguma maneira, indica a presença do Espírito em nossas vidas? Nem um único fruto do Espírito, externamente exibido, serve de prova de regeneração.

Talvez seja por causa da facilidade da confusão

entre a "retidão civil" e o fruto do Espírito que os crentes tendem por procurar em alguma outra coisa indicadores da verdadeira piedade. A Bíblia, porém, não nos permite ceder diante dessa tentação. O Espírito Santo é quem produz fruto autêntico. É a sua obra que nos convém cultivar na vida (Visto que até os incrédulos podem ser bondosos, gentios, pacificadores, etc, os crentes com freqüência concentram sua atenção sobre preocupações como uma predica eloqüente, escrever bem, etc. Ser bondoso — mostrando assim o fruto do Espírito — de maneira a não chamarmos a atenção do próximo, é menos dramático mas, provavelmente, é melhor do que sermos excelentes pregadores, autores religiosos, cantores evangélicos, etc.).

Precisamos aprender a discernir entre a retidão civil e o fruto do Espírito. A diferença é mais do que a diferença quanto ao grau. É uma diferença quanto à espécie, igualmente.

O fruto do Espírito é algo incomum e extraordinário. Para exemplificar, é a diferença entre um amor comum e um amor que é incomum, entre o amor ordinário e o amor extraordinário, entre o amor natural e o amor sobrenatural.

AMOR

O fruto do amor, nascido do Espírito Santo, é um amor transcendental. Eleva-se bem acima da virtude comum dos afetos naturais. É o amor bíblico, o *agape*, o amor que é tratado como uma rapsódia no capítulo treze de 1 Coríntios. Uma coisa é amar os amáveis. Mas é coisa inteiramente diferente amar os próprios inimigos. O amor natural é como o ouro misturado a bastante refugo. É maculado pelos interesses egoístas. É misturado

com o chumbo da inveja e com a liga da rudeza. É um amor incoerente.

Paulo, no capítulo treze de 1 Coríntios, diz-nos que o amor não inveja, não se vangloria e não exhibe orgulho. Não é rude, nem busca seus próprios interesses e nem se ira. Não guarda registro das ofensas recebidas. E nem se deleita no mal.

O amor não pode ser definido pela abstinência simplista das bebidas alcoólicas, das danças, da maquiagem, do cinema, do jogo de baralho e de coisas semelhantes. Foi a inveja que requereu a cruz de Cristo, e não o batom; foi a cobiça que exigiu a expiação, e não o jogo de pôquer; foi o orgulho que demandou a necessidade de propiciação, e não o cinema.

Alguns estudiosos têm descrito o amor como "amor incondicional". Esse conceito pode ser ou uma moeda de ouro puro, ou uma pedra dourada na sacola de truques dos fraudulentos. Ao mesmo tempo pode ser autêntico ou grosseiramente falso, dependendo de como é entendido. O pregador que sorri benignamente do púlpito, assegurando a seus ouvintes que "Deus o aceita da maneira como você é", está dizendo uma mentira monstruosa. O reino de Deus é muito mais rigoroso em seus requisitos do que a vizinhança. O evangelho do amor talvez nem seja o biscoito adocicado com a sacarina da graça. Deus não aceita o homem arrogante em sua arrogância. Ele volta suas costas santas para os impenitentes. Para dizermos a verdade, ele demonstra amor para com suas criaturas decaídas, mas esse amor tem santas demandas. Devemos chegar-nos a ele de joelhos, com um coração contrito.

Jonathan Edwards falou do amor como segue:

Se o amor é um resumo do cristianismo, então por certo

aquelas coisas que combatem o amor são excessivamente impróprias para os crentes. Um crente invejoso, um crente malicioso, um crente frio e de duro coração, é o maior absurdo e contradição. É como se alguém falasse em brilho escuro, ou em uma falsa verdade.

Um de meus professores, o Dr. John Gerstner, declarou, de certa feita, sobre a manifestação do amor *agape* na vida do apóstolo Paulo. Ele usou as quatro letras do nome de Paulo em inglês, "Paul", como um acróstico que descrevia o caráter do apóstolo. O *P* representava a palavra "*poluído*", visto que Paulo descreveu a si mesmo como o principal dos pecadores. O *A* representava o seu ofício *apostólico*. Mas o *U* e o *L* é que representavam as características mais relevantes. O *U* referia-se à dedicação inflexível (em inglês, *uncompromising dedication*) à verdade, ao passo que o *L* referia-se à qualidade do amor (em inglês, *love*). Gerstner colocava a questão como segue: "Não é que digamos que Paulo era inflexível *mas* amoroso. Antes, dizemos que Paulo era inflexível e, *portanto*, amoroso".

O amor espiritual é desenvolvido por Deus em nossos corações. Somos capazes de amá-lo porque ele primeiramente nos amou, e porque é o seu amor que é derramado em nossos corações. Esse amor transcende a nossos afetos naturais. Flui de um coração que foi mudado por Deus o Espírito Santo.

ALEGRIA

A alegria é mencionada como um dos aspectos do fruto do Espírito. Essa alegria não é aquela explosão de alegria que encontramos no momento em que nosso time

de futebol ganha o campeonato. À semelhança do amor *agape*, a alegria cristã é uma alegria transcendental, uma alegria nascida da bem-aventurança. Um incrédulo experimenta emoções positivas que evocam sorrisos, mas nenhum incrédulo jamais experimentou a alegria beatífica da salvação.

A alegria do Espírito é permanente. Talvez o vencedor no campeonato de futebol deste ano, seja rebaixado para a segunda divisão no ano que vem. Mas a alegria da salvação dura para sempre. A vitória que Cristo ganhou para nós não é temporária. O Salvador nunca teve um ano ruim.

A alegria do Espírito tanto é estável quanto animada. É o tipo de alegria que continua em meio ao sofrimento. Tem profundidade. Penetra na alma. Manda o desespero para o exílio e bane o pessimismo. Produz confiança sem arrogância, coragem sem bravatas. Jesus de Nazaré foi capaz de chorar. Não obstante, suas lágrimas não podiam dissolver a alegria que ele experimentava na casa de seu Pai.

Regozijamo-nos em nossa esperança. Nossa esperança não está na fantasia do sonhador, mas na segurança dos redimidos. É a alegria daqueles que têm ouvidos para ouvir o mandato do Salvador: "Tende bom ânimo, eu venci o mundo" (João 16.33).

PAZ

A paz conferida pelo Espírito é, igualmente, transcendental. É a paz *shalom*, que todo judeu almejava. Ultrapassa em muito aquilo que Martinho Lutero chamava de paz carnal, a paz oferecida pelos falsos profetas de Israel. Não é a paz acovardada, conquistada pelo apazi-

guamento. Antes, é uma paz operada por uma vitória permanente.

Quando as guerras terrenas terminam, e os tratados de paz são assinados, sempre continuam tréguas intranquias. Geralmente permanece um estado de guerra fria, ao mesmo tempo em que o mero pipocar de armas de fogo pode assinalar o começo de novas hostilidades. Há uma vasta diferença entre dois diplomatas a cumprimentar-se e a declarar: "Obtivemos a paz em nossa época", e Jesus, inclinado por sobre uma mesa, a dizer: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo" (João 14.27).

O legado de Cristo é a paz. A paz é a herança que recebemos da parte do Príncipe da Paz. É uma paz como o mundo não pode dar. Essa paz é uma paz duradoura que ninguém pode arrancar de nós.

O Espírito Santo nos dá uma paz interior, uma paz que ultrapassa todo o entendimento. Porém, a paz que Cristo nos dá é infinitamente mais valiosa do que a paz mental. Transcende a imperturbabilidade dos filósofos estóicos e a *ataraxia* dos epicureus. É a paz que mana de nossa justificação. Uma vez justificados, temos a paz com Deus. Temos ouvido e recebido o evangelho. Temos ouvido o chamamento da trombeta de Deus. "Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus. Falai ao coração de Jerusalém, bradai-lhe que já é findo o tempo da sua milícia, que a sua iniquidade está perdoada e que já recebeu em dobro da mão do Senhor, por todos os seus pecados" (Isaías 40.1,2).

O pior holocausto da história é o da guerra entre o Deus santo e suas criaturas rebeldes. Para o crente, porém, essa guerra terminou, de uma vez por todas. Pode-

mos continuar a pecar e incorrer no desprazer de Deus. Podemos entristecer o Espírito Santo, mas nunca mais ele declarará guerra contra nós. A paz foi assinada para nós na cruz do Calvário.

LONGANIMIDADE (PACIÊNCIA)

Outro aspecto do fruto do Espírito é a longanimidade — ou seja, a paciência profunda. Essa virtude espelha e reflete o caráter de Deus. Não tem lugar para as explosões de mau-humor de uma personalidade de pavio curto. A longanimidade é lenta para irar-se. Suporta bem os insultos e as malícias de outros. Desconhece por inteiro um espírito de julgamento.

Esse é o estofado do qual Jó foi feito. Ele declarou: "Eis que me matará, já não tenho esperança; contudo, defenderei o meu procedimento" (Jó 13.15). Tem a capacidade de esperar. Esperar é difícil. Esperamos aviões e ônibus. Esperamos pelo correio e por visitantes. Esperamos que Cristo retorne. Esperamos pela promessa de sua redenção.

O crente rejeita o espírito do pragmatismo. Ele vive em termos de alvos a longo prazo. Ele abstém-se do que é meramente expediente. Ele entesoura tesouros no céu. Ele se dispõe a esperar a hora de Deus.

O Espírito é paciente com as pessoas. O fruto que ele nos dá nos capacita a nos tolerarmos uns aos outros. Não exigimos a santificação instantânea de nossos irmãos. A paciência e a longanimidade não se atira contra o argueiro no olho de nosso irmão. Os crentes dirigidos pelo Espírito estão casados ao amor que cobre uma multidão de pecados.

BENIGNIDADE

Jesus era forte e terno. Quando ele se encontrava com os poderosos e arrogantes, ele não pedia e nem dava trégua. Quando ele se encontrava com os fracos e quebrantados de coração, ele se mostrava terno. Ele nunca partiu uma cama quebrada. Sua reprimenda contra o pecador era suavizada com a benignidade. "Nem eu tampouco te condeno; vai, e não peques mais" (João 8.11), foi a sua resposta a uma mulher humilhada. O Juiz de toda a terra não era severo em demasia. Ele não se alegrava ferozmente na condenação.

A benignidade é uma virtude da graça. Envolve a disposição de manter o próprio poder e a própria autoridade sob controle. Não esmaga o fraco. Ela é cheia de consideração e é bondosa. Manifesta o julgamento do amor, temperando a justiça com a misericórdia.

BONDADE

A bondade incorpora uma integridade pessoal básica. O fruto do Espírito promove uma pessoa inculpável. A bondade é um termo relativo. Alguma coisa ou alguém é bondoso para outrem em relação a algum padrão. O padrão final da bondade é o caráter do próprio Deus. Foi isso que Jesus disse ao jovem rico: "Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão um, que é Deus" (Lucas 18.19).

Não obstante, a qualidade da bondade é implantada nas vidas em que o Espírito Santo opera. Ele forma dentro de nós a bondade. Embora nossas melhores obras permaneçam maculadas pelo pecado, não obstante, uma mudança real é operada dentro de nós. Na salvação tanto ganhamos a cura como o perdão. Ele nos está curando.

Deus não somente nos declara justos, pela imputação da justiça de Cristo. Mas também veio residir em nós para tornar-nos aquilo que ele nos declara ser. A santificação segue-se à justificação. Essa santificação é tão real como a nossa justificação. E um dos aspectos do fruto do Espírito é a bondade.

FIDELIDADE

A fé é um dom de Deus. E é, igualmente, um fruto do Espírito. A fé mediante a qual somos salvos não é de nossa própria lavra. Ela vem de Deus. Mas vem para nós e é exercida por nós. O Espírito Santo é quem opera a fé em nós. Essa é a *fides viva* de Lutero, a fé viva que produz obras de obediência.

Ter fé é *confiar*. Significa mais do que *acreditar* em Deus. Significa *confiar em Deus*. O fruto do Espírito envolve o confiar a Deus as nossas vidas.

Mas o fruto da fé envolve mais do que a mera confiança. Significa que nos tornamos dignos de confiança. Uma pessoa de fé é não somente uma pessoa que confia, mas uma pessoa que merece confiança. Seu "sim" significa sim, e seu "não" significa não. Ele mantém a sua palavra. Ele paga as suas contas. Ele satisfaz as suas obrigações. Ele é fiel. Ele é leal. A fidelidade é uma marca de seu caráter.

MANSIDÃO

A mansidão é uma virtude piedosa. Um homem manso é um homem gentil. Ser um homem um homem gentil é estar tendo Cristo como modelo. Pesquisas de opinião pública, em revistas femininas, repetidamente

revelam que as virtudes gêmeas que as mulheres mais desejam nos homens são a força e a ternura.

A gentileza — e a mansidão — não devem ser confundidas com a fraqueza. Moisés era homem extremamente manso. Em outras palavras, ele possuía a qualidade da humildade. Ele sabia quem era. Ele era ousado sem ser arrogante. Aos mansos é prometido o mundo. Cristo promete que os mansos herdarão a terra. A mansidão é o reverso da gentileza. Essas qualidades andam de mãos dadas, casadas por um espírito de humildade.

Deus concede graça aos humildes. É uma graça que desperta mais graça ainda.

DOMÍNIO PRÓPRIO

O último aspecto do fruto do Espírito, em nossa lista, que consiste em domínio próprio — é oriunda das outras virtudes. A falta de modéstia, o extremismo e a ostentação não se ajustam ao domínio próprio. Manifesta-se aqui o nível moderado do auto-controle. O Espírito não é rude e nem imperioso. Ele nem é violento e nem grosseiro.

Esses são aspectos diversos do fruto do Espírito Santo. Essas são as marcas genuínas da piedade. Essas são as virtudes que vemos eminente e vividamente modeladas nas vidas dos crentes maduros.

Essas são as virtudes que nosso Senhor quer que cultivemos. Essas são as virtudes que, ao mesmo tempo, são dons de Deus. Deus promete recompensar essas qualidades em nós, não porque fluem de nossa retidão intrínseca, mas porque, conforme Agostinho colocou: "Deus se agrada em coroar seus próprios dons".

CAPÍTULO DÉCIMO
O
OUTRO
CONSOLADOR

*O homem pode despedir a compaixão
de seu coração,
mas Deus nunca fará isso.*

WILLIAM COWPER

NA VÉSPERA de sua morte, Jesus se encontrou com seus discípulos no cenáculo. Ele expressou um profundo anelo para celebrar a páscoa com seus amigos, antes de enfrentar seus sofrimentos. Em uma ocasião como aquela, esperaríamos que Jesus estivesse à procura de conforto e apoio da parte de seus amigos. Em lugar disso, porém, Jesus estava se esforçando por consolá-los.

No cenáculo, Jesus apresentou o seu mais longo discurso registrado sobre a pessoa e a obra do Espírito Santo. Nesse discurso, Jesus prometeu que enviaria o Espírito Santo:

E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não no vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós. Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros (João 14.16-18).

Aqui Jesus falou em "outro Consolador". A palavra traduzida por "Consolador", "Ajudador" ou "Advogado" é a palavra grega *parákletos*.

A primeira coisa que observamos foi que Jesus prometeu "outro" Paracleto. Isso significa que o Paracleto aqui prometido não foi o primeiro Paracleto a aparecer em cena. Pois para que haja "outro" de qualquer coisa, deve haver pelo menos um igual a ele, que o antecede.

Estou laborando este ponto porque se tornou costumeiro, na linguagem da Igreja, falar do Espírito Santo

como o Parácleto. De fato, esse título, Parácleto, é usado no Novo Testamento quase exclusivamente em relação ao Espírito Santo.

Devemos insistir, entretanto, que o Espírito Santo não é o Parácleto. O Parácleto é Jesus Cristo. O papel de Jesus, como Parácleto, é vitalmente importante em seu ministério terreno. O Espírito Santo, pois, assumiu o título de "outro Parácleto", em face da ausência de Jesus. O Espírito Santo foi enviado para ser o "substituto" ou "vigário" de Jesus Cristo. O Espírito é o Supremo Vigário de Cristo na terra.

JESUS COMO NOSSO PARÁCLETO

Para compreendermos o papel de Jesus como nosso Parácleto, examinemos a narrativa do nascimento de Jesus no evangelho de Lucas. No registro da apresentação de Jesus em Jerusalém, lemos o seguinte relato:

Havia em Jerusalém um homem chamado Simeão; homem este justo e piedoso, que esperava a consolação de Israel, e o Espírito Santo estava sobre ele (Lucas 2.25).

Neste texto, a frase "a consolação de Israel" funciona como um termo que designa o Messias vindouro. A Simeão tinha sido revelado que ele "não passaria pela morte antes de ver o Cristo do Senhor" (Lucas 2.26). Ambas essas palavras — *Cristo* no grego, e *Messias* no hebraico — significam "ungido".

No judaísmo do Antigo Testamento, o conceito da "Consolação de Israel" expressa a esperança da salvação messiânica. A consolação de seu povo é uma obra de Deus. Deus tem o poder de transformar a desolação em consolação. Ouvimos a promessa de Deus no livro de Isaías:

Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus. Falai ao coração de Jerusalém, bradai-lhe que já é findo o tempo da sua milícia, que a sua iniquidade está perdoada e que já recebeu em dobro da mão do Senhor por todos os seus pecados (Isaías 40.1,2).

A imagem simbólica da consolação divina ao seu povo é expressa através da metáfora do pastor:

Como pastor apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos, e os levará no seio; as que amamentam, ele guiará mansamente (Isaías 40.11).

A consolação de Jerusalém está vinculada à imagem de Deus como uma mãe consoladora:

Regozijai-vos juntamente com Jerusalém, e alegrai-vos por ela, vós todos os que a amais; exultai com ela, todos os que por ela pranteastes; para que mameis, e vos farteis dos peitos das suas consolações; para que sugueis e vos deleiteis com a abundância da sua glória. Como alguém a quem sua mãe consola, assim eu vos consolarei; e em Jerusalém vós sereis consolados (Isaías 66.10-13).

O maior consolador enviado por Deus para consolar o seu povo é o seu Servo Sofredor. Na descrição de Isaías sobre o papel do Servo de Deus, lemos:

O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos, e a pôr em liberdade os algemados; a apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança de nosso Deus; a consolar todos os que choram, e a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria em vez de pranto, veste de louvor em vez de espírito angustiado; a fim de

que se chamem carvalhos de justiça, plantados pelo Senhor para a sua glória (Isaías 61.1-3).

Essas palavras foram reverberadas em parte por Jesus, no sermão do monte: "Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados" (Mateus 5.4).

O ministério do Messias envolve um ministério de consolação. Ele veio a este mundo curar os quebrantados de coração e consolar a todos quantos choram. É o Messias, o próprio Jesus Cristo, quem é o Parácleto. Foi somente por ocasião de sua partida anunciada deste mundo que ele proclamou o envio de "outro" Parácleto.

QUE É UM PARÁCLETO?

Embora tenhamos esboçado um breve perfil do papel consolador do ministério de Cristo, voltamo-nos agora do conceito básico de consolação para o título do próprio Parácleto.

O termo *Parácleto* tinha um uso rico e variado no mundo antigo. Esse vocábulo se deriva de um prefixo (*para*) e da raiz (*kalein*), os quais termos gregos, juntos, significam "alguém chamado para o lado de".

No mundo antigo, um parácleto era alguém convocado para dar ajuda em um tribunal de justiça. Esse é o sentido central conforme o qual a palavra é usada em 1 João:

Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado (Parácleto) junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo (2.1).

Nesse trecho bíblico, a palavra grega traduzida por "Advogado" é parákletos. Nesta passagem, não resta dúvida que foi Jesus, e não o Espírito Santo, quem foi

chamado de Parácleto.

Nesta passagem, igualmente, o Parácleto é um Advogado que nos representa perante o tribunal de Deus. A tremenda verdade, ensinada no Novo Testamento, é que quando nos pusermos no tribunal de Deus, o juiz presidente em nosso julgamento será o Senhor Jesus. Ao mesmo tempo, nosso Advogado de defesa também será o Senhor Jesus. Não é espantoso o pensamento de irmos ao tribunal quando estamos seguros no conhecimento que o juiz é, igualmente, nosso Advogado de defesa.

Vemos uma exibição gráfica no papel de Jesus como Advogado no registro do apedrejamento de Estêvão:

Sublevaram ao povo, aos anciãos e aos escribas e, investindo, o arrebatarem, levando-o ao Sinédrio. Apresentaram testemunhas falsas que depuseram: Este homem não cessa de falar contra o lugar santo e contra a lei (Atos 6.12,13).

Estêvão foi submetido à zombaria de um julgamento com acusações assacadas contra ele. A assembléia terrena comportou-se como um tribunal comprado. Depois que Estêvão apresentou um discurso tremendo em sua defesa, seus juizes reagiram com uma fúria sem freio:

Ouvindo eles isto, enfureciam-se nos seus corações e filhavam os dentes contra ele (Atos 7.54).

Em sua ira e hostilidade, aquele tribunal terreno se atirou em condenação contra Estêvão. Naquele preciso momento, pela graça de Deus, a Estêvão foi dada uma notável visão sobre o tribunal dos céus:

Mas Estêvão, cheio do Espírito Santo, fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus, e Jesus, que estava à sua

direita, e disse: Eis que vejo os céus abertos e o Filho do homem em pé à destra de Deus (Atos 7.55,56).

Disse Estêvão: "Eis que vejo..." Mas eles jamais poderiam ver o que Deus estava permitindo que os olhos de Estêvão testemunhassem.

A Igreja cristã tem uma importante doutrina chamada a Sessão (no latim, *sessio*) de Cristo. A sessão de Cristo refere-se à sua exaltada posição de estar sentado à mão direita de Deus Pai. Essa sessão envolve a investidura de Cristo com autoridade cósmica. Ele ocupa o assento de autoridade preeminente. De seu assento, à mão direita de Deus Pai, Jesus exerce domínio real e poder judicial. Ele é tanto Rei como é Juiz.

Entretanto, na visão de Estêvão, Jesus não estava sentado. Estava de pé. Em um salão de tribunal, o juiz fica assentado por detrás de sua escrivaninha. As únicas ocasiões em que o juiz se põe de pé é quando ele entra ou sai do salão do tribunal. Durante o próprio julgamento, o juiz permanece sentado. Quando o caso está sendo julgado, o promotor levanta-se para interrogar as testemunhas, ou para dirigir-se aos jurados, ou para aproximar-se da escrivaninha do juiz. Por igual modo o advogado de defesa, levanta-se quando chega a sua vez de defender o acusado.

A suprema ironia da visão de Estêvão foi que no mesmo momento em que o tribunal terreno o condenava à morte como um herege teológico, o Príncipe da Teologia levantou-se na corte celestial para defender o caso de Estêvão diante do Pai. Quando Jesus se levantou, levantou-se como Advogado de Estêvão. Ele é o Parácleto de Estêvão no céu.

O que Jesus fez por Estêvão não foi um caso isola-

do. Ele faz a mesma coisa por todos quantos são de seu povo. Ele é o nosso Advogado, agora mesmo.

O papel de Jesus como nosso Advogado diante do Pai é tão importante que não ousaremos permiti-lo ser obscurecido em nossa compreensão sobre o ministério do Espírito Santo como Parácleto.

O Espírito Santo é nosso "outro" Parácleto, nosso Advogado sagrado. Em seu papel de Parácleto, ele realiza mais de uma tarefa.

Em primeiro lugar, o Espírito Santo nos ajuda a nos dirigirmos ao Pai:

Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos (Romanos 8.26,27).

Um dos ingredientes mais vitais da oração é que as nossas orações devem acompanhar a vontade de Deus. A própria oração é uma forma de adoração. Deus requer que nossa adoração seja feita em espírito e em verdade. Assim como desfrutamos de dois Advogados que operam junto ao Pai, assim também possuímos dois Intercessores junto ao Pai. O Espírito Santo ajuda-nos a orar devidamente ao Pai.

No jargão popular secular, um advogado algumas vezes é chamado de "porta-voz". Lembremo-nos do temor que sobreveio a Moisés quando Deus o chamou para liderar o povo de Israel, no êxodo, para fora do Egito. Moisés estava perturbado diante de seus sentimentos de incapacidade como orador. E Moisés clamou ao Senhor:

Ah! Senhor! Eu nunca fui eloqüente, nem outrora, nem depois que falas te a teu servo; pois sou pesado de boca e pesado de língua. Respondeu-lhe o Senhor: Quem fez a boca do homem? ou quem faz o mudo ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o Senhor? Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca, e te ensinarei o que hás de falar (Êxodo 4.10-12).

E como Moisés continuasse a protestar, Deus prometeu dar-lhe seu irmão, Aarão, como seu porta-voz:

Tu, pois, lhe falarás e lhe porás na boca as palavras; eu serei com a tua boca e com a dele, e vos ensinarei o que deveis fazer. Ele falará por ti ao povo; ele te será por boca... (Êxodo 4.15,16).

Vemos aqui o Criador da boca do homem baixando-se para ajudar seus filhos que não sabem falar. O Espírito Santo é o nosso Paráclito, não somente diante do Pai, mas igualmente defronte dos homens. Aquilo que Deus prometeu a Moisés, no Antigo Testamento, foi substancialmente prometido a todos os filhos de Deus no Novo Testamento.

Jesus prometeu a seus discípulos;; que em seus momentos de crise, o Espírito Santo estaria presente, para ajudá-los a falar diante dos homens:

Quando, pois, vos levarem e vos entregarem, não vos preocupeis com o que haveis de dizer, mas o que vos for concedido naquela hora, isso falai; porque não sois vós os que falais, mas o Espírito Santo (Marcos 13.11).

Vemos, pois, que o Espírito Santo serve de nosso Advogado ou Paráclito perante o pai, tanto quanto perante os tribunais deste mundo.

Ao mesmo tempo em que o Espírito Santo opera a fim de defender-nos, ele opera para convencer o mundo do pecado. Ele é o nosso Advogado de defesa, ao mesmo tempo em que exerce o papel de Promotor, em suas acusações contra o mundo:

Quando ele vier convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo; do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais; do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado (João 16.8-11).

Vemos, pois, que em seu papel de Paracleto, a tarefa primária do Espírito Santo é forense ou legal. Essa dimensão de sua atividade é coerente com sua natureza e seu caráter. Ele é o Espírito da verdade e o Espírito da santidade. O Espírito dá testemunho quanto à verdade de Cristo. A incredulidade em Jesus é um pecado. O mundo, portanto, é convencido do pecado da incredulidade. Nas acusações do Espírito contra o mundo, ele, ao mesmo tempo, opera a fim de redimir-nos através de Cristo. O Espírito Santo sempre se põe ao lado da verdade e da retidão.

O PARÁCLETO E A CONSOLAÇÃO

Quando vemos que o papel primário do Paracleto é o de um conselheiro defensor, admiramo-nos como isso é vinculado ao conceito de conforto e de consolação.

Conforme já pudemos ver, há um elo lingüístico entre a expressão *a Consolação de Israel* e o título *Paracleto*. Tanto a palavra *consolação* quanto o título *Paracleto* são derivados das mesmas formas verbais (*consolação* é *paráklesis* no grego).

Embora seja importante *distinguir* entre a obra de consolação do Espírito e a sua obra como Intercessor, na qual ele nos ajuda diante de Deus e dos homens, não podemos, realmente, *separar* essas duas obras. Parte da consolação que usufruímos é o conhecimento certo de que o Espírito Santo é chamado para estar ao nosso lado em tempos de provação.

Todavia, há uma outra distinção crítica que deve ser gravada em nossas mentes. Quando pensamos em consolação, usualmente pensamos em termos de receber ministração depois de termos sido ofendidos ou feridos. Uma mãe consola um filho que chora. A nós é dado consolo pelo Espírito, quando nos lamentamos.

Sem dúvida, o Espírito Santo opera esses atos ternos de ministério em favor do povo de Deus. O Espírito é o Autor de uma paz que ultrapassa todo o entendimento. Mas em seu papel de Paráclito, o Espírito faz alguma coisa para nos ajudar, *antes* de sermos feridos. Ele opera para prover-nos forças para a batalha, além de consolar-nos terminada a batalha.

O título *Paráclito*, na tradução de Almeida, foi traduzido pela palavra *Consolador* ou *Advogado*. A maior parte das traduções ou versões modernas, tanto em português como em outros idiomas, substitui essa palavra por outras, como Conselheiro, Intercessor ou Advogado. Isso não reflete um erro na tradução de Almeida. Antes, chama a atenção para a mutabilidade das línguas humanas vivas. Nossas formas comuns de linguagem tendem a passar por transições conforme o uso popular vai se modificando.

Pense, por exemplo, no uso da palavra "esmola". Ela já se referiu a uma dádiva de caridade, mas hoje sig-

nifica mais uma dádiva insignificante, de valor muito pequeno. A própria palavra "caridade", que originalmente traduzia "amor", passou a ser entendida como "assistência social".

Algo semelhante evoluiu na compreensão da palavra "consolação". Pois pensamos em confortar quase totalmente em termos de ministrar às nossas tristezas e lamentações por meio de um terno apoio. A palavra vem do latim. Ela tem um prefixo (*com*, cujo sentido é "com") e uma raiz (*fortis*, que significa "forte"). Portanto, originalmente essa palavra significava "com força". Assim sendo, um consolador era alguém que vinha dar forças para a batalha, e não tanto apoio, após terminada a batalha.

Naturalmente, o Espírito de Deus faz ambas as coisas. Ele é a fonte mais terna de consolação que uma pessoa ferida, derrotada ou atacada pela tristeza pode conhecer. Mas a ênfase sobre a obra do Paráclito prometido é que ele virá para dar-nos forças e ajuda para a batalha.

Algumas vezes ouve-se a expressão: "Esse não é meu ponto forte". Quando uma pessoa diz isso, ela está declarando que é fraca em determinada área. Forte é palavra usada popularmente como sinônimo para força.

Em termos bíblicos o Espírito Santo é que é nosso ponto forte. Ele é aquele de quem derivamos as nossas forças. É porque o prometido Espírito Santo veio e agora habita conosco que as Escrituras podem declarar:

Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou (Romanos 8.37).

Uma das ironias da História encontra-se na crítica contra o cristianismo, pelo filósofo alemão Frederick Nietzsche. Nietzsche queixou-se que o cristianismo é uma

religião caracterizada pela fraqueza, uma religião que leva os homens a negarem seu impulso mais fundamental, a "vontade de demonstrar poder".

Ao declarar a morte de Deus, Nietzsche disse que Deus morreu de pena. Pena, ternura e timidez de joelhos teria sido o legado do cristianismo ao mundo. Nietzsche conclamou uma nova humanidade que seria inaugurada pelo super-homem. A principal característica do super-homem seria a coragem. Acima de tudo o mais, o super-homem seria um conquistador.

Eis aí a ironia do capítulo oitavo da epístola aos Romanos. Quando Paulo disse que somos "mais que vencedores", são necessárias, em português, três palavras para traduzir uma única palavra grega. A palavra grega é *hupernikon*; o prefixo *huper*, chegou ao português como "hiper". Literalmente, Paulo escreveu que os crentes não são apenas vencedores, eles são "hipervencedores" (A tradução latina do termo grego *hupernikon* é *supervincemus*. Por conseguinte, o latim realmente diz: "Somos supervencedores").

Se Nietzsche estava procurando super-homens, ele os acharia naqueles que têm sido fortalecidos pelo poder e pela presença de Deus Espírito Santo em suas vidas, o Espírito que é convocado para o nosso lado, para transmitir-nos força.

De fato, em nós mesmos, como crentes, somos uma massa de fraqueza. Mas eis que ouvimos de novo a promessa que Cristo fez à sua Igreja:

Mas receber eis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra (Atos 1.8).